

Roberto Camargos Malcher Kanitz

**VILLA NOVA ATHLETIC CLUB: HISTÓRIAS DO FUTEBOL
OPERÁRIO EM MINAS GERAIS (1908 - 1952)**

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG
2017

Roberto Camargos Malcher Kanitz

**VILLA NOVA ATHLETIC CLUB: HISTÓRIAS DO FUTEBOL
OPERÁRIO EM MINAS GERAIS (1908 - 1952)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG
2017

Tese intitulada “Villa Nova Athletic Club: histórias do futebol operário em Minas Gerais (1908 - 1952)”, de autoria do doutorando Roberto Camargos Malcher Kanitz, apresentada ao Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Estudos do Lazer, defendida e aprovada em 15 de dezembro de 2017, pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Cleber Augusto Dias – UFMG (Orientador)

Prof. Dr. Élcio Lourenço Cornelsen – UFMG (Titular interno)

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva – UFMG (Titular interno)

Prof. Dr. Rodrigo Caldeira Bagni Moura – IFMG (Titular externo)

Prof. Dr. Milton Pinheiro – UNEB (Titular externo)

Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama – UFMG (Suplente interno)

Prof^a Dr^a Sarah Teixeira Mayor – UFJF (Suplente externo)

K16v Kanitz, Roberto Camargos Malcher
2017 Villa Nova Athletic Club: histórias do futebol operário em Minas Gerais (1908 - 1952). [manuscrito] / Roberto Camargos Malcher Kanitz - 2017.
172 f., enc.: il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 163-172.

1. Lazer - Teses. 2. Futebol - Aspectos sociais - Teses. 3. Trabalhadores - Teses. 4. História - Teses. I. Dias, Cleber Augusto Gonçalves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: nº 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

HOMENAGEM

Este trabalho é uma homenagem a todos os operários da Mina de Morro Velho que lutaram, jogaram e não se conformaram. Em especial as viúvas e família dos operários que morreram, de doença ou por acidente, vítimas da ganância do capital monopolista.

DEDICATÓRIA

À minha amada filha Sarah, luz da minha vida!

“A história da sociedade, até aos nossos dias, é a história da luta de classes.”

Karl Marx

AGRADECIMENTOS

Apesar do doutorado ser um processo muito solitário, muito angustiante; sempre há pessoas e grupos com as quais interagimos, e que ajudaram e/ou influenciaram na construção desta tese. Segue a eles e elas, meus agradecimentos:

Ao povo brasileiro, que mais uma vez, arcou com meus estudos em uma Universidade Pública;

Ao meu pai e a minha mãe (*in memoriam*) por terem me dado tudo que precisei pra enfrentar os desafios da vida e ser um homem feliz;

A minha companheira Janaína, pelo apoio incondicional, carinho e compreensão;

A minha irmã querida, Renata Kanitz, por sempre acreditar tanto em mim, mais que eu mesmo;

Ao Cleber, meu orientador, pelas excelentes e fundamentais conversas, e por me ensinar a estabelecer relações horizontais e respeitadas entre orientador e orientando;

Aos meus/minhas colegas do Grupo de História do Lazer – HISLA, pelos encontros tão frutíferos, e por reforçar a ideia de que não se faz história sozinho;

Ao mestre Boca, também conhecido como Prof. Dr. Walter Ude, por ter me acolhido no mestrado, me ensinado a escrever academicamente, e aos papos a respeito do mundo, a ciência e a nossa querida capoeira. Sem isso não chegaria onde estou;

Aos meus companheiros e companheiras do Departamento de Ciência do Movimento Humano – DCMH/UEMG, em especial a minha chefe Juliana Bohnen Guimarães e ao coordenador do colegiado do curso de Educação Física Luciano Silveira Coelho, pelo apoio durante todo o doutorado, e pela fundamental liberação integral no 2º semestre deste ano, imprescindível para a conclusão deste trabalho;

As minhas amigas e colegas de trabalho do Laboratório de História da Educação Física e do Grupo de Pesquisa em História do Corpo, da Educação Física e dos Esportes da UEMG - Cassia Danielle Monteiro Dias Lima, Marina Guedes Costa e Silva, e Luciana Bicalho pelos diálogos férteis e desafiadores;

Ao corpo de professores, professoras e estudantes do Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer da UFMG, em especial aos professorxs e amigxs: José Alfredo Debortoli, Helder Ferreira Isayama e Christiane Lucce Gomes, pela construção de novos e importantes conhecimentos, tanto no mestrado como no doutorado;

Aos meus bolsistas de iniciação científica e orientandos de TCC pelo auxílio na coleta de fontes;

A querida prof^a Ivana Montandon Soares Aleixo, por ter me dado a primeira oportunidade de trabalhar no ensino superior, e descobrir essa maravilhosa e desafiadora tarefa de auxiliar na formação de seres humanos;

Ao querido amigo e professor Tarcísio Mauro Vago, por me apresentar o encantador campo da pesquisa histórica;

A FAPEMIG e ao programa de Capacitação de Recursos Humanos PCRH/UEMG, pela meia bolsa concedida;

A todos e todas que, de alguma forma, me ajudaram a cumprir esta tarefa.
Muito obrigado!!!

RESUMO

Este trabalho reconstitui o percurso histórico do Villa Nova Athletic Club, time de origem operária criado oficialmente no ano de 1908, até o início da decadência da agremiação no início da década de 1950. O objetivo principal desta tese é analisar e problematizar o Villa Nova como estratégia de controle dos corpos dos operários da Mina de Morro Velho. O que nos permitirá conhecer mais a respeito do fenômeno de criação de clubes operários em Minas Gerais, nas décadas de 1930 e 1940. Para tanto, se constituíram como principais fontes os periódicos mineiros e cariocas disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, assim como o acervo precioso da Coleção Linhares, também disponível digitalmente. Os livros “Mina de Morro Velho: a extração do homem”, da Yonne de Souza Grossi, e “Futebol no embalo da nostalgia”, de Plínio Barreto, além do livro do memorialista Wagner Augusto Álvares de Freitas, intitulado “Villa Nova: 100 anos de glória em vermelho e branco” foram fundamentais para construção deste trabalho, cada qual abordando uma dimensão do objeto investigado. O livro de Lira Neto, “Getúlio (1930-1945): do governo provisório à ditadura do Estado Novo”, apresentou-se como essencial para me ajudar a capturar o clima político de época e perceber que na região central de Minas Gerais ocorriam fenômenos muito semelhantes com o restante do País, em consequência da forte política Vargasista. Foi possível perceber ainda que, apesar de todas as intencionalidades da multinacional inglesa e das políticas estatais, o conjunto de operários da Mina de Morro Velho resistiu e não se pacificou. Muitos se organizaram em sindicatos, realizaram marchas, e até morreram na luta por melhores condições de vida. Destarte, conclui que a política nacional e o futebol como estratégias de controle dos corpos dos operários eram pilares indissociáveis na construção dessa nova sociedade pretensamente industrializada que se apresentava, e a

história das primeiras décadas do Villa Nova Athletic Club não poderia ser apartada de todo esse complexo campo de disputas hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol Operário, Villa Nova, Estado Novo, Nova Lima, Controle dos corpos.

RESUMEN

Este trabajo reconstituye el recorrido histórico del Villa Nova Athletic Club, equipo de origen obrero creado oficialmente en el año 1908, hasta el inicio de la decadencia de la agremiación a principios de la década de 1950. El objetivo principal de esta tesis es analizar y problematizar el Villa Nova como estrategia de control de los cuerpos de los obreros de la Mina de Morro Velho. Lo que nos permitirá conocer más acerca del fenómeno de creación de clubes obreros en Minas Gerais en las décadas de 1930 y 1940. Para ello se constituyeron como principales fuentes los periódicos mineros y cariocas disponibles en la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional, el acervo precioso de la Colección Linhares, también disponible digitalmente. Los libros "Mina de Morro Velho: a extração do homem", de la Yonne de Souza Grossi, y " Futebol no embalo da nostalgia", de Plínio Barreto, además del libro del memorialista Wagner Augusto Álvares de Freitas, titulado "Villa Nova: 100 anos de glória em vermelho e branco" fueron fundamentales para la construcción de este trabajo, cada uno abordando una dimensión del objeto investigado. El libro de Lira Neto, " Getúlio (1930-1945): do governo provisório à ditadura do Estado Novo", se presentó como esencial para ayudarme a capturar el clima político de época y percibir que en la región central de Minas Gerais ocurrían fenómenos muy similares con el resto del país, como consecuencia de la fuerte política Varguista. Fue posible percibir que, a pesar de todas las intencionalidades de la multinacional inglesa y de las políticas estatales, el conjunto de obreros de la Mina de Morro Velho resistió y no se pacificó. Muchos se organizaron en sindicatos, realizaron marchas, e incluso murieron en la lucha por mejores condiciones de vida. De este modo, concluye que la política nacional y el fútbol como estrategias de control de los cuerpos de los obreros eran pilares indisociables en la construcción de esta nueva sociedad pretensadamente industrializada que se presentaba, y la historia de las primeras décadas del

Villa Nova Athletic Club no podía ser apartada de todo ese complejo campo de disputas hegemónicas.

PALABRAS CLAVE: Fútbol Obrero, Villa Nova, Estado Novo, Control de los cuerpos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Sportman</i> José Gonçalves	p. 50
Figura 2 – Primeira formação do Villa Nova Athletic Club	p. 54
Figura 3 – Morro Velho Foot-Ball Club	p. 58
Figura 4 – Anúncio de Grande excursão a Minas Geraes	p. 62
Figura 5 - Time do Villa Nova A. C. no ano de 1913	p. 76
Figura 6 - Desfile de primeiro de maio no campo do Vasco da Gama	p. 90
Figura 7 – Desfile dos jogadores do Bangu A. C.....	p. 91
Figura 8 – Time do Villa Nova A. C. no ano de 1933	p. 100
Figura 9 – Os jogadores Perácio, Alfredo e Zezé	p. 102
Figura 10 – Time do Villa Nova de 1934	p. 103
Figura 11 – Alunos do Colégio Arnaldo	p. 107
Figura 12 – Morro Velho Athletic Club em excursão ao Rio de Janeiro	p. 108
Figura 13 – Foto do <i>sportman</i> Castor Cifuentes	p. 111
Figura 14 – Seleção Mineira de futebol (1941).....	p. 114
Figura 15 – Os “bravos rapazes” do Metalusina Esporte Clube	p. 142
Figura 16 – Time do Villa Nova A. C., Campeão de 1951	p. 154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: NOS TRILHOS E RASTROS DA FORMAÇÃO DE UM CLUBE OPERÁRIO.....	18
CAPÍTULO I – A FORMAÇÃO DE UM CLUBE OPERÁRIO DE FUTEBOL.....	37
1 O Futebol chega às Terras Tupiniquins.....	38
1.1 <i>A dupla revolução e o antigo esporte bretão.....</i>	<i>38</i>
1.2 <i>O futebol como distintivo de Classe.....</i>	<i>42</i>
1.3 <i>Os jovens Charles Miller, Oscar Cox e Vitor Serpa.....</i>	<i>45</i>
1.4 <i>Os comunistas também chegam em Minas Gerais.....</i>	<i>52</i>
2 O Alvirrubro de Nova Lima.....	54
2.1 <i>Nova Lima, Mina de Morro Velho e a Saint John Del Rey.....</i>	<i>59</i>
2.2 <i>“Created by England” e o controle dos corpos.....</i>	<i>69</i>
CAPÍTULO II - A ASCENÇÃO DO CLUBE SUBURBANO.....	78
1 Os últimos anos do futebol amador em Minas.....	80
1.1 <i>Vargas e o futebol: política e controle dos corpos dos operários.....</i>	<i>81</i>
1.2 <i>O Leão ruge alto: a década vitoriosa do Villa Nova Athletic Club.....</i>	<i>92</i>
1.3 <i>Os primeiros anos do profissionalismo em Minas Gerais.....</i>	<i>97</i>
1.4 <i>O Esporte Clube Siderúrgica e o vice-campeonato de 1937.....</i>	<i>104</i>
1.5 <i>O Villa Nova circula pelo Brasil.....</i>	<i>106</i>
2 O presidente Castor Cifuentes, a cancha do Bonfim e a mineradora.....	110
3 O outro lado da moeda: A cidade, a mina e o sindicato.....	117
3.1 <i>Um “Inferno Dantesco”.....</i>	<i>117</i>
3.2 <i>Nova Lima: violência, o “homem-fera” e outros crimes de sangue.....</i>	<i>120</i>
3.3 <i>Os vermelhos também entram em cena.....</i>	<i>122</i>
CAPÍTULO III – VILLA NOVA E O FENÔMENO DOS CLUBES OPERÁRIOS.	127

1 O alvirrubro luta nos campos.....	128
1.1 <i>O Leão volta a rugir.....</i>	<i>131</i>
1.2 <i>Ressurge a esperança.....</i>	<i>135</i>
1.3 <i>A segunda tentativa.....</i>	<i>138</i>
1.4 <i>Ainda não foi daquela vez.....</i>	<i>141</i>
2 Entre greves, acidentes e tiroteios.....	144
2.1 <i>A empresa, a democracia e os lutadores do povo.....</i>	<i>144</i>
3 O último suspiro do time da terra do ouro.....	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS: À GUIA DE CONCLUSÕES.....	158
REFERÊNCIAS.....	163

INTRODUÇÃO: NOS TRILHOS E RASTROS DA FORMAÇÃO DE UM CLUBE OPERÁRIO

“O típico historiador da classe operária é um pesquisador ou professor universitário, embora isso também não seja sempre verdadeiro. Historiadores da classe operária, assim, situam-se num ponto entre o encontro entre os estudos acadêmicos e a política, entre o compromisso de ordem prática e compreensão teórica, entre interpretar o mundo e transformá-lo.”

Erick Hobsbawm

O futebol, nos tempos modernos, possui um rico campo de investigação científica. Poucos divertimentos ou espetáculos artísticos comparam-se ao esporte bretão no Brasil, e poderíamos dizer, em muitos outros lugares no mundo.

Como prática corporal, está tão presente no cotidiano do brasileiro que, de tão falado, tão visto, tão vivenciado (seja como praticante ou como espectador), corremos até o risco de naturalizá-lo, podendo assim nos tornar incapazes de estranhá-lo ou de nos deixar surpreender pelo seu encantamento ímpar.

Nesta perspectiva, como desenho de pesquisa, me ocuparei de entender como desenvolveu-se a criação e o fomento do clube operário Villa Nova Athletic Club, em Nova Lima - Minas Gerais. Incluo aqui, além da investigação desta prática esportiva (o jogar bola, com suas regras), o espetáculo em si, nos estádios; fechando um leque de ações intencionais da educação e controle dos corpos dos trabalhadores por parte da empresa patrocinadora do time.

Dessa forma, a tese central deste modesto estudo será comprovar, mesmo que parcialmente, como o modelo esportivo serviu como importante estratégia de controle dos corpos dos operários da Mina de Morro Velho, nas décadas onde o fenômeno de criação e fomento de clubes desta categoria tiveram uma significativa relevância em Minas Gerais, na região central do Estado. Suponho que fenômenos muito semelhantes ocorreram em várias regiões do Brasil, mas não nos ocuparemos delas.

Esclareço que me afastarei das visões maniqueístas que buscam indicar e rotular qualquer ação nesse sentido a partir do binômio: espetáculo esportivo *versus* alienação do povo. Analisarei as tensões e acordos existentes entre os sujeitos e as instituições envolvidas, as concessões, as resistências, as negociações, as aproximações e os afastamentos; numa perspectiva mais aprofundada.

Posso inferir que, o futebol como conhecemos hoje, neste contexto, se apresentou para a pequena cidade mineira de Nova Lima e para os operários da Mina de Morro Velho como um complexo campo simbólico, composto de diversas narrativas - míticas e ideológicas. Anuncio, destarte, que lidarei com um objeto de pesquisa referendado secularmente na nossa cultura. E que, apesar de possuir raízes europeias, está absolutamente emaranhado na dinâmica da sociedade Brasileira.

Desta maneira, compreender, de forma significativa, como o processo de criação do clube de futebol se desenvolveu, perceber onde e em quase momentos da história do Villa Nova a luta de classe ficou mais evidenciada, notar os esforços burgueses de apaziguamento e controle, entre outros; significa adentrar pelas vias sinuosas das linguagens sociais, onde metáforas, metonímias, alegorias, símbolos, signos são indissociáveis da sua constituição.

Digo isso porque não encontrei um documento que diga, claramente, que a intenção da empresa em questão é de controle dos corpos dos operários. Isso foi sendo revelado paulatinamente, na manipulação das fontes, no escovar a contrapelo dos fragmentos da história.

O controle dos corpos dos operários

Um dos principais conceitos que utilizarei para a análise do fenômeno em tela é o do controle dos corpos. Anuncio que este controle não está claramente escrita em documentos oficiais, ou na fala dos protagonistas dos processos sociais. Ela acontece de forma sutil e refinada.

Mas antes disto, vamos entender o que chamo aqui, neste trabalho, de corpo. David LE BRETON (2006, p. 30) nos explica:

A designação do corpo, quando é possível, traduz de imediato um fato do imaginário social. De uma sociedade para outra, a caracterização da relação do homem com o corpo e a definição dos constituintes da carne do indivíduo são dados culturais cuja variabilidade é infinita.

Portanto, não tratarei aqui apenas do corpo biológico, mas desse corpo carregado de símbolos, inscrito culturalmente. Então, o controle dos corpos dos operários da Mina de Morro Velho estava sendo moldada, exemplificada pelo estatuto esportivo. Seus ícones eram os jogadores do Villa Nova, clube vitorioso no cenário mineiro. É destes corpos e desta forma de controle que tratarei ao longo desta tese.

A Historiografia e os historiadores

Existem várias formas de se fazer história. Como ciência humana, ela é disputada por diversos paradigmas. Sendo assim, entendendo que fazer ciência, de uma forma geral, ao longo de décadas, significou: realizar a quantificação dos dados da realidade, garantir a universalidade e a objetividade do conhecimento. Na azáfama da universalidade do saber científico, excluiu-se o sujeito e suas práticas corporais do conhecimento cientificamente valorizado, e por consequência, suas dimensões históricas e sociais.

Corroborando este paradigma, o universo dos historiadores e memorialistas do futebol ainda se utiliza de uma historiografia tradicional, onde a narrativa procura ser ampla, de longa duração e o mais universal possível. Uma história contada para se

exaltar os feitos deste ou daquele grupo social e suas ações, uma história vista de cima.

Nesse sentido, Roger CHARTIER (1990, p. 17) nos chama a atenção, quando afirma que:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Desta forma, acredito que o objetivo do pesquisador é apreender a essência, ou seja, a estrutura e a dinâmica do objeto. José Paulo NETTO (2011, p. 22), nos orienta:

[...] O método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando sua síntese, o pesquisador reproduz no plano do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador reproduz no plano ideal, a essência do objeto que investigou.

Sendo assim, entendo que a distinção entre essência e aparência é fundamental para os estudos do objeto aqui proposto. A interpretação, tão necessária à historiografia, deve estar rigorosamente aliançada com as fontes e seus limites, entendendo sempre que a tarefa, por ser humana, está fatalmente inclinada ao erro, a análise tendenciosa e aos conceitos e preconceitos do historiador.

Frente a isto, posso arriscar dizer que as histórias do futebol no Brasil e em Minas Gerais estão carregadas de mitos e narrativas interessadas, pois são realizadas, em sua maioria, por sujeitos afastados do método científico e dialético. Todavia, cabe a nós, pesquisadores da academia, checarmos as fontes, desvelarmos novos arquivos, desconfiando do que está posto como senso comum.

Quanto a isto, João Manuel Casquinha Malaia SANTOS e Maurício DRUMOND (2012, p. 31), também nos aponta:

[...] Até o final dos anos de 1970, as histórias do futebol brasileiro eram basicamente escritas fora da academia, principalmente por jornalistas e ex-atletas. Após este período, o tema começou a interessar as ciências sócias e humanas. Primeiramente, atraindo a atenção de sociólogos e antropólogos e, posteriormente, de historiadores.

Não estou inferindo que o trabalho historiográfico é superior, ou mais nobre que o ofício dos memorialistas, jornalistas e outros apaixonados pelo futebol. Apenas afirmo que ambos possuem natureza diferenciada, e metodologias distintas. Os grandes livros dos clubes são peças caríssimas a qualquer historiador do esporte. Por vezes, observamos um empenho e um cuidado na catalogação de fontes admiráveis.

Nessa direção, Marcus Aurélio TABORDA DE OLIVEIRA (2007) também nos alerta que o fazer historiográfico tem como objetivo entender e enfrentar os problemas humanos na história. Sendo assim, é no refinamento do seu próprio fazer, que o ofício de historiador poderá cumprir algum papel na direção de uma escrita afastada das formas episódicas, e/ou adeptas aos modismos da academia.

De outra forma, para efetivamente conseguir interrogar as fontes da pesquisa que estou me propondo realizar, e perceber as respostas nelas contidas foi necessário uma aproximação com uma história e uma historiografia que tenha como norte a investigação das práticas humanas. Essa nova forma de se fazer história próxima de Edward Palmer Thompson e Eric Hobsbawm, e que também está indicada por Jacques LE GOFF (1997, p. 98):

Os fundadores da Revista *“Annales d’histoire économique et sociale”* (1929), pioneiros de uma história nova, insistiram sobre a necessidade de ampliar a noção de documento: “a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos quando não existem. Com tudo o que o historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais.

Portanto, o historiador que se aproxima dessa forma de se produzir pesquisa, deve também estabelecer interface com algumas outras áreas do conhecimento. É necessário que ele dialogue com outros autores que não sejam especificamente do seu campo, para elaborar e constituir um repertório de saberes que o ajudem a qualificar seus questionamentos às fontes.

No meu caso, procurei me aproximar de autores que me ajudassem a perceber a tensão que havia entre a empresa multinacional de origem inglesa e seus trabalhadores. No bojo da luta de classes do período estudado, percebemos resistências e negociações. A questão aqui foi tentar ir para além dos formatos gerais, e dar voz aos sujeitos desta trama.

Com o objetivo de recuperar o que foi fragmentado e perdido inevitavelmente pelo tempo, eu e muitos historiadores têm se utilizado de periódicos, fotografias, relatórios, entre outros, que circulavam na época para construir uma historiografia de qualidade.

Esse alargamento das fontes permitiu aos pesquisadores tornar seus objetos possíveis de serem investigados, como observa Eliane Marta Teixeira LOPES (2001, p. 16):

A disposição para fazer história, ou para ler o mundo como um dispositivo historiador, parte, antes de mais nada, de uma disposição radical para ler, ver, ouvir e contar... o outro. Imersos em um presente que faz indagações, impõe questões, sugere temáticas, os pesquisadores atentos formulam problemáticas para a história: O que se fazia, por que se fazia, quem fazia, como se fazia alguma coisa em determinada época e em uma sociedade específica?

Especificamente, sobre os estudos da História do futebol no Brasil, podemos perceber que as formas superficiais e interessadas de realizar pesquisas sob essa temática têm sido superadas, outras fontes têm sido organizadas e sistematizadas, oferecendo outras interpretações ao saber historiográfico, ainda que em muitos espaços ainda apareçam trabalhos produzidos sob uma ótica tradicional ou laudatória. Entretanto, para March BLOCH (2001), mesmo o mais claro dos documentos só pode revelar algo quando sabemos interrogá-los.

Um grande ajuntamento de documentos e fontes não garante uma boa historiografia. Neste caso, é a pergunta e a crítica do conhecimento acumulado (NETTO, 2011) que realizamos, que determina uma boa ou má escrita da história. Desta maneira, são estes questionamentos que podem elevar ou diminuir a importância de uma informação retirada de uma fonte.

E ainda, são as diferentes vozes emanadas de diversos documentos reunidos e organizados como roteiros de pesquisa que permitem que o historiador preencha aqueles espaços para o melhor entendimento do processo histórico em tela. Não atentando para esse ponto, corre-se o risco de contar histórias no melhor estilo baú de curiosidades.

Atualmente, porém, a produção científica em história do esporte e da Educação Física tem ganhado densidade e aprofundamento teórico, em um fértil diálogo com a Nova História e com a história Social, como nos conta Andrea MORENO, Maria Cristina ROSA e Verona Campos SEGANTINI (2007, p. 277):

Assim, ainda que possamos reconhecer uma ampliação e aprofundamento significativo na produção historiográfica da Educação Física e do Esporte – superando um primeiro movimento marcado por estudos embrionários (sem metodologia propriamente historiográfica) e um segundo momento por ideologizações exacerbadas – consolidando, aos poucos, um redimensionamento no trato com a História, é preciso incansavelmente buscar o refinamento da produção científica.

Nesse sentido, penso o fazer historiográfico como uma operação, como nos inspira Michel CERTEAU (1995). De forma mais geral, existe a possibilidade de admitir que essa operação pode e deve ser realizada observando as práticas dos sujeitos no tempo e espaço determinados. Esse foco no humano apresenta-se como fundamental para o fazer historiográfico que me aproximo, pois, concordando com LE GOFF (1997, p. 95):

De fato o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.

De acordo com o autor e com outros historiadores, o passado, como ele se apresentou, está fatalmente perdido. Resta aos historiadores a recomposição da história, dentro de suas limitações, mas sempre tentando se aproximar da realidade concreta, na construção de um mosaico o mais fidedigno possível, a partir dos fragmentos encontrados nos *fiões e nos rastros* (Carlo GINZBURG, 2007).

Um documento pode (e deve) ser entendido como um produto da sociedade que o fabricou, de acordo com as relações de força de quem detinha o poder. Somente a

análise da fonte de forma crítica permite ao historiador usá-lo cientificamente, ou seja, com pleno conhecimento de causa. Esta premissa é fundamental para entendermos as relações entre imprensa e futebol - essa prática europeia, que ainda guardava cheiro de nova nos anos de 1930, em Minas Gerais.

Nesta perspectiva, a história que me interessa, a forma narrativa da qual eu me aproximo, é a história que procura analisar o que ocorreu ao invés de simplesmente descobrir o que aconteceu (ROBSBAWM, 1998), investigar a trama que precipitou determinado fenômeno.

Acompanhando o pensamento de CERTEAU (1995), para além da consulta e interrogação dos documentos oficiais produzidos, e aqui entendidos como fonte, apresenta-se como basilar que o olhar do historiador também esteja sempre atento aos silêncios, ao não-dito, e as intencionalidades de quem as produziu. Desta forma, o que foi silenciado pode nos dizer tanto quanto o que passou registrado para a história.

Por fim, entendo que a historiografia apresenta-se como uma busca, portanto uma escolha efetuada pelo pesquisador. Seu objeto, segundo LE GOFF (2001, p. 24) “não é o passado. ‘A própria noção segundo a qual o passado enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda’. Seu objeto é o ‘homem’, e mais precisamente ‘homens no tempo’”. Ou seja, no tempo do *Villa Nova Atlético Club*, da Saint John Del Rey Mining Company, da Mina de Morro Velho e dos seus operários do início do século XX em Nova Lima, Minas Gerais.

Construindo o problema de pesquisa

O Villa Nova Athletic Club, clube operário criado na primeira década do século XX, na cidade de Nova Lima, foi patrocinado desde a sua criação, em 1908, até a década de 1960, pela *Saint John Del Rey Mining Company Limited*, multinacional inglesa, exploradora da Mina de Morro Velho. A relação entre este clube e a empresa irá marcar, para sempre, a historiografia do futebol no Brasil, dado o

protagonismo do Villa Nova em nível estadual e nacional, no período estudado nesta tese.

Ao longo da pesquisa, da coleta de fonte, e da consulta a artigos, dissertações e teses sob a mesma temática, chamou-me atenção, além do Villa Nova Athletic Club, de Nova Lima; o surgimento ou incremento de uma quantidade expressiva de clubes de futebol com origem marcadamente operária nas décadas de 1930 e 1940, no Estado de Minas Gerais.

Como exemplo, destaco o Esporte Clube Siderúrgica, da cidade vizinha Sabará; O Metaluzina Esporte Clube, de Barão de Cocais; O clube criado a partir da mineradora estatal Vale do Rio Doce, o ValérioDoce Esporte Clube, de Itabira; União Recreativa dos Trabalhadores (URT), de Patos de Minas; O Social Olímpico Ferroviário, também da Capital; o Operário Futebol Clube, de Cataguases, o Club Ferro Brasileiro, de Santa Bárbara, entre outros.

Estes clubes foram apenas os que apareceram nas pesquisas por fontes, em diversos periódicos, a respeito do Villa Nova. Acredito que é necessário fazer-se um inventário dos clubes operários criados nas décadas de 1930 e 1940 para termos uma melhor dimensão deste fenômeno.

Dessa forma, observando este fenômeno, construí a hipótese de que, para controle dos corpos dos trabalhadores em Minas Gerais, de acordo com toda uma quadra política e social do período da Era Vargas, incentivou-se não a prática esportiva apenas, mas o clube de futebol de origem operária como elemento simbólico de organização, principalmente como alusão ao mundo do trabalho.

Simultaneamente, seus jogadores também serviam como exemplos de operários a serem seguidos. Destaco que, na perspectiva da análise das relações capital/trabalho, o modo capitalista não se apresenta apenas na produção e reprodução de mercadorias e de mais-valia, e sim na produção e reprodução de relações sociais (NETTO, 2012).

Sendo assim, mesmo com a ascensão de diversas agremiações de origem proletária nas décadas de 1930 e 1940, esse futebol observou também, em Minas Gerais, um declínio a partir dos últimos anos da década de 1950. Provavelmente houve uma alteração de estratégia de comunicação da burguesia com a população e seus operários. O esporte bretão havia ganhado outros contornos, mais focado no eixo Rio/São Paulo e, conseqüentemente, no fomento ao grande espetáculo. Os clubes dos Estados e as regionalidades, aos poucos, foram sendo abandonados pela mídia impressa mineira.

Na década de 1960, o Villa Nova, assim como a grande maioria dos clubes operários mineiros, tinham perdido o patrocínio da própria imprensa que tanto incentivou seu surgimento e organização. A empresa inglesa que operava a mina de Morro Velho vende sua exploração a um consórcio de empresas brasileiras, que decidem não patrocinar mais o Villa Nova e determinam assim seu declínio. O mesmo acontece com outros clubes de origem operária, como o Siderúrgica, de Sabará - patrocinado pela Belgo Mineira. Outros tantos desaparecem ou estabelecem outras relações com o futebol.

Coincidentemente, a política nacionalista de Getúlio Vargas também perde força, e um desenvolvimento mais focado na entrada em massa de empresas multinacionais, como as empresas automobilística, e outras próprias do período em que Juscelino Kubitschek esteve à frente do comando da nação; conferem uma outra dinâmica a ordem do capital e suas estratégias de mediação com a população.

Inicialmente, pensei em escrever uma história dos clubes operários da região central de Minas Gerais. Entretanto, a escolha pelo foco no *Villa Nova Athletic Club* foi estabelecida a partir das características de criação e desenvolvimento da agremiação. Além da observação da alta incidência de fontes na mídia impressa, também fui tocado pelas precárias condições de trabalho de seus operários na Minas de Morro Velho. Naquele ambiente ficava muito evidenciada a contradição capital/trabalho e, por consequência, a presença de um forte movimento político-operário e sindical na cidade mineira de Nova Lima. Desta forma, para alguns autores como: Marco Antonio Bettine de ALMEIDA; Renan Vidal MINA (2015); Sérgio

Dorenski Dantas RIBEIRO (2005); e Cristiane Silva FURTADO (2012); há por trás desse fenômeno aparentemente espontâneo, e podemos observar intencionalidades dos responsáveis pelas empresas no trato com seus operários.

Por outro lado, apesar da vontade e da intencionalidade dos gestores da empresa multinacional inglesa, os atletas operários (jogadores), os operários comuns, e uma parte significativa da população de Nova Lima resistia e subvertia as regras do jogo.

Tive também a possibilidade de perceber que, apesar de serem fenômenos muito parecidos, cada clube possuiu uma trajetória diferenciada e um diálogo singular com a cidade que os abrigava. Então, o estudo mais abrangente a respeito dos clubes operários estava descartado, naquele momento, e o Villa Nova Athletic Club escolhido como protagonista desta tese.

Sendo assim, discutir o futebol operário e todo universo simbólico que o acompanha como forma de divertimento e controle dos corpos destes trabalhadores, na primeira metade do século XX, significa entender dimensões que, além de representarem uma atividade interdisciplinar, constituíram ricas experiências de produção cultural. Para serem compreendidas na sua dinamicidade, necessitaram de uma análise criteriosa dos fragmentos da realidade que resistiram ao tempo, reconhecendo assim a diversidade de sentidos e significados atribuídos a esse campo de expressão humana.

Além desses aspectos aqui citados, observarmos que os focos da maioria das pesquisas históricas sobre esta temática elegem o Rio de Janeiro e São Paulo como os lugares privilegiados. E Belo Horizonte, entre outros aspectos e por questões históricas referentes à sua conformação, possui características especificidades que mereceram ser observadas. De acordo com Rodrigo Caldeira Bagni MOURA (2011, p. 25):

Pelas particularidades locais faz-se necessário que outros pesquisadores investiguem mais detidamente o final da década de 1930, e as décadas de 1940 e 1950, para fazer inferências mais contundentes aos impactos nas experiências dos sujeitos com a emergência do profissionalismo em Belo Horizonte, num período mais estendido.

Nesse sentido, tratou-se também de enfrentar o desafio de compreender a realidade que se apresentava, desvelar as práticas dos sujeitos envolvidos e a construção dos saberes que contribuíram para engendramento dessa trama.

Desta maneira, há fortes indícios de que o processo de profissionalismo em Minas Gerais, de certa forma, possa ter contribuído para a consolidação de uma tradição operária no esporte. Digo isto, porque o que havia antes de 1930 eram clubes pretensamente amadores, que em sua grande maioria rejeitavam os sujeitos vindos de uma classe social empobrecida.

Uma vez que o projeto belorizontino de futebol como distintivo de classe tinha fracassado, o profissionalismo permitiria ao pobre, ao analfabeto, ao negro, e outras minorias sociais de participarem do espetáculo sem pudores, sem “pó-de-arroz”¹ para disfarçar sua cor mais escura. Na relação capital-trabalho, eles continuariam na condição de explorados, e assim a ordem burguesa mantida.

Destarte, busquei elementos que possibilitaram contar uma história sobre este tradicional clube operário de Minas Gerais – o Villa Nova Athletic Club. Isto significou também se contrapor a uma historiografia que afirma que a prática do futebol estava associada apenas a elite brasileira, na sua origem. Esta afirmativa merece ser mais bem estudada, e não se esgotará nos limites desta tese.

Recolhendo e organizando os fragmentos: Os arquivos

O trabalho qualificado com as fontes e a formulação de perguntas do campo da Historiografia apresenta-se como tarefa primeira daqueles que se propõem a realizar uma operação histórica, como nos assevera Michel de CERTEAU (1995, p. 30): “[...] em história, tudo começa com o gesto de selecionar, de reunir, de, dessa forma, transformar em documentos determinados objetos distribuídos de outra forma. ”

¹Conta a história que o Fluminense havia contratado o jogador Carlos Alberto, em 1914, do América. O atleta se sentiu desconfortável por ser o único homem negro em um time de brancos. Dessa forma, ele decidiu passar pó de arroz no rosto antes das partidas, porém, justamente um jogo contra seu ex-club, o disfarce saiu com o suor e os torcedores do América passaram a apelidar os tricolores de pó de arroz. Disponível em: <http://torcedores.uol.com.br/>

Esta pesquisa documental concentrou-se nos documentos guardados na Hemeroteca Estadual Luiz de Bessa, no arquivo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, nos periódicos da Coleção Linhares, nas poucas imagens acessadas no Museu Abílio Barreto.

As palavras chave de procura em todos esses arquivos foram: Villa Nova, Futebol Operário, Mina de Morro Velho, *Saint John Del Rey Minning Company Limited*, Nova Lima, Siderúrgica, Greve, movimento operário. Ora inseridas de forma combinada, ora utilizadas separadamente.

Um dos principais arquivos consultados foi a Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, criada em 1954. Seu prédio materializou o projeto desenvolvido pelo arquiteto Oscar Niemeyer, no governo JK. Atualmente, o prédio faz parte do Circuito Cultural Liberdade, uma ação do Estado de Minas Gerais com o objetivo de reunir diversos espaços em torno da Praça da Liberdade.

A hemeroteca possui amplo acervo digitalizado, porém sua forma de consulta apresenta-se como desconfortável e pouco prática. Além disso, há uma cobrança em dinheiro caso o pesquisador resolva imprimir algum documento, o que não incentiva a pesquisa mais sistematizada. Nela priorizamos a consulta aos jornais: “Diário da Tarde” e “Estado de Minas”, em virtude da grande quantidade de exemplares disponíveis para consulta em sua forma original, e por serem veículos que mais se ocupavam de tratar do futebol e de outros esportes, em Minas Gerais.

No Arquivo Digital da Biblioteca Nacional, disponível para consulta pela internet, com a ajuda do mecanismo de busca, conseguimos coletar um número significativo de fontes oriundas de jornais de diversas regiões do Estado Mineiro, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Curiosamente, percebemos uma maior ocorrência de notícias em jornais que não eram da capital.

Com relação aos jornais cariocas e mineiros, um pesquisador americano – John D. WIRTH (1982, p.131), nos explica melhor a respeito do panorama referente ao mercado de periódicos, neste período:

[...] os jornais mineiros eram esmagadoramente localistas e limitados a pequenas tiragens. A circulação de alguns poucos jornais diários fora de Belo Horizonte e Juiz de Fora é explicada pela pequena base econômica fornecida pelos mercados compartimentalizados do estado. Devido à pobreza de comunicação, os jornais da capital não circulavam além de Belo Horizonte e sua periferia, só o fazendo no final da década de 1920. Os líderes estaduais continuamente lamentavam o fato de grandes áreas de Minas serem servidas com mais eficiência pelos diários de Ri e São Paulo. A própria cidade de Belo Horizonte estava firmemente inserida na órbita do Rio, enquanto o Triângulo e o Sul dependiam dos jornais paulistas.

O que observei na pesquisa foi exatamente isto: a imprensa carioca parecia mais bem preparada, mais interessada até nos assuntos futebolísticos do que a provinciana imprensa belorizontina. As crônicas eram mais completas, assim como as reportagens.

Os periódicos consultados de Minas Gerais foram: *Correio da Semana* (Lafaiete), *Correio de Uberlândia*, *Gazeta de Paraopeba*, *O Repórter* (Uberlândia), e o *Jornal Lavoura e Comércio*, de Uberaba, cujo destaque pela ampla cobertura e difusão do futebol de Minas Gerais, superior em forma e conteúdo aos jornais da capital.

Do Rio de Janeiro, consultamos os jornais: *A Noite*, *Diário Carioca*, *Diário da Noite*, *Jornal do Brasil*, *Jornal dos Sports*, *O Globo Esportivo*, *O Jornal e Gazeta de Notícias*. Além desses periódicos, a revista especializada *Sport Illustrated* foi uma ótima fonte de informações. Por fim, em São Paulo consultamos o jornal *Mundo Esportivo*.

Principalmente durante o período da Segunda Grande Guerra, os periódicos em Minas Gerais cessaram sua circulação durante longos períodos. Este fato interferiu na metodologia inicialmente projetada.

Entretanto, a Coleção Linhares², disponível digitalmente, apresentou-se como alternativa interessante a este vácuo temporal, e para garantirmos também a regionalidade das notícias. Os jornais onde encontrei correspondência com a pesquisa, nessa base de dados, foram: *O Acadêmico*, *O Chronista*, *Diário da Tarde*, *Correio do Dia*, *Correio dos Estudantes*, *O Debate*, *Diário da Tarde*, *Diário de Minas*, *Diário Esportivo*, *O Diário*, *O Esporte*, *Estado Novo*, *Folha da Tarde*, *Folha de Minas*, *Folha do Dia*, *Folha Esportiva*, *Fuzaca*, *Gazeta da Floresta*, *Gazeta Mineira*, *Goal!*, *O Facho* (jornal comunista) e *O Foot-Ball*.

Por fim, mesmo com uma ocorrência menos expressiva que os outros arquivos, o Museu Histórico Abílio Barreto – MHAB, configurou-se como um importante espaço para pesquisa. As origens do MHAB datam de 1935, quando o jornalista e escritor Abílio Barreto foi convidado a organizar o Arquivo Geral da Prefeitura. Ele passou a recolher documentos e objetos que deveriam integrar o futuro museu da história da cidade e, a partir de 1941, reuniu acervos de forma mais sistemática e em diferentes suportes.³

Neste museu pudemos encontrar 48 fotos e imagens sob a temática do futebol em Belo Horizonte. Todavia, muitas dessas imagens não possuem identificação, servindo desta forma, apenas, como panorama da época estudada.

Para além dos periódicos e imagens encontrados nesses arquivos supra citados, tivemos acesso a alguns livros de memorialistas. O primeiro foi do jornalista Wagner Augusto Álvares de Freitas, sob o título: *Villa Nova: 100 Anos de Glória em Vermelho e Branco*, editado pelo próprio autor e sob o patrocínio da Anglo Gold Ashanti – a multinacional Sul Africana que é proprietária atual da Mina de Morro Velho e mantenedora de um Centro de Memória da Mina. O outro, não menos

²Ao final do século XIX, o jovem Joaquim Nabuco Linhares começou a guardar diversas publicações periódicas que circulavam na Capital Mineira. Entre elas estavam jornais e revistas, das mais diversas naturezas, que eram publicadas em Belo Horizonte. À medida que reuniu as publicações, Linhares se dedicou também à catalogação do material recolhido, descrevendo a sua natureza, formato, propriedade, periodicidade, redação, duração, entre outros. O material reunido, contendo 839 resenhas de títulos que circularam em Belo Horizonte no período de 1895 a 1954, é considerado de inusitada importância para a memória da cidade e sua imprensa. A coleção de Joaquim Linhares foi adquirida de sua família, a preço simbólico, pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1976, passando a ser denominada "Coleção Linhares". Desde então, o acervo permaneceu sob a guarda da Biblioteca Universitária da UFMG, estando disponível para consulta da comunidade universitária e do público em geral. - Arquivo digital da Coleção Linhares. Disponível em - <http://linhares.eci.ufmg.br>

³Disponível em - <http://portalpbh.pbh.gov.br> – acesso: 21/10/2015

importante é uma edição comemorativa do centenário do Clube, em 2012, intitulada *Enciclopédia do América MG*. Foi escrita por Carlos Paiva e editada pela *Alicerce Editora Gráfica*. Ambos exemplares, apesar de laudatórios, são importantes roteiros de pesquisa, pois seus dados são bem organizados.

Outra obra fundamental para a compreensão do que era a Mina de Morro Velho e as condições de trabalho dos seus operários foi o livro da pesquisadora e professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais, Yonne Grossi, intitulado *Mina de Morro Velho: A Extração do Homem*. Nele tivemos acesso a entrevistas dos operários da Minas e de algumas lideranças sindicais, publicada ainda no início da década de 1980, mas realizada provavelmente no final da década de 1970.

Outro trabalho que foi de muita ajuda, principalmente por apontar os limites desta pesquisa, foi a dissertação intitulada *Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube*, da pesquisadora Daniela Alves da Silva. Apesar de ter observado limites nos dados apresentados, a investigação percorreu um caminho diferente do proposto nesta tese, entrevistando moradores e se ocupando dos arquivos pessoais. Entretanto, talvez por não ter acessado os arquivos consultados na sua monografia, defendida em 2007, seu texto carece de uma caracterização maior a respeito do que se propõe. Ela estabelece marcos teóricos interessantes, que inspiraram um pouquinho minha pesquisa. Todavia, no trato com as fontes, o trabalho perde fôlego.

Objetivos e periodização

O objetivo desta pesquisa, portanto, foi contar uma história da criação e do desenvolvimento do Villa Nova Athletic Club em Minas Gerais, entre as décadas de 1908 e 1952, data do último título de expressão da agremiação, na perspectiva da estratégia de controle dos corpos dos operários da Mina de Morro Velho.

A mineradora de origem inglesa, acompanhando a crescente e acelerada industrialização no País, e também nas Alterosas, incentivavam a formação e

desenvolvimento do clube de futebol, contando com a participação, principalmente, dos seus operários.

Importante perceber que a estratégia de criação e fomento do *Villa Nova Athletic Club* ocorre como forma de controle dos corpos dos operários, dadas as terríveis condições de trabalho a que eram submetidos. Mesmo que a natureza da extração de minérios, nesta época, favorecesse inúmeros perigos e diversas doenças relativas a atividade no interior da mina, entendo que a empresa inglesa precisava disputar uma imagem positiva de suas atividades junto aos operários, e a população de Nova Lima. Uma legião de trabalhadores, familiares e amigos convencidos da exploração humana e dos males que a multinacional promovia, poderia não ser bom para os negócios...

Dessa maneira, ALMEIDA; MINA (2015, p. 04) nos explicam melhor esse processo no Brasil:

Assim como ocorrido na Inglaterra, também é possível traçar no Brasil um paralelo entre o processo de industrialização e a formação de clubes de futebol. Visando acalmar os ânimos inflamados da emergente classe operária, o empresariado fabril nacional adotou um caráter paternalista e concentrou-se na busca de instrumentos que viessem a controlá-los. O crescente interesse dos operários pelo futebol fez com que a classe empresarial visualizasse nesse esporte a presença de importantes elementos que eram comuns à organização burocrática da fábrica: ênfase na velocidade; especialização nas tarefas (habilidades); obediências as regras; submissão ao cronômetro; e o trabalho em equipe.

Entretanto, na década de 1960 teremos apenas uma vitória do Esporte Clube Siderúrgica em nível estadual. Os outros clubes operários ou encerraram sua história, ou estavam em sérias crises financeiras em virtude da retirada do patrocínio das empresas.

O Villa Nova alcança seu último momento de glória na conquista do campeonato mineiro de 1951, que ocorre no início do ano de 1952. Após essa data, apenas em 1953 o *Leão do Bonfim* conquista o inexpressivo Torneio Início⁴ e o vice-campeonato mineiro, em disputa direta com o Clube Atlético Mineiro, o rival derrotado da final do

⁴⁰ Torneio Início *initium* foram torneios disputados, tradicionalmente, em apenas um dia antecedendo o Campeonato Mineiro. Foi oficialmente disputado até o final da década de 1960. Excepcionalmente, teve ainda mais duas edições, no ano de 1983 e 2006.

campeonato mineiro de 1951. Após este feito só ganharia um título no pouco importante Torneio Centro Sul⁵. Em virtude desta clara decadência, marquei o recorte temporal final deste trabalho no ano de 1951. Destaco ainda que o Villa Nova conquistou o título de campeão brasileiro da série B, no ano de 1971. (Wagner Augusto Álvares de FREITAS, 2008)

Destarte, tentei ver além dos mitos interessados e das histórias contadas com parcialidades afirmadas. Procurei assim contar também as histórias dos outros comuns, dos vulgares, dos quase esquecidos pelos jornais, revistas, livros e memorialistas. Ou, até mesmo, aquelas dimensões que não estão nas grandes enciclopédias ou nos livros comemorativos de centenários dos clubes.

Apresentação da tese

No capítulo I tratarei das primeiras histórias do futebol na Europa, no Brasil e em Minas Gerais, com especial atenção aos mitos de Charles Muller, Oscar Cox e Vitor Serpa; da fundação e dos primeiros anos do Villa Nova Athletic Club, e as primeiras relações com a Saint John Del Rey Mining Company e com a pacata cidade de Nova Lima, na região central do estado de Minas Gerais.

No capítulo II discorrei sobre o desenvolvimento do Villa Nova na década de 1930 no cenário futebolístico mineiro e nacional. Além disso tratarei deste momento importante do futebol mineiro e nacional – o processo de profissionalização dos clubes. Ganha destaque aqui um *sportman* conhecido, o espanhol e presidente do Alvirrubro de Nova Lima, o Castor Cifuentes. Seu protagonismo na organização da fase mais vitoriosa do Villa Nova, assim como no processo de profissionalização do futebol em Minas Gerais, e seu repentino afastamento da gestão do clube operário serão problematizados. Além disso, introduzi alguns aspectos relevantes da questão das precárias condições de trabalho na mina de Morro Velho, da peculiar violência urbana da pequena Villa Nova de Lima (Nova Lima) e da formação do Sindicato dos Mineiros.

⁵⁰ Torneio Centro-Sul foi um torneio regional brasileiro de futebol, a exemplo do Torneio Norte-Nordeste realizado no ano de 1968. Tinha como objetivo escolher um representante dos Estados do eixo Sul-Sudeste para a disputa do Torneio dos Campeões da CBD, disputado em 1969.

No capítulo III problematizei o alvirrubro novalimense na década de 1940, com intensa participação, mas sem nenhuma vitória nos gramados. Abordei essas questões apoiado em um contexto de rápidas mudanças no cenário futebolístico. Tratei também das relações entre o Clube, o Sindicato e a empresa multinacional inglesa. Um fato histórico será relevante neste momento, como exemplo a intensificação da luta de classe – o caso do vereador comunista e sindicalista William Dias Gomes. Trabalhei também com algumas questões do último título do Leão do Bonfim no campeonato mineiro de 1951.

Espero que este trabalho possa contribuir para o desenvolvimento da história do Lazer e do Esporte, em especial a respeito para as histórias do Futebol no Brasil e em Minas Gerais; e também para uma melhor compreensão das lutas do movimento sindical e de seus operários.

Boa leitura!

CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO DE UM CLUBE OPERÁRIO DE FUTEBOL

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.

Walter Benjamin

Neste capítulo irei tratar de alguns aspectos importantes do surgimento do futebol na Inglaterra e no Brasil. Nesta perspectiva, observarei com especial atenção o processo de criação oficial do Villa Nova Athletic Club. Tratarei ainda dos mitos interessados dos fundadores do nosso futebol, tais como: Charles Miller, Oscar Cox e Vitor Serpa, em contraponto ao fenômeno de surgimento e desenvolvimento dos clubes operários nas terras de Pindorama. Por fim, destacarei a chegada dos comunistas, Minas Gerais, ainda na década de 1920 e a influência do pensamento revolucionário comunista no movimento sindical dos mineiros de Nova Lima.

Caracterizarei a empresa multinacional *Saint John Del Rey Mining Company Limited* e as peculiaridades da presença britânica em Nova Lima, e a influência desta na dinâmica cultural da pequena cidade mineira. Revelarei assim, como o futebol como uma parte significativa das estratégias de controle dos corpos dos operários da Mina de Morro Velho, e dos trabalhadores do estado mineiro, de uma forma geral.

O período histórico marcado irá do séc. XIX até as primeiras décadas do séc. XX, antes da profissionalização do futebol no Brasil, nos apoiando em historiografias já consagradas e artigos que encontramos em nossa pesquisa do estado da arte.

1 O futebol chega às Terras Tupiniquins

A chegada do futebol no Brasil poderia gerar, tranquilamente, uma tese a respeito do tema, dada a enorme variedade de interpretações e estórias contadas. Muitas das publicações não tem o menor compromisso com o estatuto científico, e vão se posicionar na defesa de interesses de grupos específicos. Neste item dialogarei com as principais vertentes dessa produção, todavia sem a menor pretensão de esgotar aqui o assunto.

Sendo assim, afirmo que muito do que se observou na história do futebol no Rio de Janeiro, e também em São Paulo, ocorreu de forma curiosamente similar nas Alterosas. Portanto, considero importante as reflexões aqui colocadas, para servirem de base para uma discussão que começarei a construir a partir de agora.

1.1 A dupla revolução e o antigo esporte bretão

A consequência da revolução burguesa, e seu desdobramento singular – a revolução industrial, iniciada na segunda metade do séc. XVIII, ocasionou também uma reorganização das práticas de lazer entre os europeus, especialmente entre os ingleses. Esta sociedade, como o restante do Continente, já possuía práticas de divertimento antigas, muito arraigadas na sua cultura. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, essas manifestações foram se transformando, acompanhando os novos ventos da modernidade recém instaurada.

A respeito deste período de transição, Victor Andrade de MELO (2009, p. 34), nos explica:

Em linhas gerais, os primeiros esportes eram marcados pela presença e pelo uso de animais, principalmente do cavalo, o que estabelecia na cidade um elo com a tradição do campo, conectava a nova prática com os antigos sentidos e significados e “poupava” os homens de maiores exhibições corporais em um momento em que os desdobramentos das ocorrências da modernidade ainda eram embrionários. O turfe é o grande exemplo desse momento.

Nesse sentido, a Inglaterra será um dos primeiros países que irá organizar os tempos do trabalho, e por consequência, reorganizar as novas formas de como os divertimentos deveriam ser vivenciados. Termos como utilidade, métrica, uniformidade começam a ser implementados, na tentativa de construir uma nova ordem social no continente europeu. (Carmen Lucia SOARES, 2001)

Como exemplo deste fenômeno, podemos citar algumas práticas de lazer, como: a caça, a corrida de cavalos, as lutas, entre outras. Estas já aconteciam mesmo antes do advento da revolução burguesa. Porém, ganharam um novo sentido e começaram a conviver com outras atividades organizadas sob esta nova lógica dita racional, principalmente quando a burguesia deixou de ser uma força revolucionária e se tornou um movimento conservador. Buscou-se diversos instrumentos para se manter no poder e conservar a ordem estabelecida. Entre estas estratégias de legitimidade da revolução e seus signos, além das escolas públicas, estavam as práticas esportivas e todo o conjunto de desdobramentos ocorridos em virtude do seu desenvolvimento, tais como a formação e o fomento dos clubes esportivos.

Peter BURKE (2002) também nos fornece algumas pistas a respeito do assunto. O *English Jockey Club* remonta a meados do século XVII. Acompanhando esse movimento, os clubes de críquete ingleses e os clubes de golfe escoceses apareceram mais ou menos no mesmo período.

Qualquer que fosse o objetivo dos clubes, a instituição assumia mais ou menos a mesma característica: havia uma solenidade de fundação em espaço socialmente referenciado, e estabelecia-se reuniões regulares, geralmente em uma taverna, já que beber junto era um meio importante de manter a solidariedade ou fraternidade entre os sócios; entre outros sentidos e significados.

Eram as novas sociabilidades que foram surgindo a partir de uma nova conformação social. Segundo BURKE (2002, p.03):

O movimento de clubes atingiu seu auge no século 19 de ambos os lados do Atlântico, quando os pobres fundaram suas "sociedades amigáveis" e surgiram os "clubes beneficentes", as "ligas femininas" e os "institutos femininos", e clubes de elite como o *Athenaeum* e o *Reform* foram seguidos por sociedades com afiliação das massas, como a Sociedade Real para a

Prevenção da Crueldade contra os Animais ou a Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade contra as Crianças.

Em diversos sites, livros de memorialistas, e outras obras literárias podemos encontrar a tão propagada história dos jogos com bola em diversos países. Mas o futebol, uma das expressões maiores do esporte moderno, possui a sua construção de forma diferenciada.

Desta forma, Georges VIGARELLO (2001, p. 233) nos esclarece melhor este importante ponto:

Mas a novidade dos termos “sports” e “sportman”, por volta de 1840, a instituição de clubes em França, o investimento dos proprietários impõem essas práticas para além da moda. A sua novidade é tanto mais importante quanto as corridas que existiam já em França. Não é o princípio que é novo. As corridas de cavalos tem lugar desde 1777, duas vezes por ano, a 15 de abril e a 4 de outubro, organizadas na planície de Sablons, na presença da corte. A mudança está no seu número 10 provas em 1822, mais de 20 em 1830. Mais ainda, surge toda uma cultura, comentários que acompanham as corridas, uma reorganização que as rege.

Portanto, não estou falando de novas práticas, mas de reorganizações absolutamente diferenciadas, e o caso do futebol é um clássico exemplo disto. Sempre existiram jogos com bola na Inglaterra. Porém, em um dado momento, por força desses reordenamentos sociais, houve uma necessidade de padronizá-lo, criar regras comuns, universais, racionais, para este esporte, acompanhando os novos ordenamentos liberais e positivistas.

Destarte, segundo Alain CORBIN (2001, p. 263):

O futebol, quando apareceu, tinha a função no espírito de seus promotores, de manter os rapazes das *publics schools* no interior dos espaços de recreio do seu estabelecimento de ensino impedindo-os assim de vadiar na rua e nos terrenos vagos das imediações. [...] Tal como o rúgbi, o jogo da bola redonda reveste-se, nos meios abastados dos jovens que frequentam as *publics schools*, de uma evidente função iniciática. Faz parte do ritual de integração nestas escolas de prestígio.

Nesse sentido, aproximo-me de CORBIN (2001), quando este afirma que o Lazer é reorganizado na nova sociedade industrial do séc. XVIII e XIX. Ou seja, não é o lazer que nasceu nesta época. Os divertimentos se reestruturaram, de acordo com os novos tempos e a nova dinâmica cultural. Pensar assim, o lazer ou os

divertimentos como processos, e fatalmente inseridos na dinâmica cultural, apresenta-se como uma possibilidade de reestruturar o campo dos estudos do lazer em outra perspectiva.

A adoção dos esportes, principalmente o futebol como culto proletário de massa na Inglaterra, apresenta-se como difícil de ser determinada. Porém, seus signos e rituais são construídos de forma rápida. Neste caso, é mais fácil estabelecer uma cronologia, como nos indica Eric HOBBSAWM; Terence RANGER (2015, p. 361):

Entre meados da década de 1870, no mínimo, e meados ou fins da década de 1880, o futebol adquiriu todas as características institucionais e rituais com as quais estamos familiarizados: o profissionalismo, a confederação, a taça, que leva anualmente em peregrinação os fiéis à capital para fazerem manifestações proletárias triunfantes, o público nos estádios todos os sábados para a partida de costume, os “torcedores” e sua cultura, a rivalidade ritual, normalmente entre facções de uma cidade ou conturbação industrial (Manchester City e United, Notts County e Forest, Liverpool e Everton).

Sendo assim, na primeira metade do século XIX, surgiu um enorme vácuo no lazer da população inglesa com o abandono dos antigos esportes praticados nas aldeias. Como exemplo destas práticas, podemos citar: adestramento de cães para atacar ursos, briga de galos, entre outros.

Desta forma, com a necessidade de que as pessoas se deslocassem, com cada vez mais intensidade, para o ambiente urbano; foi sendo construída uma aproximação cada vez maior com novas práticas corporais para os seus poucos momentos de lazer. O futebol moderno, provavelmente, ocupou este espaço de lazer nesta nova sociedade que estava sendo arquitetada, como também transformou-se num dos principais símbolos de uma nova sociedade urbana e industrial.

De acordo com Richard GIULIANOTTI (2002, p.19):

Quando o futebol expandiu-se, durante o século XIX, aconteceram batalhas hegemônicas dispersas de classe e regionais. O principal conflito ocorreu dentro das classes médias, divididas por região e sobre a questão do profissionalismo. No sul, o caráter amador da FA e o elitismo geral predominaram, simbolizados pelo Corinthians Football Club que se negou a acreditar que cavalheiros cometessem faltas e assim recusaram os pênaltis (Mason, 1989a, p.147). No norte e na região central da Inglaterra, as

classes médias profissionais, os industriais e a pequena burguesia controlavam a maioria dos clubes bem-sucedidos. Aqui, e na Escócia industrial, o poder do capital prevaleceu.

Destarte, não bastava mais apenas que homens e mulheres dançassem para agradecer a uma boa colheita, ou por um matrimônio; já não era mais suficiente que as crianças apenas brincassem para dialogar com o mundo adulto, ou que os guerreiros das tribos praticassem a luta pessoal para os momentos de guerra ou conflito contra uma tribo inimiga. Após a revolução burguesa, começam a surgir e se desenvolver, em diversos locais da Europa, sistematizações de práticas corporais, antes apenas culturalmente realizadas.

Segundo Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA (1998), especificamente com relação ao futebol:

Ainda que no Brasil fossem poucos os que o conhecessem, ele era há tempos um evento mundial. Praticado na Inglaterra e em outros países da Europa desde meados do séc. XIX, o jogo já se constituía, naquele momento, em uma grande mania no velho continente. Várias são as hipóteses sobre a origem do futebol – em uma discussão que diz mais sobre aqueles que a formulam do que sobre a própria origem do esporte. É de 1863, porém, a definição de um modelo de jogo similar ao futebol que conhecemos hoje. Neste ano representantes de vários times de Londres se reuniram para fundar a *Foot-ball Association*, federação de clubes destinados a esta modalidade que começaria a uniformizar seus procedimentos e suas regras.

Os esportes e o futebol já eram considerados conteúdo hegemônico nos países europeus, no final do século XIX. Em consequência disto, as nações periféricas, exploradas pelo capital britânico e seus cúmplices do velho continente, também iriam começar a fomentar as práticas esportivas como forma de educação para uma população que deveria ser moldada nas fôrmas do capitalismo e de uma modernidade pretendida.

1.2 O futebol como distintivo de classe

Seguindo o modelo Europeu e acompanhando os movimentos iniciais do Rio de Janeiro e de São Paulo, sabe-se que, no início do século XX, em Minas Gerais, foram sendo criados clubes de futebol. Em consequência do surgimento das

agregações esportivas, estabeleceram-se ligas, campeonatos, jogos amistosos, ou *matches*, como se dizia na época, entre outras ações de fomento do novo esporte. Isto não acontecia desconectado do velho continente.

Esses estranhos e inusitados movimentos causavam curiosidade e estranhamento aos habitantes da Capital da República Velha, assim como dos moradores da nova capital mineira.

Segundo Nicolau SEVCENKO (1994, p. 32):

[...] Essas práticas podiam ter o sentido do Lazer e entretenimento, como a caça (*game*) para as classes armadas, ou as brincadeiras de roda para os grupos populares. Mas seu caráter essencial mantinha sempre um sentido ritual, com conotações estamentais, cerimoniais e confirmatórias de papéis e simbolizações sociais. A invenção dos esportes em fins do séc. XIX, embora tenha se alimentado desta tradição, deu origem a coisa completamente diversa.

Entretanto, mesmo percebendo que as histórias contadas até hoje dos primeiros movimentos do esporte Bretão estarem aparentemente alinhados com as elites brasileiras de uma forma geral, as décadas iniciais do século XX revelam a gênese de um outro complexo processo de criação e desenvolvimento de clubes, principalmente no interior do Estado, ligados a classe operária.

Além do já estudado *Bangu Athletic Club* e alguns poucos clubes, analisados isoladamente, não há notícia da percepção desse fenômeno, que provavelmente não aconteceu apenas em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Entretanto, aposto na ideia que não havia realmente interesse daqueles envolvidos com a temática (imprensa, aristocratas, entre outros) e os atuais memorialistas, em associar a origem do futebol com a classe operária e os populares.

Na Inglaterra, no final do séc. XIX, o futebol foi desenvolvido como um esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular. Entretanto, foi rapidamente proletarizado e, portanto, profissionalizado, observado assim o grande fascínio que a prática esportiva exercia sobre a classe operária. (HOBSBAWM; RANGER, 2015)

Sendo assim, a estratégia de criação de clubes de origem operária ocorreu, no Brasil, na contrapartida do desejo do futebol como distintivo de classe. A burguesia perderia um dos seus signos, mas ganharia através dessa propaganda que era feita pelos clubes. E esse esforço do capital dar-se-ia de forma progressiva e sustentada.

De acordo com Fátima Martin Ferreira ANTUNES (1994, p. 106), a respeito dos clubes operários:

[...] no início, o incentivo aos clubes restringia-se ao auxílio financeiro para compra de equipamento esportivo, pagamento de aluguel do campo de futebol e outras despesas. Mas, depois, a concorrência entre outros clubes envolvidos na disputa de campeonatos levou a direção de muitas fábricas a montar equipes mais competitivas, [...] afinal, contando com bons elementos, a equipe poderia obter melhores resultados, o que aumentaria seu prestígio e fama. Para os industriais, como o clube ostentava o nome da fábrica, abria-se um novo caminho para a divulgação e venda de seus produtos. [...] oferecia-se remuneração especial aos operários-jogadores sob forma de pequenos presentes e serviços, gratificações e inclusive, um segundo salário.

Desta maneira então, para pesquisar questões referentes ao futebol e ao lazer, tornar-se-á necessário que se enfrente as contradições e múltiplas influências deste fenômeno nesta sociedade pretensamente moderna. Porém, para dar conta dessa enorme tarefa, é preciso observar certos aspectos para produzir entendimento a cerca de algumas de suas características fundamentais, principalmente o que se refere a sua gênese.

Mesmo acontecendo inicialmente no velho continente, estes signos esportivos foram, aos poucos, se tornando fonte de inspiração para uma juventude aristocrática brasileira. Junto com outros jovens do continente americano, esses jovens da elite brasileira buscavam uma formação intelectual longe de casa.

Após estudos na Europa, no retorno a terra de origem, as malas de viagens não voltavam apenas com bolas e outros acessórios para a prática do esporte Bretão, mas com todo um complexo de valores identificados como modernos, e que deveriam ser difundidos rapidamente nas suas sociedades de origem. Este movimento acontecia provavelmente para ajudar na busca incessante pela modernização destes centros brasileiros atrasados, distantes das modernas e prósperas cidades inglesas.

Ainda segundo CORBIN (2001, p. 267):

O futebol começa por se desenvolver nos portos onde certos entrepostos são propriedade de companhia marítimas britânicas. É o caso de Havre (1872), do Porto (1885). Na Suíça, na Bélgica, são jovens ingleses que vem estudar para o continente que estão na origem dos clubes. [...] Inversamente, sucede que alguns continentais, tendo descoberto o novo desporto aquando de uma estadia no Reino Unido, decidem, no regresso, implantá-lo no seu país.

Esta hipótese não sustenta apenas a construção dos mitos de Charles Miller, em São Paulo, e de Oscar Cox, no Rio de Janeiro; mas também, do menos famoso Victor Serpa, em Belo Horizonte.

1.3 Os três mitos: Charles Miller, Oscar Cox e Vitor Serpa

No Brasil, diversos historiadores e memorialistas do futebol apresentaram os primeiros indícios deste esporte sob narrativas interessadas. Um exemplo disto são os mitos fundadores. Estas estórias são construídas a partir do clássico modelo, surpreendentemente similar, do jovem representante da aristocracia local (paulista e carioca), que depois de seu respectivo retornos do velho continente, irá trazer a prática inglesa para as terras brasileiras, e difundi-la na sua cidade. Como um profeta, anuncia uma nova era esportiva, convida pessoas do seu círculo social e inaugura a nobre prática, para surpresa e orgulho da população local.

Dessa forma, possibilitou que várias culturas e nações construíssem formas de criar e/ou afirmar a sua identidade cultural por intermédio da pratica de jogo, como afirma GIULIANOTTI (2002, p.48):

(...) de maneira mais específica, as características valorizadas no jogo nos dizem algo fundamental sobre as culturas em que ele é praticado. (...) sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosóficas e identidades culturais de muitos e muitos povos.

Destaco que o futebol à época deveria ser visto como uma refinada prática corporal, e que em seu desenvolvimento e prática estava em consonância com os traços da boa educação britânica. O esporte bretão estava associado com o que havia de mais moderno, e deveriam fazer parte do arcabouço de gestos, comentários e manifestações próprias. Não eram mais valorizadas as velhas práticas com animais, tais como: touradas, rinhas de galo, entre outras. A platéia deveria participar educadamente dos *matches*, e torcer, primeiramente, pelo desenvolvimento do esporte.

De acordo com Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA (1998, p. 11), que abre a sua tese:

Quando em 1897, retornando ao Brasil após alguns anos de estudos na Suíça, o jovem Oscar Cox resolveu trazer em sua bagagem uma bola, como aquelas que ele e seus colegas usavam para praticar o *foot-ball*, não podia ainda saber qual o papel destacado que o futuro iria lhe reservar. Morando em um país que reunia grande número de estudantes de várias localidades, Cox era apenas mais um entre os muitos jovens influenciados pela rápida difusão do chamado “esporte bretão”.

Sendo assim, podemos inferir que as sociedades aristocráticas das principais capitais brasileiras, no final do séc. XIX e início do séc. XX, procurou construir um mito a respeito do futebol no Brasil.

Acompanhando as conclusões de Luis Felipe MIGUEL (1998, p. 03):

O discurso político, embora se utilize do passado e o redesenhe permanentemente, projeta-se com muito mais frequência em direção ao futuro. Mesmo quando fala sobre o passado, para resgatar uma tradição ou reverenciar a memória de um grande homem, está de olhos voltados para o porvir. A tradição é invocada na esperança de sua continuidade (ou daquilo que se apresenta como sendo sua continuidade), a evocação do grande homem é um argumento de autoridade em favor dessa ou daquela proposta.

Desta maneira, a construção de um discurso político sempre expõe uma intenção de representação, algo que se queira disputar. Ao propor a alteração ou a permanência de práticas e instituições sociais, ele tenta projetar uma imagem da sociedade que quer que seja vista. A reflexão sobre o passado e o presente é necessária, mas na

medida em que crie um sentido apropriado a justificar essa projeção. Ou seja, deseja-se inventar uma tradição.

De acordo com HOBBSAWM; RANGER (2015, p. 08):

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Ou seja, em um país em que as classes aristocráticas julgavam atrasado, rudimentar, precário – principalmente se comparado aos países europeus – o futebol e os esportes de uma forma geral poderiam contribuir para o melhor ajustamento da população, para um eficiente controle dos corpos. O objetivo era tornar o Brasil um país moderno, com boa parte dos ícones que compõem essa avaliação utópica da época. Sendo assim, não poderia ser diferente que uma tradição aristocrática do futebol nas terras brasileiras precisasse ser criada ou inventada.

Em São Paulo, o jovem de nome Charles Miller, nascido no dia 13 de junho de 1867, no bairro do Brás, seria o primeiro profeta do esporte bretão no Brasil. Ele era filho de escoceses. Seu pai havia se mudado para São Paulo, pois fazia parte da equipe de gestores da empresa do Reino Unido, a *São Paulo Railway*.

John Robert MILLS (2005, p. 16), nos ajuda a entender a construção deste primeiro mito futebolístico:

Foi Charles Miller quem organizou as primeiras partidas e integrou a primeira diretoria da Liga Paulista de Football e do Tênis. Além disso, sagrou-se artilheiro e tricampeão pelo São Paulo Athletic Club, participou da primeira partida internacional contra a Argentina, apitou vários jogos por vários anos, após sua retirada dos campos de jogo, e ainda atuou como conselheiro das ligas paulistas.

No Rio de Janeiro, recai sobre Oscar Alfredo Cox, nascido em 20 de janeiro de 1880, também filho de um cidadão inglês (nascido em Guayaquil - Equador, onde seu pai fora vice-cônsul da Inglaterra), a responsabilidade de ter divulgado a arte do esporte bretão nas terras cariocas.

Entre outros feitos, foi um dos fundadores do Fluminense Football Club, do Rio Cricket e Associação Atlética, além de ter sido também primeiro presidente do clube de futebol, no ano de sua fundação -1902⁶.

Acompanhando os ventos da modernidade, a capital recém criada de Minas Gerais - Belo Horizonte, não se afastou da mítica nacional. O futebol também tentou representar um dos símbolos de uma modernidade desejada por grande parte da sociedade brasileira e republicana, e também um distintivo de classe. Estas atividades esportivas eram amplamente cobertas e apoiadas pela imprensa local. Estavam sendo construídos conjuntos de interpretações, de experiências individuais e coletivas, disputas hegemônicas que, como diziam um grande pensador, devem ser “escovadas a contrapelo” (Walter BENJAMIN, 1985).

Luciana Bicalho da CUNHA (2011, p. 22) nos mostra um pouco da atmosfera da nova capital mineira, no início do século XX:

Nas primeiras décadas do século XX, a “jovem” Belo Horizonte passava por um processo de construção social e cultural pautado na ruptura com uma sociedade tradicional e rural, transformando-se em uma cidade moderna, culta e civilizada. Seus habitantes, provindos em sua maioria de outras cidades de Minas Gerais, precisavam vencer a resistência dos antigos hábitos interioranos e instaurar novas maneiras de estar naquele lugar, em acordo com os princípios modernos e republicanos. No ano de sua inauguração, 1897, Belo Horizonte já contava com 12.000 habitantes, em sua maioria trabalhadores rurais e operários, que ocupavam os espaços fora dos contornos determinados para ser o centro e o coração da cidade moderna. Este era ocupado pela elite e pelo funcionalismo público. Até a década de 1930, o número de habitantes cresceu para aproximadamente 117.000. Entre praças e parques públicos, cafés, alguns poucos cinemas e teatros, a crescente sociedade belorizontina de início do século XX ainda vivia o tenso processo de reconhecer e se reconhecer nos tempos e lugares da cidade.

A imprensa mineira, antes da década de 1930, poucas vezes representou a classe trabalhadora, e seu discurso sistematicamente apontou, obviamente, para a história dos vitoriosos. Entretanto, operamos com fortes indícios que a presença de populares no futebol não era bem-vinda, e, portanto, silenciada. Desta forma, de acordo com os autores que se debruçaram sobre a história do futebol na nova capital mineira, Belo Horizonte também possuiu o seu mito aristocrático.

⁶Disponível em: <http://www.fluminense.com.br> – Acesso em: 23/01/2017

O mito do jovem Victor Serpa

O menos conhecido Victor Serpa foi um jovem carioca que, após estudar na Suíça, mudou-se para a capital com o objetivo de estudar na antiga Faculdade Livre de Direito, criada em 1892, em Ouro Preto. Alguns anos mais tarde, a instituição de ensino foi transferida para Belo Horizonte.

Serpa chegou de mudança na nova capital mineira e, como estudante, na instituição de ensino superior no ano de 1903. A implementação do futebol, vista desta forma elitizada e representada por um jovem da aristocracia, seria consolidada a partir da fundação do primeiro clube que se tem registro em Minas Gerais, o *Sport Club Football*, no ano de 1904.

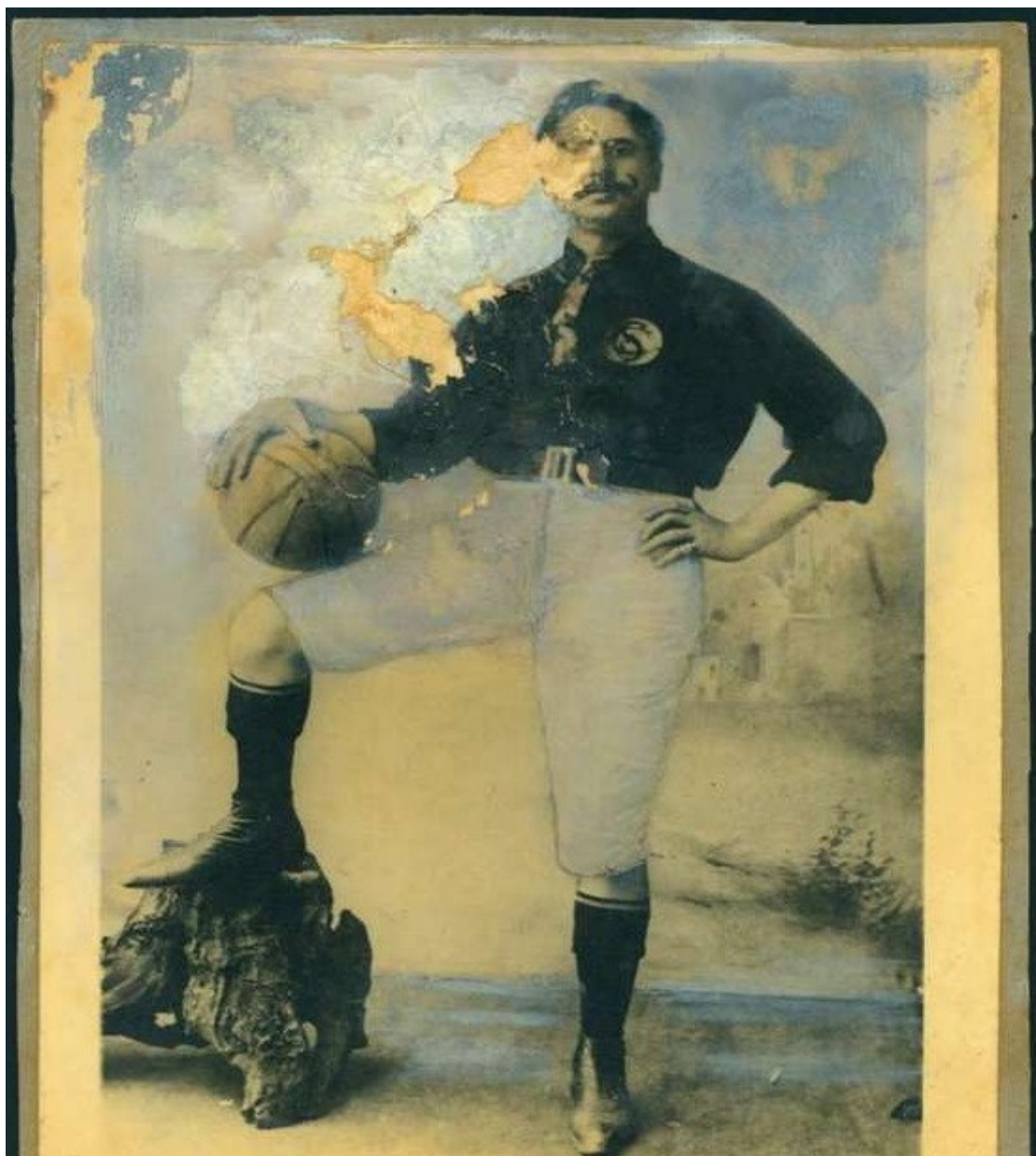


Figura 1 - "José Gonçalves, um dos fundadores do Sport Club Football, trajando o uniforme da primeira entidade futebolística em Belo Horizonte, em 1904. Ostenta no peito o distintivo e segura a primeira bola que entrou na capital, mandada vir por ele de São Paulo, junto com as demais peças do equipamento".⁷

A imprensa local cobriu, ao longo dos poucos anos, de forma animada os jogos promovidos pelo jovem carioca e seu grupo de companheiros de esporte na Capital mineira.

⁷Descrição disponível no sistema do banco de dados do acervo fotográfico – Museu Histórico Abílio Barreto - MHAB

Observemos o que MAYOR & NETO (2014, p. 58) nos contam a respeito desse jovem carioca:

Inegavelmente, entendemos que Serpa participa de dois momentos distintos nos movimentos iniciais do futebol na cidade: primeiro, ao representar a figura que incentiva e promove o desenvolvimento do gosto esportivo (destacadamente o futebol), configurando uma primeira organização da prática, com a fundação de clubes e ocorrência de campeonatos. Num segundo instante, com a sua morte, o jovem Serpa (ou a sua ausência), contribui para o “esfriamento do gosto”, com a extinção das outrora entidades clubísticas e, conseqüentemente, do enfraquecimento da dinâmica que avivava o futebol.

A trágica morte de Serpa, em 19 de janeiro de 1905, em decorrência de uma gripe, no Rio de Janeiro, trariam anos de luto e de silêncio futebolístico nos jornais mineiros. A impressão que se tem analisando os periódicos da época é que a imprensa desanimou da novidade.

Nessa direção, SANTOS; DRUMOND (2012, p. 30) nos ajudam a pensar a respeito dessas figuras míticas:

Seria importante buscar os motivos da devoção ao futebol de Oscar Cox e Charles Miller “na tentativa de compreender o movimento que alimentou a consolidação do país?” Estariam esses “jovens *sportmen*” realizando alguma operação? Seria realmente o futebol um jogo “fidalgo” ou estariam as camadas populares presentes em sua prática desde suas chegadas ao país?

Entendendo que as histórias contadas podem e devem ser questionadas, a nova mania pelo futebol, no início do século XX em Belo Horizonte, pode ter uma outra explicação mais humana e distinta do tão repetido desejo de modernidade, como nos aponta SEVCENKO (1994, p. 35):

Nas metrópoles assim surgidas, ninguém tinha raízes ou tradições. Todos vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo. Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases de coesão que substituíssem as comunidades e laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se veem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.

Sendo assim, apenas no final da década de 1920, com o crescente movimento pela profissionalização do esporte, o modo de tratar o futebol como distintivo de classes

vai sendo paulatinamente abandonada, mesmo com os relevantes focos de resistência e valorização do futebol amador. Nesta mesma época, inicia-se o processo de profissionalização no Brasil, e concomitantemente um relevante período histórico denominado Era Vargas.

O projeto de esporte fidalgo estava sendo abandonado e seria substituído paulatinamente por um outro mais ousado, que servisse a classe burguesa com mais eficiência, no sentido de promover o controle dos corpos dos novos trabalhadores desta nova capital mineira. Todavia, este projeto já vislumbrava seus antagonistas...

1.4 Os comunistas também chegam a Minas Gerais

O final da década de 1920, em Minas Gerais, ainda apresentaria uma outra novidade, ao lado dos *matches* no Prado Mineiro. O Partido Comunista Brasileiro (PCB) organizadamente lança, no dia 1º de maio de 1929, o seu jornal *O Facho*. Não temos dados a respeito da circulação do periódico, e na Coleção Linhares está disponível apenas um exemplar. Entretanto, na terceira página do periódico⁸, há um artigo que também nos apresenta um pouco da cena política e social do período em questão:

[...] Esquece, Oh! Operário brasileiro, que a história de tua pátria é a história das revoluções liberais, e que não podes permitir por mais tempo que esses políticos acavalhados, que se apoderaram dos cargos [*ilegível*] do Brasil continuem a destruir tua obra. Para ti, esses tiranos maníacos só sabem fazer leis de exceção, para te trancafiar no xadrez e te mandar para as *Clevelandias*.[...] Nem o direito a greve tu tens, porque o profissionalismo político t'ó roubou com uma simples lei desse congresso imoral e subserviente que para vergonha nossa, *constitue* um dos três poderes no Brasil.

E o PCB não ficou restrito a Belo Horizonte. Encontrou ambiente propício também em Nova Lima. Sendo assim, a presença do Partido Comunista Brasileiro na dinâmica social da Terra do Ouro, sua influência no sindicato, e suas relações com o *Villa Nova Athlétic Club*, foram severamente significativas para a trama que estamos investigando nesta tese.

⁸*O Facho*. Belo Horizonte. 01/05/1929. n. 01. p. 03

Neste sentido, Yonne de Souza GROSSI (1981, p. 144) também nos alerta quanto às estratégias de penetração do PCB na sociedade novalimense:

Simultaneamente à atividade partidária, para a ampliação da ação coletiva, os comunistas estenderam seu trabalho à comunidade, articulando identidade de seus interesses; valeram-se de sua experiência de construir associações. [...] A pretensão dos organizadores do movimento era atingir a vida do mineiro em sua totalidade: na mina, na família, no Sindicato, na cidade. A vida da mina e da população, no dia-a-dia: nascimento, casamento, aniversário, religião, festas, esportes, botequim, zona boêmia.

De acordo com a autora, a participação dos comunistas também no ambiente esportivo, proferia um desvelamento de potencialidades, necessidades e também de coleta de sugestões que posteriormente se transformavam em campanhas públicas, tais como: campanha contra a bomba atômica, pela soberania da Petrobrás, além das lutas específicas dos mineiros por melhores condições de trabalho.

Entretanto, antes de entrarmos nestas questões que são centrais neste trabalho, vamos observar a gênese do nosso Clube operário.

2 O ALVIRRUBRO DE NOVA LIMA

Aos oito dias do mês de junho do ano de 1908, nas dependências da Câmara Municipal, sob a presidência do ilustre Álvaro Edward Ribeiro, com a presença de operários da multinacional inglesa *Sant John Del Rey Mining Company Limited* e de comerciantes locais, nasce oficialmente o *Villa Nova Athletic Club*. Seu nome foi uma homenagem ao antigo lugarejo de Villa Nova de Lima, que se tornaria, anos mais tarde, o município de Nova Lima.



Figura 2 – Primeira formação do Villa Nova A.C. – 1908 ⁹

A agremiação surge no cenário mineiro três meses antes de um de seus principais adversários – o Clube Atlético Mineiro, fundado no coreto do Parque municipal de Belo Horizonte, por estudantes da capital mineira.¹⁰

⁹Disponível em - <http://www.villanovamg.com.br/> - acesso: 06/01/2017

¹⁰Disponível em: <http://www.atletico.com.br/> - acesso: 09/12/2016

Antes do novo clube operário, no pequeno município de Vila Nova de Lima, já existia um outro clube de futebol formado exclusivamente por ingleses da empresa do Reino Unido – O *Morro Velho Athletic Club*.

O que circula como história, até os dias atuais, entre os habitantes de Nova Lima é que os ingleses, trabalhadores especializados da Saint John Del Rey, resolveram criar um clube futebolístico para se divertir. Estes cavalheiros, percebendo que muitas vezes não conseguiam organizar dois times para os *matches*¹¹, resolveram apoiar a organização de outro clube de futebol - o Villa Nova Athletic Club, para também atender à demanda de participação local.

Esta outra esquadra seria composta por estrangeiros não-ingleses e por moradores da cidade de Nova Lima, com apoio do comércio local. Esta tese será sustentada por outros dois estudos a respeito do clube, como veremos a seguir. Importante salientar que essa iniciativa de funcionários de empresa do Reino Unido, em território estrangeiro, não era um privilégio de Minas Gerais ou Nova Lima.

De acordo com Daniela Alves da SILVA (2007, p. 31), o Villa Nova Athletic Club teria sido criado com algumas características dessemelhantes dos clubes aristocráticos da capital mineira:

Os ingleses eram grandes admiradores do futebol e estavam na administração da empresa Saint John d'El Rey Mining Company, desde 1834 em Nova Lima. Já no início dos primeiros anos da década de 1910 a diretoria da empresa, resolve criar um clube futebolístico para se divertir. O clube ficou conhecido como Morro Velho Atlético Club. [...] a Companhia construiu um clube para a prática de esportes destinado à comunidade inglesa e apoiou o novo clube de futebol Villa Nova Atlético Clube, fundado em 1908 pelos ingleses e operários da empresa.

Segundo a autora supracitada, que desenvolveu uma dissertação a respeito do clube operário, os ilustres fundadores decidiram que deveriam organizar, entre os novalimenses, um novo clube de futebol, uma vez que acreditavam que apenas a equipe do Morro Velho não poderia atender aos inúmeros aficionados existentes, na pequena cidade de Nova Lima.

¹¹Palavra inglesa que até meados da década de 1930 era usada no Brasil para denominar partidas de futebol.

No único livro de memória do Villa Nova A. C., seu autor também concorda com esta tese de que o alvirrubro novalimense tenha sido criado como uma espécie de *sparring* do time oficial dos ingleses. De acordo com FREITAS (2008, p. 29):

É natural que na primeira década do século XX os inúmeros mineradores e demais trabalhadores envolvidos nas atividades da Saint John Del Rey Mining Company Limited tivessem no futebol uma fonte de lazer. E foi nesse contexto que houve a decisão de se fundar um clube de futebol, a que batizaram de Villa Nova Athletic Club, numa homenagem ao nome da cidade que, na época, era Villa Nova de Lima, com “L” duplo.

Entretanto, observando a foto da primeira formação do Villa Nova¹², tenho dificuldade de acreditar que o clube tenha surgido com forte origem operária. Penso que, aos poucos, de acordo com toda uma conformação histórica e social, acompanhando as estratégias inglesas de controle dos corpos em outros locais do mundo, o Villa Nova foi se tornando uma agremiação operária.

Conforme podemos notar na matéria do periódico *O Jornal*¹³, de 19 de outubro de 1936:

HISTÓRIA DOS GRANDES CLUBES MINEIROS: O ESPORTE CONTA PARA SEUS LEITORES A ORIGEM E A CARREIRA BRILHANTE DO VALOROSO CLUBE ALVI-RUBRO DE NOVA LIMA. [...] A popular Casa Artístides, ainda hoje existente em Nova Lima, foi *cenário* no qual se originou o Villa Nova. Em palestra íntima, os srs. Álvaro Edwards Ribeiro, G. F. Fellows, Álvaro Magalhães e cel. Adolpho Magalhães decidiram que se organizasse, entre os *novalimenses*, um clube de futebol, de vez que acreditavam não poder o Morro Velho A. C. Sozinho, *atender* aos interesses dos *innumeros afficionados* existentes na então denominada Villa Nova de Lima. Consultados outros “**nobres**”¹⁴ do *logar* ficou deliberado que a seção inicial seria *effectuada* no salão de honra da câmara municipal, o que foi feito no dia 28 de junho de 1908.[...] Desde essa data, o *alvi-rubro* passou a *aparecer* nos cartazes dos espetáculos ao lado do tão temido Morro Velho, do *Athletico* e do Yale, mais tarde Palestra.

Além dessas questões referentes à origem desta agremiação, poderíamos questionar o porquê, somente nos primeiros anos do séc. XX, esses clubes de futebol tenham surgido.

¹²Figura 2

¹³O *Jornal*. Rio de Janeiro. 19/10/1936. n. 238. p. 07

¹⁴Grifo meu

A data de criação do *Morro Velho Athletic Club* ainda é incerta. Entretanto, encontramos em nossa pesquisa, um trecho de reportagem¹⁵ que é, no mínimo, curioso para quem é pesquisador da história do esporte:

Também sede alí, no bairro do Morro Velho, **o veterano Morro Velho A. Club, grêmio de futebol mais antigo do Brasil e fundado em 1835**¹⁶, pelos ingleses, possuindo todos os ramos de esportes terrestres, ótimos campos, rincks e pistas. Já tomou parte em partidas oficiais de futebol nos campeonatos mineiros há muitos anos atrás, porém agora possui uma vida mais recatada, só concorrendo a campeonatos de tenis patrocinados pela federação mineira, à qual é filiado, promovendo entretanto, jogos amistosos de futebol, tenis, criket, bem como festividades esportivas.

Não que seja importante demais sabermos qual foi o primeiro clube de futebol brasileiro. Entretanto, ficará sem a devida investigação, a dúvida da data original de criação tanto deste clube representante dos trabalhadores ingleses em Nova Lima, como do próprio Villa Nova. Digo isso pois, se é verídico o enredo que o Leão do Bonfim foi criado para ser o *sparring* do Morro Velho, como aponta seu memorialista e a dissertação escrita sob seu tema, porque os ingleses e comerciantes de Nova Lima esperaram até o ano de 1908 para criar o adversário? Enfim, indicativo de possibilidade de pesquisas.

¹⁵*Esporte Ilustrado*. Rio de Janeiro. 03/02/1944. n. 304. p. 06

¹⁶Grifo meu.



Figura 3 – “Morro Velho A.C. (Nova Lima) – 1913”¹⁷

De toda forma, a data apresentada pelo periódico é perfeitamente viável, uma vez que os ingleses já estavam em terras mineiras desde a primeira metade do séc. XIX. Será possível que eles, durante todo esse tempo, não tivessem praticado um dos esportes mais vulgares da Inglaterra? Lembrando que, na segunda metade do século XIX, nas terras da rainha, o futebol era praticado pelos estudantes das *Public Schools*, e também por um contingente considerável da classe operária inglesa. HOBBSAWM (2015) nos indica que, todos os elementos do futebol moderno, inclusive relativos a dimensão do espetáculo, já estavam estruturados naquela época.

No próximo item, vamos conhecer um pouco mais da pacata cidade de Nova Lima, local onde se desenrola nossa trama, assim como caracterizaremos a empresa multinacional inglesa, exploradora da mina de Morro Velho.

17 Disponível em: <http://cacellain.com.br> – acesso: 12/03/2016

2.1 Nova Lima, Mina de Morro Velho e a Saint John Del Rey

O berço deste clube operário é um município do Estado de Minas Gerais, localizado na fronteira centro-sul da cidade de Belo Horizonte, que atraiu um significativo número de homens a procura de ouro e riqueza desde o século XVIII. Muitos locais de mineração ainda se encontram em atividade no município, incluindo as minas de Morro Velho, de Mostardas e do Rio do Peixe, entre outras. Nelas, diversos minerais eram extraídos, incluindo o ouro.

A história desta simpática cidade mineira remonta ao fim do século XVII, quando o bandeirante paulista Domingos Rodrigues da Fonseca Leme chegou em busca do metal dourado. A primeira denominação dada ao local foi a de “Campos de Congonhas”, e posteriormente passou a ser conhecido por “Congonhas das Minas de Ouro”, abrigando população que trabalhava em diversas minas, tais como: “Bela Fama”, “Cachaça”, “Vieira” e “Urubu”.¹⁸

A data de 5 de fevereiro de 1891 marca a emancipação do município, denominado então Villa Nova de Lima, em homenagem ao ilustre Antônio Augusto de Lima, historiador, poeta e político. Apenas em 1923 a cidade recebeu o nome que permanece até hoje: Nova Lima.

Foi nesse lugarejo, próximo do que seria a nova capital mineira, que a companhia Inglesa *Saint John Del Rey Mining Company Limited* comprou a Mina de Morro Velho, ainda no início do século XIX, mais especificamente no ano de 1834. A mina era explorada desde o século XVIII, mas estava decadente quando foi negociada com seus proprietários, os brasileiros: George Francis Lyon, John Tom, Frederick Warre e Luiz Morethson.

Os ingleses tinham urgência na abertura de novos mercados, pois estavam bastante prejudicados pelo Bloqueio Continental imposto por Napoleão Bonaparte, na Europa. Para eles, a América e o Brasil eram uma espécie de compensação às perdas europeias.

¹⁸Disponível em: <http://www.cmnovalima.mg.gov.br/historia.html> - Acesso: 06/02/2015

Segundo Ronaldo Bernardino COLVEIRO; Davi Kiermes TAVARES (2017, s/p)

A transferência da Corte Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, sob a proteção da Inglaterra e sua Royal Navy, mudou os rumos da história desse país com repercussões duradouras. D. João, atingido pelas consequências da disputa entre a Grã-Bretanha e a França de Napoleão Bonaparte, trouxe consigo a influência britânica.

Desta forma, em 1810, foram assinados os tratados de Aliança e Amizade, de Comércio e Navegação e um último que tratou da regulamentação das relações postais entre os dois reinos. Esses tratados quebraram o monopólio português em nome do liberalismo e feriram em cheio os interesses lusos, além de humilhar a soberania portuguesa.

Acompanhando este movimento de expansão inglesa, a *Saint John Del Rey Mining Company Limited* foi organizada em Londres, em abril de 1830, com um capital inicial de 165 mil libras esterlinas. No mesmo ano começou a explorar alguns depósitos ao norte da cidade de São João Del Rei. Em dezembro de 1834, depois de registrar um prejuízo de 26.287 libras, a empresa inglesa decidiu transferir suas operações para Morro Velho.¹⁹

Sendo assim, de acordo com Ebenézer Pereira COUTO; Armando Dalla COSTA (2003, p. 06):

O investimento inglês na mineração de ouro em Nova Lima se reporta às primeiras décadas do século XIX. Chegado ao município em 1834, tratava-se de organizar as operações em moldes industriais, colocando-se em primeiro plano o problema da provisão da oferta de trabalho necessária à consecução do empreendimento. Para tanto, a empresa recorre à modalidade de trabalho escravo, a mais disponível à época, ainda que fosse também possível se contratar trabalhadores livres, mormente pequenos produtores de subsistência. Estes, porém, eram considerados pouco adaptáveis ao trabalho na mina, dado sua irresponsabilidade e absenteísmo que, na verdade, eram mera decorrência da percepção social do trabalho numa sociedade escravista.

A envergadura industrial do empreendimento foi um marco histórico na transição do Brasil para se inserir na etapa imperialista do capitalismo internacional, e constitui um fenômeno intrinsecamente ligado ao processo de penetração e expansão do

¹⁹Disponível em: <http://www.turismo.mg.gov.br> – acesso: 14/02/2017

capital estrangeiro no Brasil iniciado após a independência política do país em 1822. (GROSSI, 1981)

Com a utilização de mais capital, mais tecnologia e métodos de gestão mais eficazes para a época, a mina de Morro Velho se tornou o investimento inglês mais rentável em toda a América Latina, no século XIX. Na década de 1930, podemos comprovar o prognóstico favorável da mina, em reportagem do jornal *Gazeta de Paraopeba*²⁰:

EXTRACÇÃO DO OURO NO BRASIL. [...] Depois de Minas Gerais, o Estado que mais tem fornecido ouro para o Banco do Brasil, (as minas de Morro Velho são *inexgotáveis*) é hoje *Matto Grosso* onde esse *commercio* toma mais relevo, não obstante as grandes extrações de Lavras (Rio Grande do Sul) e as do Paraná e Brasil.

O empreendimento inglês era tão vultuoso que colocou em destaque, em poucas décadas, a mina de Morro Velho no cenário nacional e internacional, como a que mais produzia minério de ferro e ouro, a mais profunda da terra, entre outras características.

Em decorrência disto, numa perfeita sintonia com a elite da Capital da República, o presidente do *Touring Club do Brasil*, Octavio Guinle, convidava os brasileiros a conhecer a mina que já se tornara famosa à época, e a indústria da vizinha Sabará – a Siderúrgica Belgo Mineira, através do jornal carioca *A Noite*²¹:

AJUDANDO O BRASILEIRO A CONHECER O BRASIL. [...]. Visitando as minas de Morro Velho, *far-se-a* uma *idéia* da riqueza do solo, mas também do esforço formidável que exige o aparelhamento para *extracção* do precioso metal. É um parque de instalações mecânicas colossais; e as galerias das minas de Morro Velho *atingiram* a uma profundidade tal que a rocha já se *resente* do calor excessivo do centro da terra, sendo necessário um resfriamento artificial para que *ella* não se esfarele ao contato como ar. Em Sabará visitaremos as usinas de aço que já abastecem em grande parte o nosso mercado e que constituem um começo de realização do problema tão debatido da siderurgia nacional.

O destaque do empreendimento, além de badalado pela aristocracia carioca, ainda podia ser percebido em anúncios como este, abaixo:

²⁰Gazeta de Paraopeba, Paraopeba/MG. 21/06/1936. n. 341. p. 03

²¹A Noite. Rio de Janeiro. Data: 14/03/1933. n. 268. p. 02



Figura 4 – Anúncio de Grande excursão a Minas Geraes²²

No ano de 1931, a mina de Morro Velho recebeu duas visitas ilustres: A primeira do recém empossado presidente Getúlio Vargas, em 24 de fevereiro. Além do estadista, veio também o Príncipe de Gales, que depois se tornaria o rei Eduardo VIII e o seu irmão George, acompanhado do “comboio da São Paulo *Railway*”.

Além dos ilustres visitantes, a nobreza do Reino Unido também ficou hospedada na conhecida Casa Grande, construída pela família do Padre Antônio Pereira de Freitas no século XIX, no estilo colonial português. Recentemente, esta residência foi transformada no Centro de Memória da Mina de Morro Velho, administrado pela multinacional sul-africana *AngloGold Ashanti*. O prédio secular recebeu hóspedes ilustres, como Dom Pedro II e sua esposa, Dona Tereza Cristina. Hospedaram-se lá também o rei da Bélgica e a seleção inglesa de futebol, durante a Copa de 1950.²³

Estou destacando estas informações para que o leitor tenha a dimensão do que representava, em nível nacional, a região de Nova Lima, e como a empresa inglesa se relacionava com o poder central no Brasil.

²²A Noite. Rio de Janeiro. 21/12/1932

²³Disponível em: <http://www.anglogoldashanti.com.br> – acesso: 24/01/2017

Sendo assim, para ilustrar a suntuosidade das moradias, aponto o relato do viajante Richard BURTON (1976, P. 174), que esteve na Vila de Congonhas de Sabará²⁴, em 1867, descreve a Casa Grande - sede da superintendência Inglesa:

Deixando à esquerda, em uma eminência, a grande casa branca do armazém da Companhia, dirigido pelos Srs. George Morgan e Matthew, encontramos a Casa Grande, que não deve ser confundida com as “casas grandes” do Vale da Vila. Nela fica a sede da superintendência, e é pintada com o amarelo oficial, ornada com uma parreira e tendo em frente uma varanda, construída para receber Sua Majestade Imperial.

A presença dos ingleses não marcou apenas a engenharia e a arquitetura da região, mas influenciou também a cultura local e alguns de seus costumes. Exemplos disso são: o bicafe, símbolo de Nova Lima, logo na entrada da cidade, construído em 1890 para abastecer de água a área industrial da mineração; o Cemitério dos Ingleses, onde estão sepultados alguns dos primeiros colonizadores - que nem na morte queriam se misturar a população local (GROSSI, 1981); e a Igreja Anglicana - Paróquia São João Batista, construída no ano de 1913.

Entretanto, Minas Gerais não seria o único local onde os ingleses apresentariam este tipo de conduta. Jorge CALDEIRA (1995, p. 109), nos conta como acontecia no Rio antigo:

A colônia inglesa funcionava como uma sofisticada comunidade autônoma na vida do Rio de Janeiro: seus membros tinham uma presença forte na economia e na política, mas pouca gente na cidade convivia com eles – o que muito os satisfazia. Cultores de sua própria superioridade, os ingleses, desde que chegaram ao Brasil, mantiveram um hábito de seu país de origem: não gostavam de se misturar. Para manter a devida distância dos nativos, dedicaram-se com pertinácia e método, a produzir no Rio de Janeiro uma miniatura tropical de sua ilha. Em menos de vinte anos, montaram um aparato completo para esquecer que estavam longe da “civilização”. Eles liam seu próprio jornal, o *Rio Herald*, assistiam culto em inglês na capela anglicana, empregavam governantas inglesas em suas casas. As crianças tinham aulas em escolas próprias, com professores trazidos da Inglaterra; se precisavam estudar mais, recorriam à biblioteca inglesa. Quando ficavam doentes, internavam-se no hospital inglês e recebiam tratamento de um médico inglês – e até os mortos eram convenientemente enterrados no Cemitério dos Ingleses. Era fácil encontrar os gêneros e produtos para o dia-a-dia: os membros da colônia equipavam suas casas indo às lojas dos patrícios, onde compravam tudo que consumiam em seu próprio país.

²⁴Antigo nome da cidade de Nova Lima/MG

Para além das características da presença inglesa em Nova Lima e no Brasil, não era uma unanimidade a admiração e o respeito relativo as obras da *Saint John Del Rey Mining Company Limited*. Havia o medo pela segurança da capital mineira, em decorrência das incompreendidas perfurações no solo²⁵, e a população, de uma forma geral, tinha uma desconfiança da gestão dos ingleses, conforme podemos observar no trecho da carta publicada pelo jornal *A Noite*²⁶:

Affirmaste em vosso artigo que em Morro Velho extraem-se duzentas arrobas de ouro anualmente. É um facto. A mineração da Passagem produziu durante dezenas de anos mais de cem *kilos annuaes* e produziria *inesgotáveis* se os ingleses tivessem continuado na sua faina de exploração. Há muitos “Morro Velho” em todo o Brasil, bem o disseste. Mas pouco nos adentram as companhias inglesas que apenas *augmentam* os seus latifúndios e enriquecem a Inglaterra, acenando-nos orgulhosamente de longe com o seu “esterlino”, como a dizer-nos: vem tomar-nos, brasileiros, se é capaz!

Afora suspeições dessa ordem, existia uma certa antipatia da população local, e até mesmo mineira com os ingleses. E esses conflitos não apareciam apenas no meio da população. Seus governantes também se indispuseram com a gestão da Saint John Del Rey.

No final da década de 1930, a prefeitura de Nova Lima entra em litígio contra a multinacional inglesa em decorrência da estrada que ligava Belo Horizonte à pequena cidade mineira. De acordo com as reportagens da época, a empresa decidiu, sem comunicar a prefeitura, fechar a estrada asfaltada, permitindo apenas a passagem de veículos e funcionários da Saint John. O prefeito entrou com uma ação na justiça e a peleja deixou os moradores sem o acesso durante vários dias.²⁷

Todavia, os conflitos entre os representantes da ordem burguesa eram rapidamente resolvidos entre *gentleman*. Este tipo de indisposição governamental com a multinacional inglesa, frequente, de forma cada vez mais rarefeita, as páginas dos jornais na década de 1940.

²⁵ *Lavoura e Commercio*. Uberaba/MG. 21/04/1936.

²⁶ *A Noite*. Rio de Janeiro. 24/12/1930. n. 6855. p. 08

²⁷ *A Noite*. Rio de Janeiro. 17/08/1939

Outra herança deixada na região central de Minas Gerais é a Lagoa Grande, batizada de Lagoa dos Ingleses, já que toda a região pertencia a eles. O empreendimento de enorme envergadura foi construído para gerar energia elétrica para a mina de Morro Velho.

Sendo assim, de acordo com o professor aposentado do Instituto de Geociências da UFMG, Friedrich Renger²⁸:

George Chalmers represou diversos riachos para produzir energia elétrica para mina. Não só a Lagoa dos Ingleses, como também a do Miguelão e a das Codornas fazem parte de uma rede interligada de represas para alimentar a usina. A eletrificação foi um dos pontos altos de sua administração.

O referido gestor George Chalmers foi o responsável pelo sucesso do empreendimento inglês no século XX, depois de dois grandes graves acidentes na mina de Morro Velho ainda no século XIX. Em 1886, após cinquenta anos de quase ininterrupta prosperidade, a mina foi o cenário de outra catástrofe, de proporções ainda maiores, quando toda a estrutura desmoronou.

Após esse acidente, a mina permaneceu fechada pelo resto do período imperial, sendo reaberta somente na metade dos anos 1890, como nos mostra o Jornal *A Noite*²⁹:

CENTENÁRIO DE OURO. [...] O Brasil coube a sorte de possuir em plena atividade prospera a mais profunda mina aurífera da terra. Os trabalhos de *extração* estão sendo executados a uma profundidade de dois mil e duzentos metros, tendo as primeiras explorações, a *céo* aberto, começado em 1834. Teve a Morro Velho duas crises que lhe *puzeram* quase a termo. Foi a primeira, a de 1867, quando ocorreu o incêndio das galerias, sendo o superintendente Mr. James Gordon. A segunda, em 1882, teve *logar* com o desmoronamento da mina. Data desta última a *acção* eficaz e restauradora de Mr. Georges Chalmers, cuja administração longa terminou pouco tempo antes do seu falecimento.

Entretanto, outros diversos acidentes, muitos mais graves, foram vivenciados pelos operários, ao longo da sua história, atingindo suas famílias e, de alguma forma, toda a população de Nova Lima. Eram recorrentes na Mina de Morro Velho, assim como um número relevante de mortes de trabalhadores. A imprensa belorizontina, na

²⁸Disponível em: <http://www.mmgerdau.org.br> – acesso: 14/02/2017

²⁹*A Noite*. Rio de Janeiro. Data:05/01/1931. n. 187. p. 06

década de 1930, não poupou a multinacional de inúmeras críticas, inclusive pela forma sectária com que os ingleses se relacionavam com a comunidade local.

Quando não eram os acidentes, de toda ordem, tais como: explosões, desabamentos, soterramentos, entre outros; os mineiros e suas famílias sofriam com as consequências de inúmeras doenças, a exemplo da silicose³⁰, que matava ou impossibilitava o operário de continuar a receber seus proventos advindos do labor na profunda mina.

Na ocasião do acidente, o jornal *O Constitucional*³¹, noticia em sua coluna:

Este sinistro acontecimento tem in *commodado summamente* à todos os habitantes deste município que *d'Ile* vão tendo notícia. *Felismente* só *fallecerão asphyxiados* 21 pretos, e um *Inglez*; digo *felismente* porque, sendo empregadas nas mina diariamente para mais de 900 pessoas, o número das *victimas* em relação foi pequeno; isto devido a boa direção *d'quelle* estabelecimento.

Curiosamente, a Saint John Del Rey Mining Company também foi o maior empreendimento escravista privado de todos os tempos, em Minas Gerais. Ela importava mineiros europeus da Cornualha e contratava brasileiros livres. Entretanto, o maior volume da sua força de trabalho era de origem escrava.

No ano de 1835, a companhia inglesa possuía 263 escravos, logo nos primeiros anos da sua exploração na mina de Morro Velho. Seu contingente de homens escravizados cresceu continuamente até 1863, quando atingiu seu ponto máximo, chegou a espantosa marca de 1.691 escravos. Nesta época, a *Saint John Del Rey* estava retomando a plena capacidade de suas operações, depois da longa redução causada por mais um acidente grave - o incêndio de 1867. (Débora Bendocchi ALVES, 2013)

30Também conhecida como fibrose massiva progressiva, silicoproteínose. A silicose é uma doença pulmonar causada pela inalação de sílica. O pó de sílica é o elemento principal que constitui a areia, fazendo com que a doença acometa principalmente mineiros, cortadores de arenito e de granito, operários das fundições e oleiros. Também àqueles em que os trabalhos implicam na utilização de jatos de areia, na construção de túneis e na fabricação de sabões abrasivos, que requerem quantidades elevadas de pó de sílica. – Disponível em: <http://www.minhavidacom.br>

31“O Constitucional”. Ouro Preto/MG. Data: 30/11/1867. n. 89. p. 03 – Disponível em: Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa

Richard Francis Burton (1976, p. 235) nos revela como era o trabalho dos escravos de subsolo, neste período:

Os trabalhadores de subsolo são *cavouqueiros*, limpadores de pontos de desmonte, empurram vagões, enchem as caçambas de minério e executam os trabalhos de revestimento de madeira; estão divididos em três turmas, que entram nas minas às 6 da manhã, 2 da tarde e 10 da noite. Aos domingos, as turmas mudam de lugar, de maneira que só de três em três semanas há trabalho noturno. Calcula-se, por alto, que trabalham na mina, ao mesmo tempo, 620 homens, incluindo todos os trabalhadores.

Além disso, a partir da data do incidente, o mercado de escravos apresentou-se cada vez mais restrito, devido às políticas internacionais do Reino Unido. Apenas no ano de 1879, pela primeira vez na longa história de Morro Velho, os trabalhadores livres ultrapassaram os escravos.

Podemos entender melhor a dimensão deste empreendimento no cenário nacional e mineiro (e brasileiro) observando esta notícia do Jornal *Actualidade*³²:

Mina de Morro Velho. Uma das curiosidades que o estrangeiro *póde* encontrar no interior do Brasil é, seguramente, este notável estabelecimento de indústria aurífera. Contando com mais de setenta anos de existência só de exploração da *actual* companhia inglesa, o Morro Velho é um grande foco de atividade e trabalho donde irradia para uma grande extensão circunvizinha a vida, a prosperidade econômica. Tem sido hoje perfurados três poços da mina. Os dois primeiros foram destruídos, um pelo incêndio de 1867, e outro pelo desmoronamento de 1886, depois de terem ambos produzido 103.515 contos de réis. A mina atual foi aberta em 1889 e até 30 de julho de 1904, havia produzido 49.022 contos, tendo custado 38.132 contos, que ficaram no país. A profundidade da mina é de 1240 metros, a contar da entrada dos poços, ou 390 metros abaixo do nível do mar. O capital da companhia, todo empregado na mineração do Morro velho, é atualmente de 10.560:000\$. A extração diária do minério é de 430 toneladas. O número de empregados, incluindo o pessoal dirigente, tem sido, ultimamente de 2.200, na média.

Entretanto, o processo de organização desta empresa nas terras mineiras, os desdobramentos da relação capital, e o surgimento de um forte movimento sindical, são características de um processo mais abrangente, principalmente no que se refere à atuação política influenciada fortemente pela presença estrangeira, como nos aponta GROSSI (1981, p. 41):

A emergência de atividades industriais urbanas nas últimas décadas do século passado configurou o surgimento, na Primeira República, de uma

³²"Actualidade". Belo Horizonte. Data:15/01/1906. n. 75. p. 02

nova classe social: o operariado industrial. Morro Velho não escapou à determinação estrutural constatada na formação da classe operária brasileira, que foi a presença do imigrante europeu. O maior contingente de trabalhadores da Companhia constituiu-se de espanhóis. Estes trouxeram sua experiência não só profissional como de vida associativa e mesmo de luta reivindicatória.

Segundo Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA (1998), a expansão do capital e da tecnologia britânica, presentes de forma intensa no continente sul-americano, e que se concretizava na presença de trabalhadores especializados ingleses nestes países e na grande influência que a cultura bretã, seria uma das principais vias de um complexo processo de consolidação do futebol como conhecemos hoje. A outra via seria a experiência que os jovens estudantes de famílias abastadas teriam com o jogo nos países europeus nos quais iriam estudar.

Ainda de acordo com o autor, poderia dizer que a difusão do futebol expressava uma outra face do afamado imperialismo britânico, aparecendo para muitos como um elemento de descaracterização das culturas e tradições locais. Ou arrisco dizer que o futebol, pretendia implementar novos hábitos a esta população.

Ainda nesta temática do imperialismo inglês, Joel Rufino dos SANTOS (1981), também nos revela que os bancos, as estradas de ferro, as companhias de mineração, de transporte urbano, de iluminação a gás, de telégrafo, de cabotagem, de seguros – com estes fios teceu-se a dominação inglesa no mundo, durante muitas décadas. Sendo assim, o dominador necessitou de instrumentos de controle dos corpos, convencimento e simpatia da população local. Os ingleses, muito possivelmente, operaram com o futebol para marcar sua presença e anunciar sua cultura associada com os ideais de modernidade e progresso em diversos países.

Destarte, a *Saint John Del Rey* explorou a Mina de Morro Velho até a década de 1960, quando foi vendida a um consórcio de capital brasileiro (Unibanco e Bozano Simonsen), que se associou com a empresa sul africana *Anglogold* em 1975 e que, por sua vez, assumiu a totalidade do capital acionário em 1999. Em 2004, ao se associar com a empresa inglesa *Ashanti Goldfields Corporation* mudou seu nome para *Anglogold – Ashanti*.

A mina foi paralisada em outubro de 2003 devido à grande profundidade da exploração, que acarretava economicamente pouco desempenho. A mina mantém, desde 1994, o Centro de Memória Morro Velho, onde é proposto o resgate da história da mina nos séculos XVIII, XIX e XX. (Fábio Martins DIAS, 2012)

2.2 “Created by England”: os princípios do controle dos corpos

Ainda no século XVIII, a Inglaterra apresentou-se como a primeira grande potência capitalista, a partir da Revolução Industrial. Desde então, o novo sistema evidenciou-se em todas as partes do planeta, suplantando os modos de produção antigos e as relações de trabalho milenares. Temos como exemplo os povos da América, África e Ásia, que foram colonizados pelos europeus e que tiveram de adotar o modo capitalista de organizar a política e a economia, abandonando tradições de trabalho e propriedade coletivos. (Gustavo Uchôas GUIMARÃES, 2014)

O capitalismo é um dos seus fenômenos mais significativos - a expansão inglesa, não havia trazido para as populações exploradas nenhuma melhoria nas condições de vida. De acordo com Karl MARX, (2001, p. 71):

Digo, entretanto, que o trabalho em si, não só nas atuais condições, mas globalmente, à medida que a sua finalidade se resume ao aumento da riqueza, é danoso e insalubre, e que tal condição se tira do próprio argumento do economista, se bem que ele não tenha percebido.

Este trecho que Marx nos apresenta indica, de forma precisa, como foi a exploração da mina de Morro Velho e a relação do grande capital inglês com os operários brasileiros. Mortes, doenças, não cumprimento das leis trabalhistas do novo regime de Vargas eram alguns exemplos, num leque de ações predatórias impetradas.

De certo, com os nefastos efeitos do capitalismo multinacional protagonizados pelos representantes do Reino Unido, ainda no séc. XIX, havia a necessidade de se pensar em estratégias de apaziguamento e de disputas ideológicas. Eric HOBBSBAWM (2015, p. 313) nos conta o que ocorria nesta época, na Inglaterra, e

que provavelmente foi inspiração de muitos gestores burgueses, nas ocupações britânicas pelo mundo:

Esta cultura operária estava tão solidamente estabelecida que é difícil esquecer que ela possuía origens cronológicas específicas. O futebol como esporte proletário de massa – quase uma religião leiga – foi produto da década de 1880, embora os jornais do norte, já ao final da década de 1870, houvessem começado a observar que os resultados de jogos de futebol, que eles publicavam somente para preencher espaços, estavam na verdade atraindo leitores. O jogo foi profissionalizado em meados da década de 1880, quando desenvolveu suas estruturas – os jogos da *liga*, a competição arrasadora pela taça, o domínio quase completo do jogo por atletas de origem proletária (que recebiam salários como todos os trabalhadores, embora os dos atletas fossem mais altos que o dos restantes) [...]

Desta maneira, o futebol em toda sua dimensão de espetáculo e o incentivo à criação de clubes operários apresentam-se como uma das ações de disputa da hegemonia nos locais onde as indústrias do Reino Unido operavam, e em consequência da eficiência do fenômeno observado na Inglaterra. No caso da *Saint John Del Rey Mining Company Limited* ter uma quantidade considerável de operários, moradores e moradoras da pacata cidade mineira de Nova Lima acreditando na exploração de seus corpos, visando apenas o balanço contábil da empresa, poderia não ser a melhor política. Haveria de se criar estratégias para construir uma imagem positiva da multinacional inglesa naquela sociedade.

Desta forma, a adesão dos operários ao futebol, na Inglaterra, poderia ser explicada pela transição de uma forma de vivenciar os lazeres populares, no início do séc. XIX, conforme já discutimos anteriormente. Ao mesmo tempo, no caso dos novos esportes, o futebol era reproduzido em campo, num ambiente muito similar para os operários das fábricas.

A especialização das funções (cada pessoa tem uma função no time como na fábrica), o trabalho coletivo, a disciplina através da fixação das regras e do controle do tempo, além da competitividade e do estabelecimento de metas. O controle dos corpos era construído através de outras sensibilidades, de outras estratégias de convencimento. Não era simplesmente a alienação da população, tese defendida nos anos de 1960 e 1970. Era a apresentação do esporte como estrutura desejada e pretendida para o trabalho do proletário, modelar para a organização da sociedade democrática liberal.

Sendo assim, de acordo com Miguel Henrique STEDILE (2013, p. 16)

Assim, na década de 1880, o futebol já era o esporte proletário da massa, quase uma religião leiga e nos próximos anos, se testemunharia a fundação de centenas de clubes operários como o Dial Square (depois Arsenal Football Club) formado por operários da Woolwich Arsenal Armament Factory, o Coventry por empregados de uma fábrica de bicicletas, o West Ham dos trabalhadores do estaleiro Thames Ironworks and Shipbuilding Co. Ltd ou o Milwall, dos trabalhadores da fábrica de geléia Morton's Jam.

Como exemplo desse fenômeno do futebol operário como estratégia de controle dos corpos dos operários, além do poderoso *Bilbao Athletic Club*, clube da primeira divisão espanhola, criado por ingleses em 1898, podemos evidenciar o *Bangu Athletic Club*, do Rio de Janeiro; e cuja histórias guardam algumas analogias com famoso clube espanhol e com o alvirrubro novalimense.

O Bangu, clube suburbano da capital da república, foi fundado quatro anos antes do seu correlato mineiro, e também estavam na sua origem funcionários ingleses e operários brasileiros da antiga fábrica de tecidos. Esta estratégia inglesa de controle dos corpos, provavelmente foi utilizada em diversos locais, e em diversos países, onde a forte influência ocorreu.

As semelhanças entre o Bangu e o Villa Nova são muito curiosas. Desde a camisa oficial dos dois clubes nas cores vermelho e branco (cores da bandeira inglesa), com listras verticais, e a característica de ter entre seus fundadores, jogadores e alguns personagens que não compunham a elite da época.

A respeito deste fenômeno, Nei Jorge dos SANTOS JUNIOR (2013, p. 11) nos explica:

A fundação do Bangu Athletic Club, assim como o surgimento de outros clubes fabris, promove um alargamento simbólico no cenário incipiente do futebol carioca na primeira metade do século XX. Definitivamente, a inserção dessas agremiações mantendo em suas fileiras brancos pobres, negros, entre outros representantes das camadas populares, indicava a força que a prática estabelecia entre os bairros pobres da cidade do Rio de Janeiro.

A aceitação do Villa Nova como clube que pudesse pertencer ao grupo dos grandes clubes da capital mineira, só irá se concretizar no final da década de 1920, quando se iniciam os primeiros movimentos pela profissionalização do futebol. Ao Leão do Bonfim, apesar dos inúmeros amistosos com as agremiações aristocráticas da capital, somente foi permitida a participação nos campeonatos oficiais da Capital, no ano de 1927.

Isso indica que ainda nesta época havia uma estratégia de insistência na configuração do futebol como distintivo de classe, protagonizado pela imprensa local. Entretanto, não apenas Minas Gerais foi privilegiada em receber os impactos da ocupação inglesa, ou Europeia.

A cidade de Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro, apresenta-se como um bom exemplo disto para pensarmos a necessidade de controle da burguesia sobre seu operariado. As instalações de fabricas teria ocorrido de maneira estratégica, pois se instalam distantes entre si, para permitirem manter um maior controle sobre seus operários.

Sendo assim, de acordo com João Raimundo de ARAÚJO (2003, p. 82):

E, portanto, possível afirmar que a implantação das principais indústrias no território friburguense obedeceu a determinados critérios de controle e dominação que os empresários alemães montaram estrategicamente para Nova Friburgo. Não nos parece que tais assentamentos industriais se fizeram de forma aleatória. Acreditamos que num momento de expansão capitalista, o controle do espaço urbano exercido pelo grupo de alemães possibilita-lhes condições excepcionais no tocante ao domínio sobre todo o processo.

Em Minas, a burguesia foi abandonando o desejo do futebol como distintivo de classe. Esse movimento foi alterado em favor de uma nova conformação que começou a surgir no campo esportivo e futebolístico, e que ganhou pujança com a revolução de 1930. A justificativa da não inclusão do time novalimense nos torneios oficiais da capital mineira era a distância entre as cidades – 21,5km. Entretanto, dada a circulação do Villa Nova pela capital, e em outros espaços de Minas Gerais, e até mesmo a visita de clubes de Belo Horizonte em Nova Lima, se tornou

insustentável continuar separando o clube operário das demais agremiações belorizontinas.

Apesar do bloqueio dos times da capital ao clube novalimense, o alvirrubro de Nova Lima, já na década de 1920, circula entre os clubes de Belo Horizonte, através de jogos amistosos, e também em viagens principalmente ao Rio de Janeiro, para confrontos com os clubes da capital da república.

O primeiro jogo do Villa Nova foi contra uma equipe sem nome determinado, formada por jogadores de um bairro tradicional de Belo Horizonte chamado de Lagoinha. O local apresentou-se como um berço dos primeiros anos de história do futebol da nova capital mineira, abrigando clubes com nomes inspirados nos grandes times de futebol do Rio de Janeiro, tais como: Flamengo e Fluminenses. O Ipanema também fazia menção a um bairro carioca. Além desses, podemos citar o Guarany e o Olympic. Nenhuma dessas agremiações resistiu ao tempo.

A estreia contra um time grande da capital mineira aconteceu apenas quatro anos após a sua fundação, em 1912, contra a equipe do Clube Atlético Mineiro. O jogo aconteceu por ocasião do aniversário do presidente do Estado de Minas Gerais – sr. Bueno Brandão. O Atlético venceu o *match* por 5 gols a 1.

No ano de 1910, o Villa consegue a primeira façanha de vencer o *Morro Velho Athletic Club*, por 3 x 1. Este clube era formado exclusivamente por Ingleses, funcionários de alto escalão da multinacional inglesa que explorava a Mina de Morro Velho, de acordo com a reportagem retrospectiva do jornal *A Noite*, de 27 de junho de 1930³³, intitulada – “O Villa Nova A. C. completa hoje 22 *annos* de existência *sportiva*”:

O Villa Nova teve a sua primeira grande *victória* nos campos de foot-ball dois anos após a sua fundação, quando em 1910 venceu brilhantemente por 2 x 1, o até então invencível Morro Velho Athletic Club, veterana e modelar sociedade mineira, e quiçá a mais antiga agremiação *sportiva* do Brasil, mantida pelos ingleses da companhia que lhe dá nome.

³³*A Noite*, Rio de Janeiro. 27/06/1930. n. 6.636. p. 08,

Segundo Freitas (2008) a vitória foi muito comemorada pela população novalimense. Isto corrobora o fato de os ingleses não serem muito bem vistos na cidade. Eles, como em outras partes do mundo, isolavam-se da população. Grossi (1981) revela ainda que nem enterrados no mesmo local que os brasileiros os funcionários do Reino Unido queriam ser. Eles haviam construído um cemitério exclusivo.

Quatro anos depois, o clube de operários de Nova Lima repete o feito, conforme conta a reportagem do jornal *O Esporte*, também retrospectiva³⁴:

TRIUMPHO INESQUECÍVEL. Seis *annos* após foi plenamente satisfeito o desejo dos *vilanovenses*, que almejavam uma *victória* espetacular sobre os *inglezes* do Morro Velho. Enfrentando-os, em março de 1914, no campo das Quintas o mais poderoso *conjuncto* do Estado não resistiu ao *enthusiasmo* do Villa Nova e, depois de uma peleja sensacional, assistida por cerca de 8.000 pessoas, baqueou por 1 x 0. De Deus, um dos mais perfeitos avantes *daquella* época, conquistou o tento da *victória*, sendo carregado em *triumpho*.

Com o notável desenvolvimento do time alvirrubro, ainda na década de 1910, um grupo de dirigentes decide alterar o estatuto do clube. Esta tarefa foi realizada no ano de 1919, indicando que o clube operário deveria ser composto por sócios em número ilimitado, sem distinção de nacionalidade, opinião política ou religiosa. O documento também previa que o objetivo da agremiação era a “*educação sportiva*” e o desenvolvimento de todos os “*sports e exercícios athleticos*”, destacando o “*foot-ball association*.” (SILVA, 2007)

Aos poucos o Villa Nova foi se firmando no cenário futebolístico de Minas Gerais. Realizava jogos com equipes da capital mineira, de Juiz de Fora e equipes do Rio de Janeiro, conforme trecho do *Jornal de Queluz*³⁵:

Deverá seguir hoje para Nova Lima, a primeira esquadra do Guarany F.C., que ali *vae* a convite de Villa Nova A. C., disputar *match* amistoso. Acompanhando a delegação guaranyense, seguirão diversos torcedores da equipe tricolor.

Notícias como esta serão muito observadas, com frequência cada vez maior ao longo da década de 1920. Os clubes cariocas como São Cristovão de Futebol e Regatas, Bangu Athletic Club, Clube de Regatas Flamengo e Fluminense Football

³⁴*O Esporte*. Belo Horizonte. Data: 19/10/1936 – Disponível em: Arquivo Digital da Coleção Linhares

³⁵*Jornal de Queluz*. Queluz/MG. Data: 12/11/1927. n. 92. p. 03

Club, também realizaram partidas amistosas com o Leão do Bonfim ainda nesta última fase amadora do futebol nacional.

Interessante notar que a circulação do time de Nova Lima e seus feitos começam a chamar à atenção da imprensa carioca. A partir da década de 1930, observamos uma grande quantidade de notícias relacionadas ao Villa Nova e ao futebol mineiro. Neste período fica mais intenso o processo de profissionalização do futebol brasileiro. Consequentemente, o Villa Nova começa a ganhar muitos dos torneios que participava, mas não sem a resistência dos clubes da capital.

Relacionado a essa construção de uma identidade nacional com a prática do futebol no período do governo de Getúlio Vargas na década de 1930, segundo os autores ALMEIDA; MINA (2015, p. 5):

Getúlio Vargas assumiu a presidência, [...] inspirando-se nas perspectivas de modernização e industrialização, e no regime de regulação social denominado Welfare State (Estado de Bem-Estar Social). [...] Através deste ideário, o presidente ampliou a inserção das camadas subalternas urbanas no universo da política nacional e do futebol, transformando esta modalidade esportiva em um dos principais alicerces do processo de construção da nacionalidade brasileira.

Sendo assim, observando as fotos do Clube de Nova Lima, na sua fundação, e outras depois na reformulação, podemos perceber alguns indícios de transformações, de alterações de procedimento e espaço ocupado.



Figura 5 - Time do Villa Nova A. C. no ano de 1913 ³⁶

Observando atentamente as fotos da formação original e do time anos mais tarde, como na imagem acima, podemos perceber a presença cada vez maior de negros no time, o que vai na direção contrária da história que é contada sobre a gênese desse Clube operário.

As imagens reforçam a tese de que o time realmente pode ter sido criado para servir de adversário do *Morro Velho Athletic Club*, time dos funcionários de alto escalão da multinacional inglesa. Ainda guardava uma conformação elitista e sem a participação operária significativa. Todavia, ao longo do tempo, os objetivos e as razões para se manter um elenco futebolístico competitivo, provavelmente foram alterando a lógica que fazia operar a formação do conjunto.

Por outro lado, as notícias de greves e acidentes, muitas vezes com a morte dos “desventurados e vilipendiados operários e mineiros da Mina de Morro Velho”, acabavam sendo retratados pela imprensa mineira, e os possíveis impactos destes fatos na comunidade local podem ter incentivado a empresa a investir sistemática e

³⁶Disponível em: <http://www.overmundo.com.br> – acesso: 05/01/2017

intensamente no esporte para disputar simbolicamente sua imagem na sociedade novalimense. E o investimento não foi sem retorno.

O Villa Nova foi o primeiro clube de Minas Gerais a conseguir vitória fora do Estado de Minas Gerais. Jogou no Rio de Janeiro, em 1924, “enfrentando um selecionado clube formado à base de grandes valores” do futebol carioca da época. Além desse, houveram outros *matches* contra equipes do Rio. O que indica a construção de um projeto que envolvia a prática do futebol e o controle dos corpos dos operários da Mina de Morro Velho, e que não se iniciou apenas na década de 1930. (FREITAS, 2008)

Desta forma, afirmar a gênese do futebol como um privilégio das elites no Brasil não se sustenta diante dessas diversas evidências que apontam para a presença de trabalhadores desde os primeiros anos de seu desenvolvimento no Brasil. Em Minas Gerais, a afirmação aristocrática do futebol como distintivo de classes foi apenas uma pretensão, uma história interessada construída pela imprensa. De fato, populares e elite sempre estiveram envolvidos nessa prática esportiva desde os primeiros anos.

No próximo capítulo, destacarei uma intensa movimentação em torno do futebol, com o profissionalismo tomando a cena do esporte bretão; e também uma movimentação política, em decorrência do advento da revolução de 1930, das novas leis trabalhistas. Evidenciarei as precárias condições de trabalho dos operários da Mina de Morro Velho, suas movimentações organizativas e sindicais; e o profundo contraste com o rosário de vitórias do seu time operário nos gramados mineiros e cariocas.

CAPITULO II

A ASCENÇÃO DO CLUBE OPERÁRIO

Espero que a cultura plebeia tenha se tornado um conceito mais concreto e utilizável, não mais situado no ambiente dos “significados, atitudes, valores”, mas localizado dentro de um equilíbrio particular de relações sociais, um ambiente de trabalho, exploração e resistência à exploração, de relações de poder mascaradas pelos ritos do paternalismo e da deferência.

E. P. Thompson

Na década de 1930, o mundo ocidental se encontrava em um momento político e econômico muito delicado, e o Brasil fazia parte integral disto. Com a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929, e uma explícita crise do capitalismo, havia um acirramento da luta de classes. Grupos foram constituídos, interesses transformaram-se em aglutinadores de projetos de Estado. Estavam em disputa os rumos políticos das nações, e de que forma as economias iriam se reorganizar.

No Brasil, um fenômeno importante para a sociedade estava sendo forjado. Por sua vez, o futebol, que atraiu no início do século XX muita atenção de fãs em todos os Estados da federação, assumiu definitivamente seu caráter profissional. Mas esse processo não aconteceu de forma tranquila. Curiosamente, o Villa Nova Athletic Club será, em Minas Gerais, o time mais vitorioso deste período, como veremos a seguir.

Sendo assim, problematizarei, neste segundo capítulo da tese, questões referentes aos últimos anos do futebol amador em Minas, as políticas e controle dos corpos dos operários, e contarei histórias de mais alguns personagens do futebol de Minas Gerais.

O ex-presidente do Villa Nova, Castor Cifuentes, será lembrado, pois esteve envolvido em certa confusão entre ele e a empresa, na segunda metade da década de 1930. Esse ocorrido apresentou-se como um dos exemplos da tensão entre Clube de futebol, operários e a empresa mineradora *Saint John Del Rey*. Cifuentes,

além de ter fornecido seu nome ao Estádio do Alvirrubro novalimense, também foi protagonista importante nos primeiros anos do futebol profissional em Minas Gerais.

Destarte, analisarei o outro lado da moeda da vida social de Villa Nova de Lima. Casos como “o Homem-fera” e outros crimes de sangue, fornecerão elementos para pensar a precariedade da vida na pequena cidade de Minas Gerais. E para completar a arena de discursos, tratarei com mais detalhes das condições da mina de Morro Velho, um verdadeiro “Inferno Dantesco”, e a posição dos comunistas, os ditos “vermelhos”, assumindo a cena na luta de classes.

1 Os últimos anos do futebol amador em Minas

A década de 1930 será um divisor de águas para o futebol em Minas Gerais, e para toda uma sociabilidade que estava em intensa transformação na nova capital do Estado das Alterosas. O mundo, que não havia esquecido a Primeira Grande Guerra, olhava com apreensão as movimentações nacionais na Europa e o risco iminente de um novo conflito mundial. No Brasil, um gaúcho e seu grupo político quebram a sequência da política do Café com Leite, e no ano de 1930³⁷ instauram uma “revolução”³⁸, e sepultam a república Velha.

O cotidiano da população mineira de Belo Horizonte, assim como os divertimentos, as novas tecnologias, tais como rádio, telefone, entre outros, também revelavam uma nova ordem, novos sentidos e significados com a entrada em cena de práticas corporais inéditas. Desta forma, não eram apenas as economias mundiais que estavam mudando. O modo como as pessoas se relacionavam, de que maneira se comunicavam, como se expressavam, estava mudando definitivamente.

Nesse sentido, Carlos Drummond de ANDRADE (2014, p. 14), escreve uma crônica ao jornal *Minas Gerais*, ainda em 1931, que ilustrará bem o destaque que o futebol começava a ter entre a população mineira:

Domingo a tarde, na forma do antigo costume, eu já ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde, o segundo foi descer e perguntar a causa da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro, dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção.

37A Revolução de 1930 marca o final da Primeira República no Brasil. Nos primeiros meses do Governo revolucionário e ainda Provisório de Getúlio Vargas, a situação política permaneceu indefinida em muitos Estados. Diversos grupos políticos lutavam para indicar os interventores federais, que seriam nomeados pelo presidente da República para substituir os antigos presidentes estaduais eleitos, que foram depostos pela revolução. Minas Gerais foi o único estado que não teve interventor indicado por Getúlio. Manteve-se no cargo o presidente estadual Olegário Maciel.

38Acredito que a palavra revolução (do latim *revolutio, ónis*: ato de revolver) apresente-se como uma mudança profunda na correlação de forças políticas, ou na organização estrutural de uma sociedade, em um curto espaço temporal. Sendo assim, o termo também pode ser utilizado para descrever alterações velozes e estruturais nos campos científico e tecnológico, econômico, assim como referente ao comportamental humano. A chamada “revolução de 1930”, assim como a também defendida por alguns: “revolução de 1964”, são movimentações expressando uma desacordo entre a classe burguesa dominante, de forças originalmente conservadoras, e que não estabelecem relações verdadeiras com o sentido léxico da palavra. Entendo serem revoluções, por exemplo: A revolução burguesa e industrial, nos séc. XVII e XVIII; e a revolução russa, que este ano completa cem anos.

Ao longo da crônica, Drummond critica a falta de emoção que ele sentia assistindo um jogo de futebol pelo telefone. Poucos anos depois, seria o rádio um dos primeiros instrumentos de massificação do futebol no Brasil.

Entretanto, no início da década de 1930, este esporte tinha se tornado uma verdadeira mania nacional, tanto como prática propriamente dita, assim como espetáculo para o divertimento da população belorizontina. Minas não apresentava diferenças significativas com relação a este fenômeno na esfera nacional. O recém instaurado governo revolucionário de Vargas, também não iria deixar de perceber a pujança desta novidade brasileira.

1.1 Vargas e o Futebol: Política e controle dos corpos dos operários

A partir do governo de Getúlio Vargas, o esporte e o futebol passaram a ser tratados como um importante elemento na relação entre o regime e a sociedade. Segundo Mauricio Drummond da COSTA (2008, p. 12):

O esporte pode funcionar também como um elemento de mediação entre as aspirações sociais do povo e o Estado. As vitórias no campo esportivo, especialmente no âmbito internacional, são encaradas como triunfo da nação. Tal sucesso reflete uma imagem promissora do país, em especial quando se derrotam equipes e/ou atletas que representam nações mais ricas e bem-sucedidas.

Há também uma narrativa constante de “proteção ao trabalhador/operário”, logo nos primeiros anos do governo Vargas. Penso que a necessidade de Getúlio intensificar sua comunicação com a população brasileira, e principalmente com a classe trabalhadora, e o desenvolvimento do futebol de origem operária, foram fenômenos que não ocorrem isoladamente. A proteção, que era clara e especificamente direcionada aos movimentos comunistas, que após a Revolução Russa em 1917 se alastram pelo mundo. Sendo assim, a proteção ao trabalhador encontrou no esporte operário, naquele momento, um parceiro mais que especial.

O estadista realizou diversas menções ao trabalhador como sendo o principal parceiro desta “nova era” pretendida no Brasil. O tom era de comunicação direto com as massas, e em local significativo para isso – os estádios de futebol. Observem o trecho do discurso³⁹:

O individualismo excessivo, que caracterizou o século passado, precisava encontrar limite e corretivo na preocupação predominante do interesse social. Não há nessa atitude nenhum indicio de hostilidade ao capital que, ao contrário, precisa ser atraído, amparado e garantido pelo poder público. Mas, o melhor meio de garanti-lo está, justamente, em **transformar o proletariado numa força orgânica de cooperação com o Estado**⁴⁰ e não o deixar, pelo abandono da lei, entregue à ação dissolvente de elementos perturbadores, destituídos dos sentimentos de Pátria e de Família.

Para além da crítica ao liberalismo clássico⁴¹, podemos observar a aproximação de Getúlio Vargas com os princípios dos regimes nazifascistas da Europa. Tal como tinha feito Hitler na Alemanha nazista, transformar a luta de classe, em cooperação de classe pela causa nacional.

Por outro lado, a *Saint John Del Rey Mining Company Limited*, já na década de 1930, se utilizava do ambiente proporcionado pelo futebol para envolver e educar seus funcionários. Uma das ações era a cobrança compulsória de um percentual do salário de cada um de seus trabalhadores para ajudar no financiamento do Villa. A contrapartida era o direito a entrada no campo para assistir aos jogos do Alvirrubro Mineiro, no bairro do Bonfim. O local onde ocorriam os jogos, no bairro do Bonfim, também havia sido doado pela mineradora. (FREITAS, 2008)

Desta forma, HOBBSAWM (2015, p. 341), nos esclarece o significado do time operário na Inglaterra do início do séc. XX:

³⁹Discurso curto pronunciado na cidade do Rio de Janeiro, no dia 29 de outubro de 1932, e intitulado: “As Classes Trabalhadoras”. Disponível em - <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/acervo>

⁴⁰Grifo meu

⁴¹O liberalismo clássico é uma filosofia política e uma doutrina econômica que acredita na valorização da liberdade individual, na livre concorrência do mercado e na defesa da propriedade privada. Estes princípios básicos permitiriam que as sociedades se tornem cada vez mais avançadas, prefaciando o surgimento do bem estar social. O Estado deveria ser mínimo e voltado principalmente para a rígida aplicação das leis, sendo todos os homens iguais perante a lei, independente de classe social. Adam Smith, um dos principais pensadores da doutrina, acreditou que se estas condições estiverem devidamente postas, o mercado iria regular-se de forma espontânea, equilibrando os preços dos produtos e gerando os bens e serviços necessários a todos os cidadãos por um preço justo. Quanto menos o Estado intervisse na economia, melhor para todos. CARNEIRO, Alfredo. Karl Marx e Adam Smith: oposições entre marxismo e liberalismo clássico. 2017. – disponível em: <http://www.netmundi.org> – acesso: 17/07/2016

O operário se identificava com seu time contra o resto do mundo – na verdade, em cidades suficientemente grandes, ele se identificava com uma das metades –, City ou United, Forest ou Country, que entre si definiam o cidadão de Manchester, Nottingham ou qualquer parte. O modelo de cultura do futebol, entretanto, era o mesmo em todos os lugares – com um pouco a mais ou um pouco a menos de emoção –, e era um modelo nacional, ou para ser mais preciso, **um modelo de nação proletária**⁴², visto que o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra industrial.

Ou seja, o que se pensou, gestou e observou-se eficiente na Inglaterra, provavelmente, tornou-se um modelo inglês de controle dos corpos dos seus operários ao redor do mundo. E tão eficiente, que poderia atingir boa parte da população, como no caso de Nova Lima.

Todavia, toda essa estratégia britânica não ocorria sem resistências. Um ex-sindicalista – Orlando Corrêa de Sá Bandeira, em depoimento à pesquisa de GROSSI (1981, p. 246), indica ainda outras intenções da empresa mineradora, associados ao poder eclesiástico:

O clero e o clube de futebol Villa Nova eram usados pela companhia para enfraquecer o sindicato. Nós marcávamos uma reunião no sindicato, eles marcavam uma missa; marcávamos outra, eles marcavam uma partida de futebol.

Podemos perceber uma disputa entre os diversos atores sociais. Dessa forma, na contramão da presença inglesa e também da exploração da mão de obra na cidade de Nova Lima, o Partido Comunista Brasileiro - PCB irá se instalar na década de 1930, apresentando-se como grande antagonista ao modelo burguês inglês de relacionamento com seus operários, conforme nos aponta GROSSI (1981, p. 84):

A formação do núcleo do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em Nova Lima constituiu um fator importante para o movimento operário na Mina de Morro Velho, devido a sua atuação no Sindicato dos Mineiros. Desde 1930, início da atuação organizada dos comunistas na cidade, começou uma fase em que a organização operária permaneceu, durante anos, enraizada em suas bases e com identidade entre representantes da categoria e seus representados.

Entretanto, mesmo em face de estratégias políticas de proteção e apaziguamento dos trabalhadores, do esforço no projeto de controle dos corpos dos operários, das políticas estatais para o esporte que foram se consolidando, o movimento sindical

⁴²Grifo meu

nas minas de Morro Velho não se pacificou. Pelo Contrário, ao longo da década seguinte - 1940, as ocorrências de greves e manifestações aumentaram, assim como também a movimentação e o prestígio do Villa Nova Athletic Club.

Para entender melhor essas questões, aparentemente contraditórias, esclarece Nadya Araújo CASTRO (1997, p.16):

Os estudos sobre cultura operária fizeram avançar as análises de viés marxista ao desbravarem um campo bastante criador: o dos espaços sociais de construção dessa identidade de operários, remetendo a análise empírica para espaços sociais cada vez mais longínquos da produção: o sindicato, a política, o estado; mas também, a família, o bairro, as comunidades religiosas, as diversas formas associativas. Todos eles tornavam-se provedores dessa cultura de operários, da constituição subjetiva desses atores coletivos.

Percebo que não há contradição neste aspecto. Apesar do clube de futebol ter sido pensado como estratégia de controle dos corpos dos trabalhadores da mina, não impediu que seus sócios (mesmo que compulsórios) e a população de Nova Lima tivessem se apropriado do Time. Talvez aí tenha sido uma das falhas no projeto da burguesia de clubes operários. Não contavam que a classe trabalhadora dialogasse com o modelo tal qual foi pensado originalmente.

Todavia, as relações do governo brasileiro com as práticas corporais, apesar de adotarem traços similares aos encontrados nos regimes nazifascistas da Europa, não desafiavam as políticas liberais da multinacional inglesa. Sendo assim, esta dimensão da função do esporte como propaganda, principalmente em Estados não democráticos, foi alertada por Dante DE ROSE JUNIOR; Mário André SIGOLI (2004, p. 112):

A ideia de nação poderosa construída por cidadãos fortes e saudáveis fez com que estados totalitários utilizassem o esporte como veículo publicitário em seus regimes políticos, fato ocorrido nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, que foram usados como propaganda do Estado Alemão Nazista, servindo para unir os alemães em torno de um sentimento ultranacionalista do nazismo, divulgando também a suposta superioridade ariana, ideais estes de Adolf Hitler.

Esse transitar de Vargas entre as políticas liberais estadunidenses, e a sua aproximação com os regimes totalitários da Alemanha e Itália, seriam uma constante em seu governo até a definitiva entrada do Brasil, na Segunda Guerra Mundial, ao

lado dos aliados. Entretanto, as técnicas de propaganda empregadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para promover o governo Vargas no cinema e no rádio eram algumas das mesmas empregadas pela propaganda nazifascista (MELO, 2009).

O mais importante para a compreensão do momento político aqui tratado, é que Vargas foi um grande incentivador e, até mesmo, promotor de uma industrialização que ele, e o grupo que o colocou no poder, consideravam urgente. E nesse processo de movimentar o Brasil rumo ao desenvolvimento, o esporte e o futebol foram uma das grandes armas do regime para educar e pacificar a classe trabalhadora. Estava sendo forjado o trabalhismo brasileiro.

Ângela de Castro GOMES (2005, p.14) esclarece sobre esta questão do trabalhismo brasileiro:

Essa ideologia política tão cuidadosamente estruturada, tinha fortes e sólidos apoios nas políticas públicas desenvolvidas por vários ministérios de Vargas. Saúde, educação, alimentação e lazer eram facetas de um mesmo conjunto que ressignificava as intenções e imagens do discurso governamental.

Em Minas, embalados pelos ventos da revolução de 1930, havia se desenvolvido um movimento de reorganização das práticas esportivas no Estado. Projetos foram apresentados com o objetivo de reformar o cenário esportivo em Minas Gerais. Entre eles, como exemplo, problematizavam os reordenamentos das ligas de futebol.

Essas iniciativas agitaram a sociedade e a imprensa da época, que também se preocupava com a educação do público nos *matches*, febre da capital mineira desse período. Ao longo da década de 1930, teremos diversas destas ações, tanto em nível estadual, como em nível federal, de incentivo dos esportes.

Vargas, em pronunciamento de um discurso⁴³ em Belo Horizonte, na inauguração do Minas Tennis Club, nos proporciona a oportunidade de pensarmos mais atentamente sobre as múltiplas dimensões da relação entre o Esporte e o Governo de Getúlio:

⁴³Discurso pronunciado no Minas *Tennis Club*, em Belo Horizonte/MG, no dia 12 de maio de 1940, e intitulado: "O Minas *Tennis Club* e a melhoria das condições físicas do homem" - disponível em - <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/acervo>

Impulsionar e difundir, o mais largamente possível, a cultura é obra de sadia brasilidade. A educação do corpo, na mais ampla acepção da palavra, significa, também, o cultivo de nobres e excelentes atributos do espírito. Não só a robustez e a saúde fisiológica se conseguem nos gramados e quadras desportivas. A agilidade, a destreza, a resistência muscular, estimulam e fortalecem aptidões intelectuais e a alta ascendência no desenvolvimento harmônico da personalidade. A percepção rápida e o sentido exato das reações não constituem as únicas qualidades valiosas que temos de elogiar num atleta, porque ele também adquire a firmeza nas decisões, a segurança de ação, o hábito salutar da disciplina consciente e o espírito de solidariedade e cooperação desinteressada. Dos resultados imediatos do vosso esforço de desportistas já recolhestes, jovens mineiros, o merecido prêmio, através dos torneios e campeonatos em que saístes vitoriosos. Mas, acima destas satisfações transitórias, deveis colocar o objetivo mais alto da preparação para as missões que o futuro nos queira reservar como defensores do nosso patrimônio moral e da civilização que estamos construindo, tenaz e pacificamente, ao lado dos povos irmãos da América.

Como desdobramento dessas políticas, chamo à atenção para a construção de trinta e cinco praças de esporte, gestadas e efetivadas pelo interventor Benedito Valadares em Minas Gerais. Incluo também a construção do famoso *Minas Tênis Club*, que originalmente era um espaço público.

De acordo com Lucília de Almeida Neves DELGADO; Luciana Silva SCHUFFNER (2007, p. 219):

Vários espaços foram criados no Estado Novo para a prática de esporte, como praças de esporte, clubes, estádios de futebol, colônias de férias e ginásios. Em Belo Horizonte, o Minas Tênis Clube (MTC) foi um desses espaços destinados ao desenvolvimento do esporte na cidade. De acordo com o Art. 132 da Constituição de 1937, as iniciativas da sociedade civil, que tivessem afinidades com o projeto de modernização de Vargas, recebiam apoio do Estado. O MTC foi um caso exemplar dessa colaboração do governo para com a sociedade civil.

Para além do esporte entendido não como direito, mas como ferramenta para se construir uma juventude com “aptidões intelectuais e a altas ascendência no desenvolvimento harmônico da personalidade”, evidenciou-se como uma demonstração das preocupações eugênicas do novo regime. Identifico elementos que associavam fortemente os esportistas com os militares, pois estes teriam em comum a preparação “para as missões que o futuro nos queira reservar como defensores do nosso patrimônio moral e da civilização que estamos construindo.”⁴⁴

⁴⁴Discurso pronunciado pelo presidente Getúlio Vargas no Minas Tennis Club, em Belo Horizonte/MG, no dia 12 de maio de 1940, e intitulado: “O Minas Tennis Club e a melhoria das condições físicas do homem” - disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/acervo>

No Estado Novo brasileiro, os esportes alcançaram um estágio até então inédito. Novamente unificado, se desenvolveu sob a tutela do Estado, que conseqüentemente acabou criando seu próprio órgão de gerência esportiva. O Conselho Nacional de Desportos (CND) administrava os estatutos de todas as federações esportivas e buscava incentivar o esporte amador. No entanto, foi com o futebol que o governo brasileiro estreitou ainda mais os seus laços com o povo. (COSTA, 2009)

O Conselho Nacional de Desportos foi implementado a partir do Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941⁴⁵. Em seu artigo 16, explicita a relação do Estado Novo brasileiro com o futebol:

Art. 16. Periodicamente, de três em três anos, contados da data da sua instalação, o Conselho Nacional de Desportos, por iniciativa própria ou mediante proposta da confederação ou da maioria das federações interessadas, examinará o quadro das confederações existentes e julgará da conveniência de propor ao Ministro da Educação e Saúde quer a criação de uma ou mais confederações novas, quer a supressão de qualquer das confederações existentes. [...]

§ 2º No exercício da atribuição que lhe confere o presente artigo, o Conselho Nacional de Desportos terá em mira que o *foot-ball* constitui o desporto básico e essencial da Confederação Brasileira de Desportos.

Apesar do mesmo decreto ter criado, a partir do artigo 15º, a confederação brasileira de *basket-ball*, de pugilismo, de vela e motor, de esgrima, e de xadrez; o futebol só teria sua confederação própria no final da década de 1970. A CBF, tal como existe hoje, foi fundada em 24 de setembro de 1979. Anteriormente, o futebol, como os demais esportes praticados em território brasileiro eram organizado e controlado pela a Confederação Brasileira de Desportos - CBD. Desta maneira, parece-me razoável afirmar que, no Estado Novo de Getúlio Vargas, o esporte e o futebol serviram comumente para a propaganda positiva do regime, sob os ideais de ordem, esforço comum, superação, civismo, entre outros.

Importante destacar que os militares tiveram grande importância na nova ditadura, apontando prioridades e construindo políticas de governo, particularmente em

⁴⁵Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/>

alguns setores estratégicos, como siderurgia e petróleo. Além da caserna, o minério de Minas Gerais possuía particular encanto para Getúlio, que considerava esta riqueza peça chave para o crescimento e desenvolvimento do país, com uma marcada preocupação com a soberania nacional.

A siderurgia, assim observada, era uma área da indústria muito valorizada por Vargas. Já por ocasião da Revolução de 1930, a criação de uma grande Indústria Siderúrgica Nacional havia sido fixada como um dos objetivos do novo governo, visando a atender às necessidades não só do desenvolvimento econômico, mas da própria soberania nacional.

Entretanto, é interessante notar que, as principais minas de exploração de minerais e as indústrias siderúrgicas, na década de 1930, eram realizadas por empresas multinacionais. A Companhia Siderúrgica Nacional⁴⁶ foi criada muitos anos depois.

Nesse sentido, Nova Lima possuía uma das maiores minas do mundo de: minério, ouro e outros minerais – a Mina de Morro Velho. A empresa inglesa *Saint John Del Rey Mining Company Limited* era exploradora única da mina, e também patrocinadora do *Villa Nova Athletic Club*. A cidade de Sabará, neste mesmo

⁴⁶Em junho de 1939, durante visita aos Estados Unidos do chefe do Estado-Maior do Exército brasileiro, general Góes Monteiro, o governo norte-americano manifestou sua disposição de cooperar no reequipamento econômico e militar brasileiro em troca de nossa colaboração nos planos de defesa continental traçados por Washington. Na ocasião foi enviado ao Brasil um grupo de técnicos da *United States Steel* e, como resultado das conclusões favoráveis de seus estudos, foi instalada a Comissão Preparatória do Plano Siderúrgico. Contudo, em janeiro de 1940 o governo brasileiro foi informado da decisão daquela empresa de que não iria mais participar da construção da usina no Brasil. Embora os motivos dessa desistência nunca tenham ficado claros, é possível que estivessem ligados aos estudos que se faziam na época em torno da criação de um novo Código de Minas que proibiria a participação estrangeira na atividade metalúrgica. Em vista da decisão da empresa norte-americana, o governo brasileiro decidiu levar adiante o empreendimento por meio da constituição de uma empresa nacional, com a ajuda de empréstimos estrangeiros. Ainda em 1940 foi criada a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional, que estabeleceu metas de produção e financiamento e decidiu pela localização da usina em Volta Redonda (RJ). A embaixada brasileira em Washington foi então autorizada a solicitar ao *Eximbank* um crédito de US\$ ¹⁷ milhões para a aquisição de maquinaria. O governo norte-americano, entretanto, retardava qualquer definição e chegou a favorecer o reatamento das negociações entre o Brasil e a *United States Steel*, solução que, àquela altura, não era mais desejada pelo governo brasileiro. O lance decisivo viria, por fim, com o discurso pronunciado por Vargas a bordo do encouraçado Minas Gerais em 11 de junho de 1940. Contendo alusões simpáticas ao Eixo, o discurso pode ser interpretado como manobra para forçar os Estados Unidos a uma definição favorável à implantação da siderurgia no Brasil. Logo a seguir, uma comissão integrada por Edmundo de Macedo Soares, Guilherme Guinle e Ari Torres foi aos Estados Unidos para negociar o financiamento junto ao *Eximbank* e obteve um empréstimo de US\$ 20 milhões. Paralelamente aos trabalhos da comissão, prosseguiram as negociações entre os governos norte-americano e brasileiro quanto às bases e ao alcance da cooperação econômica e militar entre os dois países, que só se completariam em 1942. Isso não impediu que já em 7 de abril de 1941 fosse criada a Companhia Siderúrgica Nacional, sociedade anônima de economia mista cujo primeiro presidente, nomeado também naquela data, foi Guilherme Guinle. [Disponível em - <http://cpdoc.fgv.br/> - acesso: 21/12/2014]

período, também possuía sua multinacional – a não menos famosa Siderúrgica Companhia Belgo Mineira, financiadora do Esporte Clube Siderúrgica.

Ou seja, era o capital estrangeiro, com todas as suas contradições, em antagonismo filosófico imediato com o nacionalismo exacerbado do Estado Novo, que exploravam as minas brasileiras e a população que habitava a região e nela trabalhava. Posteriormente à implementação da CLT, os operários da Mina de Moro Velho, por exemplo, fizeram várias greves pelo cumprimento da lei nacional no município de Nova Lima, conforme tratarei mais a frente.

Desta maneira, era também bem definida a intencionalidade de Getúlio Vargas de não operar com o esporte diretamente, mesmo porque sua própria imagem não permitia. Mas isso não o impediu de utilizar-se de símbolos caros à tradição esportiva para reafirmar seu populismo, e correlacionar seu governo com a paixão pelo futebol, ou pelo esporte de uma forma geral. Este ponto deve ser observado com especial atenção pois indica a afirmação da tese do controle dos corpos dos operários da mina de Morro Velho, por meio do clube de futebol.

Sendo assim, o estádio do Vasco da Gama, no Bairro de São Januário, no subúrbio carioca; e o Estádio Municipal do Pacaembu, na cidade de São Paulo foram os palcos para grandes discursos de Vargas no dia 1º de maio e em outras datas cívicas, como destaque na foto abaixo:



Figura 6 - Desfile de Primeiro de Maio, em 1942. No estádio de São Januário - campo do Vasco da Gama.⁴⁷

A imagem acima apresenta-se como um dos exemplos do caráter populista de Getúlio. Dentre as características desta forma de governo, está o fato de que o contato do líder com as massas deve acontecer diretamente. Ele não deveria precisar de ninguém para intermediar seu contato com o povo. Soberano, o estadista poderia e deveria caminhar pessoalmente ao encontro dos despossuídos.

Este papel a ser desempenhado pelo ditador, nos esclarece DRUMOND (2014, p. 36):

O novo regime tinha na figura do presidente Vargas seu centro de poder. Entre os principais articuladores do golpe se encontrava a alta cúpula do exército, representada no governo pelos generais Eurico Gaspar Dutra, ministro da guerra, e Góes Monteiro, chefe do Estado –maior do exército; bem como os intelectuais como Francisco Campos, Azevedo Amaral, Almir de Andrade e Lourival Fontes.

⁴⁷Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/> - acesso: 08/12/2016

Ainda observando a imagem⁴⁸, podemos nos lembrar de como são feitas as procissões no Brasil, e a correlação entre o ritual do dia do trabalhador e nossos eventos religiosos. Desta maneira, e lançando mão da sua enorme capacidade de se comunicar com a população, Vargas tinha como objetivo construir sua figura pública acima do bem e do mal, apresentando-se como bastião dos pobres, dos despossuídos – estratégia comum entre os populistas latino-americanos.



*Figura 7 – Desfile dos jogadores do Bangu A. C. no estádio de São Januário.
Rio de Janeiro. Início da década de 1940⁴⁹*

Nesta outra foto, também no estádio do Vasco da Gama, em São Januário, observamos a forte ligação entre os clubes de origem operária com as políticas Varguistas do Estado Novo brasileiro.

Em Minas, esse controle dos corpos dos trabalhadores apresentou suas peculiaridades. Não apenas os esportes deveriam educar a população mineira, inculcando valores morais e patrióticos. Os trabalhadores e trabalhadoras, parceiros primeiro de Getúlio na construção do Estado Novo brasileiro, deveriam também ser

⁴⁸Figura 7

⁴⁹Disponível em - <https://historiadosporte.wordpress.com/> - acesso: 29/10/2017

educados para se relacionar com essas novas práticas esportivas, vistas como signos de uma modernidade pretendida.

Em reportagem do jornal *Folha Esportiva*⁵⁰, o periódico chamava a atenção para “como se deve assistir o *foot-ball* – o que toda ‘torcida’ deve saber”:

As manifestações de desagravo, principalmente as vaias, são inteiramente contraproducentes: ou irritam ou tonteiam o juiz. Em ambas as *hypoteses* a observação e a visão se alteram, tornando a *actuação* *peor*. *Applaudir* ou incentivar, ou por qualquer forma prestigiar atitudes violentas ou indisciplinadas de amadores é um mal para eles próprios. Quase sempre, a influência da assistência em casos *taes*, leva-os a excessos de que não seriam capazes e a consequência é a punição a lhe ser imposta é muito maior do que realmente poderia sofrer.

É neste contexto histórico conturbado e delicado, superando toda sorte de preconceitos, que o Villa Nova Athletic Club acabou se destacando e se consolidando no cenário belorizontino e mineiro. A década de 1930 ainda ajudaria a consagrar o Alvirrubro novalimense em nível nacional, com suas frequentes excursões ao Distrito Federal.

1.2 O Leão ruge alto: a década vitoriosa do Villa Nova Athletic Club

A década de 1930 será a fase mais vitoriosa do leão do Bonfim. Contabilizado o campeonato de 1932, onde o futebol mineiro se dividia em duas entidades organizativas do futebol, o Alvirrubro de Nova Lima ganhou 4 dos títulos que disputou na época, além de outros vice-campeonatos.

Esse sucesso pode guardar inúmeras razões. Percebi que, durante a fase pré-profissional, também indicada por alguns autores como “amadorismo marrom”, dadas as características de ser um clube originalmente organizado com seu plantel vindo da empresa mineradora, a questão da remuneração poderia ser velada com mais eficiência.

⁵⁰*Folha Esportiva*. Belo Horizonte. 21/04/1930. n. 87, p. 03. – Disponível digitalmente na Coleção Linhares

Além disso, outros aspectos externos à dinâmica do time operário contribuíram para o sucesso do Villa no início da nova fase profissional. O Atlético havia perdido alguns importantes jogadores para o Fluminense e também alguns outros times cariocas. O América não aderiu prontamente ao profissionalismo e preferiu investir no elenco de jovens do clube. E, por fim, o Palestra viu partir para a Itália bons quadros do seu elenco. (Plínio BARRETO, 1976)

Dessa forma, ao lado de Atlético, Palestra Itália (Cruzeiro) e América, principalmente na década de 1930, o *Villa Nova Athletic Club* confirmou sua força e reconhecimento, conforme podemos observar na reportagem a seguir⁵¹:

Teams e figuras do Foot-ball Mineiro. O Villa Nova A. C. é uma das mais poderosas agremiações *sportivas* de *Minas Geraes*. A sua sede é na cidade de Nova Lima, antiga Villa Nova de Lima. Foi fundado em 28 de junho de 1908. Acompanhando sempre o desenvolvimento esportivo de Minas, o grêmio alve-rubro adotou em 1933, juntamente com demais *clubs* filiados à liga de *Foot-ball* de *Bello Horizonte*, o regime profissionalista, dentro do qual conseguiu os mais gloriosos feitos para seu grande cartel de *victorias*. A sua mais empolgante façanha foi a conquista, seguidamente, de três campeonatos mineiros, em 1933, 1934 e 1935. Conquistou ainda vários outros títulos e taças, na maioria das disputas nas *quaes* se empenhou. *Actualmente* o tri-campeão *possue* uma das mais eficientes equipes nas Alterosas. No campeonato *official* do corrente *anno*, a *actuação* dos rapazes da terra do ouro vem sendo das mais brilhantes.

Logo no ano de 1930, o Villa sagrou-se campeão do “Torneio Initium”, abatendo um dos grandes clubes da capital – o Sociedade Esportiva Palestra Itália, no estádio do Independência, em Belo Horizonte. Assim que foi permitida a participação do alvirrubro novalimense nos torneios com os clubes da capital, o Villa Nova esteve sempre ocupando as primeiras colocações.

Em 1931, com o surgimento da Associação Mineira de Esportes Gerais – A.M.E.G., o Villa Nova sagrou-se campeão pela primeira vez. No ano seguinte, 1932 ainda com a presença de duas entidades representativas do futebol mineiro (A.M.E.G. e L.M.D.T.⁵²), o alvirrubro repetiu o feito iniciando uma espantosa sequência de títulos que só se esgotaria no ano de 1935.⁵³

51“Sport Ilustrado”. 25 de janeiro de 1940. n. 92. p. 29

52LMDT - Liga Mineira de Desportes Terrestres

53“O Esporte”, 19 de outubro de 1936, n. 01, p. 02

A AMEG. foi criada a partir de um desentendimento entre América, Palestra e Villa Nova, com o Atlético. Os três times acusavam a Liga Mineira de Desportos Terrestres de favorecer o alvinegro em suas decisões. Em sinal de protesto, fundaram sua própria liga. Outros clubes como: O Sete de Setembro Futebol Clube, o Grêmio Ludopédio do Calafate e o Vespasiano Esporte Clube seguiram os outros três grandes neste período. Outros, como o Fluminense Football Club (Belo Horizonte), o Guarany Football Club, o Sport Club Retiro (Nova Lima) e o Santa Cruz Football Club, entre outros de menor expressão, mantiveram-se fiéis à LMDT.⁵⁴

Analizando esta passagem inicial do nosso time operário, pudemos observar também que na antiga Villa Nova de Lima, neste período, além do Morro Velho Athletic Club, foi o berço de um outro clube de futebol profissional. Chamava-se *Retiro Sport Club*, o “alvinegro das montanhas novalimense”. A agremiação foi fundada no dia 1º de Julho de 1916, e possui a Sede e Estádio, localizados no Bairro do Retiro, em Nova Lima. Foi Vice-campeão Mineiro de 1932, ainda pela LMDT, e 3º lugar no campeonato mineiro de 1936.⁵⁵

Este clube também é citado algumas vezes em periódicos do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, conforme reportagem do *Jornal do Brasil*⁵⁶, citando uma viagem realizada pelo S. C. Brasil à pequena cidade mineira:

Acompanhado sempre por diretores do Villa Nova fizemos uma visita ao *club* de Morro Velho, o famoso *club* dos *inglezes*, como *ahi* chamam, tendo *dous* diretores gentilmente nos mostrado as dependências confortáveis desse *club*, sendo *offericido* depois farto “*lunch*” aos nossos rapazes. [...] Na sede do Retiro S. C. o segundo que visitamos, fomos fidalgamente recebidos por toda a diretoria e grande número de associados.

Dessa forma, a década de 1930 foi o início de um longo processo de profissionalização do futebol. Este fenômeno não aconteceria sem que clubes e dirigentes se desentendessem, sem que houvessem rupturas, agrupamentos e reordenações. Os clubes, que continuavam a sustentar o futebol como distintivo de classes, iriam desaparecer ao longo desta década. Não era o caso do Villa Nova. O alvirrubro novalimense sofria de outras questões.

⁵⁴Disponível em: <http://fmf.com.br/> - Acesso: 02/11/2016

⁵⁵Disponível em - <http://cacellain.com.br> – acesso 21/08/2018

⁵⁶“Jornal do Brasil”. Rio de Janeiro/RJ. Data: 05/04/1930. n. 82. p. 17

Durante o período da transição do amadorismo para o profissionalismo, são diversos os episódios do Villa Nova se retirar do campo onde acontecia um jogo. Ou então, expressar publicamente, com veemência, sua indignação em duras críticas a arbitragem, conforme podemos observar nesta reportagem do jornal *A Noite*⁵⁷:

O VILLA NOVA, PREJUDICADO PELO JUIZ, RECORRE CONTRA A VALIDADE DO 1º GOAL DO PALESTRA ITÁLIA. [...] O sr. Castor Cifuentes, presidente do Villa Nova, publicou manifesto, no qual diz: "Se um jogo em Nova Lima realizado entre o campeão e o Villa ficar nullo, tenho certeza que este último terá maior prazer em disputar outro; poderia ser realizado não em Nova Lima, mas no estádio do Club Athletico Mineiro ou do América, actuado, porém, por pessoas mais competentes e mais ponderadas, como sejam: Silva Pinto, Abilio Lopes, Ruy Lage, Meira, etc. Porque, alegar-se sempre que "no campo do Bonfim" o Palestra não pode desenvolver o seu formidável jogo de técnica e que nos campos grandes o "Villa Nova" não resiste, "pregando" antes da hora!

O episódio trata de um gol dado, no primeiro tempo de jogo para o Palestra Itália, e que, segundo os dirigentes do Villa Nova e parte da imprensa, a bola não teria entrado. O recurso foi de anulação do gol e o processo foi encaminhado à Liga Mineira. O Villa incomodava, pois era um time marcadamente operário, suburbano, e que ganhou a maioria dos títulos da primeira metade da década de 1930. Isso não aconteceu sem a reação esperada dos clubes aristocráticos da capital.

O que nota-se é uma constante e velada sabotagem aos times do interior. Algo sutil, bem ao melhor estilo mineiro de se fazer as coisas; e que no caso do Leão do Bonfim, pela sua pujança, ganhava proporções um pouco maiores. Ao longo deste trabalho mostrarei mais elementos que comprovam essa hipótese.

Por outro lado, é importante destacar que não observei com frequência, nas reportagens de jornais e revistas consultadas, nenhum tipo de preconceito por parte de seus cronistas. Desta forma, a origem proletária e a cor da pele de seus integrantes não estavam, neste período, na pauta da imprensa mineira, e tampouco na nacional. Mas não significava que não existia...

Acompanhando o cuidado sugerido por Antônio Jorge SOARES (1999, p. 101):

⁵⁷ *A Noite*. Rio de Janeiro/RJ. Data: 22/05/1930. n. 6650. p. 09

As narrativas produzidas por jornalistas a partir de fatos envolvendo os clubes e jogadores de futebol no Brasil têm sido tradicionalmente fonte de criação de mitos. Tais mitos têm influenciado ou confundido pesquisadores pouco familiarizados com as idiosincrasias deste esporte. O esporte parece um campo fértil à invenção de tradições ou a construção de histórias de identidades, no sentido de Hobsbawm.

Todavia, o tratamento desigual dado aos times do interior era real e foi observado diversas vezes nesta pesquisa. O jornal *Diário da Noite*⁵⁸ trouxe uma notícia a respeito dos “acontecimentos *sportivos* de Minas apreciados pelo senhor Osório Dias Junior, representante do *Vila Nova A. Club*”:

O Villa Nova, *club* de fibra, e com direitos a se desenvolver dentro do grandioso cenário dos *sports* mineiros, é uma agremiação que *póde* se ufanar da admirável organização que *possue*. Entretanto, o Villa Nova, não tem encontrado por parte dos dirigentes da instituição mineira a acolhida e o estímulo que merece. Como um dos filiados à Liga, e como um dos seus baluartes. Vem de longe essa *ogerisa* contra o meu *club*. Era o receio da concorrência. *Clubs* da capital não poderiam sofrer a pressão de *clubs* da roça...

O restante da reportagem irá tratar de problemas com a arbitragem, com supostos protecionismos aos clubes da capital, entre outros assuntos comuns ao futebol, desde sempre.

O primeiro título estadual comemorado ocorreu em 1932 (ano de transição de amadorismo para profissionalismo do futebol no Brasil). No ano seguinte, o Villa também seria o grande campeão estadual, e oficialmente, seria o primeiro título oficial do alvirrubro novalimense. Disputou o certame em questão pela Associação Mineira de Esportes Gerais (AMEG), ao lado do resistente América, do poderoso Palestra Itália, do Calafate, e do Guarani. O Villa foi campeão invicto. No mesmo ano, o Atlético (Belo Horizonte) tornou-se campeão pela Liga Mineira de Desportos Terrestres, enfrentando o Retiro (de Nova Lima), o Sete de Setembro, o Lagoinha e o Yale.

Nacionalmente, o encaminhamento de uma concepção mais democrática do futebol e seus jogadores operários ganhou força com as políticas do novo governo de Vargas. Além disso, penso que a relação estabelecida a partir da nova realidade

⁵⁸*Diário da Noite*. Rio de Janeiro. Data: 30/07/1931. n. 614. p. 06

futebolística foi outra. O jogador profissional era o trabalhador do clube, e quem pagava seu salário eram os dirigentes, e no caso do Villa, era a empresa multinacional inglesa. Não mais estava na pauta a associação entre companheiros de esporte, entre amadores, entre *sportman*. O futebol começava a adquirir contornos mais nítidos de espetáculo, com trabalhadores vendendo a sua força de trabalho em sua execução.

De acordo com Pereira (1998, p. 312), abordando a realidade carioca:

A regulamentação do profissionalismo parecia, neste contexto, como uma solução perfeita para esta crescente tensão racial. Diferenciando claramente os jogadores dos sócios, ele permitia que fossem respeitados os critérios técnicos de escolha das equipes sem que se dissipasse o preconceito e as discriminações raciais que se faziam presentes em torno de jogadores como Leônidas e Gradim.

Sendo assim, no ano de 1933 a profissão de jogador de futebol havia sido regulamentada. O amadorismo marrom iria desaparecer como prática futebolística. A LMDT e a AMEG se fundiriam novamente para dar início a uma nova fase do futebol em Minas Gerais – o profissionalismo.

1.3 Os primeiros anos do profissionalismo em Minas Gerais

A transição do amadorismo para o profissionalismo ocorreu de forma conturbada em Minas Gerais. Ao longo da primeira metade da década de 1930, a imprensa mineira noticiará diversos conflitos, desencontros, agrupamentos e afastamentos dos principais clubes mineiros; e o Villa Nova aparece sempre como protagonista nesse processo ao lado de Atlético, Palestra e América.

Em 05 de junho de 1932, o jornal *O Chronista*⁵⁹ apelava para a pergunta: “Porque não se unem?”:

O nosso sport está atravessando, neste momento, uma phase de verdadeiro retrocesso. Em linhas paralelas caminham retrogradamente as duas facções que dividem actualmente o nosso centro esportivo. Isto se verificou após serie de divergências registradas no exterior e dentro da entidade máxima

59 “O Chronista”. Belo Horizonte. 05/06/1932. n. 28. p. 03 – Disponível em: Arquivo Digital Coleção Linhares

do sport montanhez, que levou o melhor partido no final da questão, mantendo-se legalmente filiada a C.B.D.. A notável associação que compõe a parte dissidente, apesar de contar em seu seio com a maioria dos clubs, entre estes os chamados grandes (América, Palestra e Villa Nova), não conseguiu fazer valer seus direitos perante os procederes do sport nacional. Saiu perdendo, como se diz vulgarmente...

Na matéria acima, percebemos claramente o conflito já descrito que acabou formando duas ligas em Belo Horizonte: A LMDT e a AMEG, ainda no ano de 1931. Este processo só se acalmou com a instauração do profissionalismo em Minas Gerais. Para tanto, no ano de 1933, dois representantes do futebol mineiro, um do Atlético Mineiro e outro do Palestra Itália, foram ao Rio de Janeiro para se informar dos movimentos em prol do profissionalismo. O assunto tinha um forte opositor na capital mineira – o América Futebol Clube.

No entanto, DRUMOND (2014, p. 69) nos explica melhor este momento do esporte no Brasil:

O ano de 1933 foi um ano chave para as relações que se estabeleceriam ao longo da década de 1930 nos esportes, tanto no Brasil como em Portugal. No Brasil, o ano marca o início de uma profunda secessão na organização esportiva nacional, denominada na época de *dissídio esportivo*. Apesar de se revestir de uma disputa aparente entre grupos adeptos do amadorismo contra defensores do profissionalismo, a disputa que levou à divisão foi muito mais profunda e substancial. Disputava-se o campo esportivo brasileiro.

No dia 29 de maio do mesmo ano, sob o mais absoluto sigilo, foram realizadas duas importantes reuniões: uma no Conselho Superior da Liga Amadora de Futebol – LAF, e outra na casa do presidente do Atlético Mineiro, o distinto sr. Thomaz Naves, junto com o presidente do América – Clóvis Pinto, Palestra Itália – Miguel Perrela, e Villa Nova – Castor Cifuentes; e também o presidente da LAF – Heitor de Souza.

O encontro varou noite adentro até a madrugada. Com apenas o voto contrário do América Futebol Clube, o profissionalismo foi acordado entre estes senhores. A LAF muda seu nome para Associação Mineira de Esporte. A partir de então, todos os clubes deveriam estabelecer contratos de trabalho com seus jogadores, sob pena de exclusão da associação. (Carlos PAIVA, 2012)

O primeiro título estadual oficial do Villa Nova aconteceu no ano de 1933, no primeiro ano de vigência do profissionalismo em Minas Gerais, e participaram do certame os seguintes clubes: Tupi e Tupynambás, de Juiz de Fora; Siderúrgica de Sabará; Atlético, Palestra, Sport e América, da capital; e Retiro, de Nova Lima. O vice-campeão do certame foi o Tupi, que junto com os outros times de Juiz de Fora, participavam pela primeira vez do campeonato mineiro.

Mesmo o Villa Nova sendo chamado às reuniões, e sendo um dos protagonistas dos novos encaminhamentos para o futebol em Minas Gerais, parte da imprensa mineira adotava uma estratégia de exaltação, sempre que possível, dos clubes formados por pessoas de elite da capital. Isto se traduzia numa certa forma depreciativa aos “clubes suburbanos”, conforme indicados neste trecho da reportagem do jornal *Diário da Tarde*⁶⁰:

Enquanto os suburbanos pensam assim, os da cidade pensam de modo *different*. *Elles* acham que os de fora não se aguentarão por muito tempo sem a amizade e o convívio dos grêmios citadinos. *Elles* virão, quando virem a coisa preta – afirmam por aqui os “sapos” esportivos.

A notícia tratava de mais um conflito referente a renda dos jogos, e os clubes suburbanos ameaçavam abandonar o campeonato do ano corrente. As coisas foram acertadas ao final, e o Villa Nova se tornou o novo bicampeão do campeonato mineiro de 1934, em que participaram: Atlético, Siderúrgica, Palestra, Retiro, América e o Sete de Setembro – da capital.

O modelo de campeonato misto e unificado com os times de Juiz de Fora havia sido revisto em 1934, e os times da região central do Estado e Zona da Mata só se encontraram ao final dos respectivos campeonatos. Desta maneira, o Villa Nova disputou a unificação do campeonato mineiro com o Tupynambás, sagrando-se vitorioso, mais uma vez, o Leão do Bonfim. (FREITAS, 2008)

Ainda no ano de 1933, o Villa foi solicitado a exibir a força de seu futebol no Rio de Janeiro. No primeiro jogo obteve uma vitória de três a zero sobre o Bangu, campeão

⁶⁰*Diário da Tarde*. Belo Horizonte. 18/04/1934. n.º.595. p.04 – Disponível: Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa

carioca do período. Vale aqui lembrar que Villa Nova e Bangu eram dois clubes formados em origem notadamente operária.

No ano seguinte, foi a vez do Bangu Athletic Club vir a Minas Gerais realizar três jogos, conforme reportagem do jornal *Diário da Tarde*⁶¹:

O BANGU FARÁ JOGOS EM MINAS. Na excursão que presentemente realiza a Minas, a equipe do Bangu deverá disputar cerca de três partidas. Depois do encontro de hoje, com o América, ficará combinado um outro match. O Palestra se mostra interessado em enfrentar o quadro carioca, na noite de amanhã. Este encontro, entretanto, dependerá do resultado do de hoje. Parece mais viável que o segundo adversário do Bangu na capital seja o Siderúrgica.

A imprensa esforçava-se em exaltar a qualidade dos jogadores dos clubes operários, e de não deixar vazar nenhum preconceito, nenhuma crítica direta. Algumas vezes, de forma sutil, era evidenciado o caráter refinado dos clubes como *Athletico*, *Palestra* e *América*, e também pontuado a característica mais rude e grosseira do *Villa Nova*.



Figura 8 - Time do Villa Nova A. C. no ano de 1933⁶²

⁶¹*Diário da Tarde*. Belo Horizonte. Data: 15/11/1934. n. 589. p. 04 – Disponível em: Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

⁶²Disponível em: <http://www.overmundo.com.br> – acesso: 05/01/2017.

Certo era que, já na metade da década de 1930, o Villa Nova Athletic Club, suburbano e operário de nascimento, já estava definitivamente posicionado entre os grandes clubes da capital. O sucesso do Clube novalimense era destaque nos periódicos mineiros e cariocas. Alguns jornais chegavam a prever, a longo prazo, no melhor estilo da imprensa esportiva brasileira, na supremacia da agremiação operária frente aos outros clubes de Nova Lima e de Minas Gerais.

A empolgação com o sucesso nos gramados do alvirrubro novalimense era tanta, que os jornais do Rio de Janeiro não escondiam seu entusiasmo e produziam reportagem proféticas, após a acirrada disputa do certame mineiro com seu rival – o Esporte Clube Siderúrgica, como observaremos a seguir, na manchete de capa do jornal *A Noite*⁶³:

O VILLA NOVA SERÁ UM DOS MAIORES CLUBS DO PAÍS. O Villa Nova é inegavelmente, uma das expressões do *foot-ball* mineiro. Campeão do Estado várias vezes o grêmio mineiro possuiu um dos mais poderosos conjuntos do país como demonstrou, por mais de uma vez, em suas excursões principalmente ao Rio. [...] Nova Lima terá, no futuro, apenas um único representante que será o Villa Nova. Isto porque desaparecerão o Morro Velho, um dos *clubs* mais antigos do país, e o Retiro, que a pouco abandonou a entidade oficial.

A matéria ainda traria uma característica que iria se firmar na década de 1940 - a exploração da figura dos cracks. Jogadores que deixaram os times mineiros e foram jogar no futebol carioca e paulista, conforme observaremos na foto do jornal em tela.

⁶³"A Noite". Rio de Janeiro. 09/08/1938. n. 9517. p.01

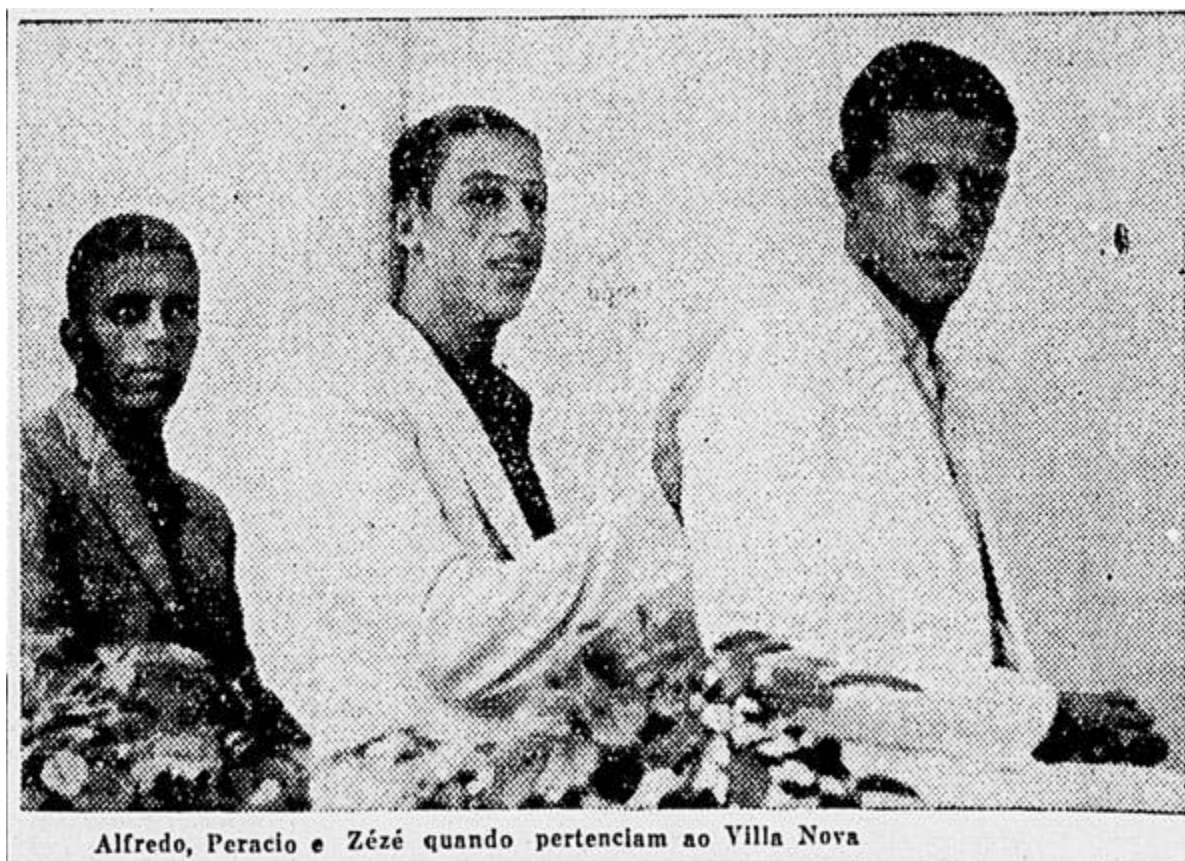


Figura 9 – Perácio e Zezé que jogavam no Botafogo e Alfredo foi meia direita no Vasco da Gama

A análise e problematização desses personagens, até então anônimos para a população brasileira, também merece ser investigada com maior atenção pelos pesquisadores do futebol. Digo isso, pois há, a partir da década de 1940, vasto material a respeito do tema. Não me ocuparei mais disto neste trabalho, pois julgo que estaria me afastando do objeto proposto.

Destarte, o Leão do Bonfim protagonizou ainda naquele ano de 1934, na final contra o Atlético Mineiro, uma das mais bizarras histórias do futebol mineiro – o “Gol da Bengala”, conforme nos conta BARRETO (1976, p.88-90):

Aqueles que viram e dele se recordam hão de confirmar o que vamos narrar agora. O fato ocorreu em 1934, no chamado “Alçapão do Bonfim”, em Nova Lima. Foi numa tarde de 30 de setembro. O estádinho do Villa Nova estava apinhado de gente que se acotovelava nas arquibancadas, nas pequenas áreas das gerais, nas copas das árvores que ainda circundavam o campo, sobre os muros, enfim, em todos os lugares disponíveis. Até mesmo nas orlas laterais do gramado haviam expectadores. [...] Eram decorridos 19 minutos da fase final, quando “deu-se a melodia”. Alfredo acionou Tonho na direita. Mário Gomes tenta obstar a passagem do ponteiro e não consegue. Tonho vai a linha de fundo e faz o cruzamento, pelo alto, sobre a pequena

área. Perácio aparece cabeceando. A bola está no fundo das redes de Armando. Envolto pelos abraços dos companheiros, Perácio desaparece no meio deles. Guilherme Gomes tem o braço apontando para o centro do campo. Era gol do Villa Nova! Nas arquibancadas, nas gerais, nos galhos das árvores, sobre os muros, e até nos morros próximos ao estádinho, atrás das metas, na pista, há como uma grande explosão de loucura coletiva. Era a vibração da torcida alvirrubra. No gramado, os jogadores do Atlético cercam o juiz e o bandeirinha, um tal de Mário Sena, e reclamam: a bola saíra pela linha de fundo e um cidadão, colocado junto ao poste direito da meta de Armando, a fizera voltar ao campo com a ponta de sua bengala.

A crônica acima nos revelam muitas coisas a respeito do futebol em Minas Gerais, na capital, naquela época. Mesmo a organização caminhando para o profissionalismo, de fato, não ocorria. Observar como um indivíduo, externo ao jogo, encostado na trave de uma das metas do campo é impensável, mesmo em qualquer pelada de domingo dos dias de hoje. Todavia, esse era o clima do esporte bretão nas Alterosas.



Esquadrão profissional do Villa Nova A. C., de Nova Lima, tri-campeão mineiro pela Liga de Foot-ball de Bello Horizonte. Jogadores da photographia, de pé: Mangabeira (centro-medio), Apollinario (zagueiro-esquerdo), Geninho (medio-esquerdo), Geraldão (guarda-vallas), Jair (zagueiro-direito) e Belchior (medio-direito), ajoelhados: Leleco (extrema-direita), Negrito (mela-direita), Zenzem (extrema-esquerda), Carazzo (centro-avante) e Canhoto (mela-esquerda).

Figura 10 – Time do Villa Nova de 1934 ⁶⁴

⁶⁴Esporte Ilustrado. 25 de janeiro de 1940. n. 92. p. 28

De certo que, ainda na primeira metade da década de 1930, o futebol havia se tornado uma febre entre os mineiros da região central do Estado. E como toda atividade que cresce muito e desordenadamente, acaba revelando traços significativos e curiosos. Um bom exemplo disso é a reportagem do jornal *O Diário*⁶⁵:

KING-KONG F. C. – Verdadeiramente poderosa a esquadra principal deste novo clube suburbano. A várzea tem *actualmente* um novo clube que como iniciante nada deixa a desejar. O nome é deveras interessante. Provoca a impressão de um gigante difícil de abater. Será mesmo um colosso esta nova agremiação? A curiosidade nos provocou o grande desejo de verificar se havia algo de verdade no que imaginávamos. Procuramos um dos diretores do clube expondo-lhe imediatamente o que queríamos. O King-Kong, apesar de ter começado a sua seção esportiva há pouco tempo, é possuidor de um poderoso conjunto.

Desta forma, entre King Kongs e gols de bengala, no ano de 1935, a torcida apaixonada do Villa Nova irá conhecer sua última conquista na década de 1930, mais uma vez contra o seu rival Atlético. O Leão do Bonfim se sagra tricampeão mineiro, o primeiro do período de profissionalização em Minas Gerais.

1.4 O Esporte Clube Siderúrgica e o vice-campeonato de 1937

O Villa Nova, ainda no ano de 1937, irá disputar o título mineiro com a agremiação de mesma origem operária, o Esporte Clube Siderúrgica. Também conhecido como *Esquadrão de Fogo*, a agremiação foi fundada por trabalhadores da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, no dia 31 de maio de 1930, e por duas vezes sagrou-se campeã mineira, merecendo posição de destaque no cenário futebolístico de época.

Ressalte-se que o Estado Novo brasileiro, instaurado pela Constituição de 1937, em pleno clima de contestação da liberal-democracia na Europa, apresentou para a vida política e social brasileira as marcas da centralização, do autoritarismo e da sistemática retirada dos direitos políticos dos brasileiros. Foram fechados: o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas e as Câmaras Municipais. Os governadores que aderiram ao golpe permaneceram, entretanto os que se opuseram foram substituídos por interventores diretamente nomeados por Vargas.

⁶⁵ *O Diário*. Belo Horizonte. 07/02/1935. n. 923 p.06 – Disponível digitalmente na Coleção Linhares

Na vizinha Sabará, foi inicialmente organizado um Clube de Recreação Esportivo para os funcionários da Companhia. Desta forma, a Belgo Mineira foi a principal patrocinadora deste Clube, contribuindo material e financeiramente. Este empenho para com seus operários, certamente escondia práticas de controle dos corpos, que tratarei com mais detalhes no próximo capítulo.

Neste sentido, ALMEIDA; MINA (2015, p. 05) contam algo que provavelmente aconteceu também em Nova Lima, Sabará e outras cidades do interior de Minas Gerais:

[...] buscando evitar que os ferroviários utilizassem os momentos de lazer para aproximarem-se de qualquer movimento contestatório, a Companhia Paulista baseou-se nos princípios paternalistas e em 1896 fundou o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Oficialmente, divulgava-se que o clube dos ferroviários tinha a finalidade de proporcionar aos associados, festivais de música, dança e arte, e difundir a prática de esportes amadores em geral. Porém, no fundo, a Companhia Paulista enxergou na criação do Grêmio a possibilidade de desenvolver mecanismos para controlar seus funcionários além dos muros da empresa.

Seguindo uma trajetória parecida com a agremiação de Nova Lima, em 1931, o Siderúrgica Esporte Clube filiou-se à Liga Mineira de Desportos Terrestres e disputou seu primeiro torneio oficial, conquistando o título de Campeão da 2ª Divisão de Amadores em 1932. Em 1933, com o apoio de toda a diretoria do Villa Nova, fez sua primeira partida como profissional. Na ocasião, venceu o Palestra Itália pelo placar de 2 a 1. O título estadual só viria no mesmo ano do Estado Novo brasileiro, em 1937.

Ao lado do Villa Nova Atlético Clube, foi o clube operário que mais aparece na coleta de fontes, indicando que a estratégia de controle dos corpos dos trabalhadores, tendo como principal ferramenta o futebol, na década de 1930, também fez parte do projeto da Companhia Belgo Mineira. Penso que esta estratégia apresentava-se nas empresas Europeias, muito provavelmente, de forma recorrente, na orientação das políticas de relacionamento com os operários brasileiros.

O fenômeno de fomento de clubes operários aconteceu *pari passu* ao processo de profissionalização do futebol em Minas e no Brasil. Desta forma, indico que estes processos aconteceram de forma concomitante, revelando assim pertencimentos,

tensões, afastamentos, diálogos e influências. Nesse sentido, ANTUNES (1994, p. 105) também aponta uma questão importante:

Acompanhando o processo de organização dos clubes de fábrica e de seu progressivo relacionamento com as empresas às quais estavam vinculados, perguntamo-nos: O que moveria os industriais a não apenas aprovarem as associações esportivas criadas por seus operários, mas também contribuírem para a sua manutenção e exercerem controle sobre elas?

Destarte, antes de problematizarmos esta questão, que é objeto desta tese, iremos acompanhar o *Villa Nova Athletic Club* no seu percurso menos vitorioso, na década de 1940; e também seu declínio na década de 1950, no próximo capítulo.

Todavia, mesmo com seus inúmeros títulos e consagrado em Minas Gerais e no Brasil todo, o Villa Nova Athletic Club tinha que conviver com uma realidade muito distinta da exaltada pelos periódicos. Isto será observado no próximo item.

1.5 O Villa Nova circula pelo Brasil

Não eram apenas os grandes (ou pequenos) clubes de futebol que desenvolviam a prática deste esporte em Minas Gerais. No arquivo fotográfico do Museu Histórico Abílio Barreto, pude encontrar uma foto do time do Colégio Arnaldo, importante instituição de ensino de Minas Gerais à época:



Figura 11 - Alunos do Colégio Arnaldo na festa de aniversário do padre Guilherme Gross ⁶⁶

Esta pesquisa não tratou da penetração desta modalidade de esporte na capital e no interior do Estado. Porém, esta diversidade de apropriações do futebol também indica como a sociedade se relacionava com o esporte Bretão e sua importância para a sociedade da época.

Sendo assim, a circulação do Villa Nova no Estado de Minas e no Rio de Janeiro já se tornava mais intensa, também neste período. O clube operário de Nova Lima era muito badalado pela imprensa carioca. A matéria do jornal carioca *Diário da Noite*⁶⁷ nos exemplifica um pouco dessas viagens futebolísticas:

O VILLA NOVA A. CLUB ENFRENTARÁ AMANHÃ, NO CAMPO DO FLAMENGO, O CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. A convite do S. C. Brasil, chegou a nossa capital, a embaixada *sportiva* do Villa Nova A. C. cujo quadro principal amanhã medirá forças com o forte *team* do C. R. Vasco da Gama. Esse encontro está sendo ansiosamente aguardado, não só pelo fato de há bastante tempo não ser dado ao nosso público a uma peleja interestadual, como muito especialmente pelo desejo de nossos *sportmen* em apreciarem a *estréia* do Villa Nova, que vem precedida de

⁶⁶Sistema do banco de dados do acervo fotográfico – Museu Histórico Abílio Barreto/MHAB

⁶⁷*Diário da Noite*. Rio de Janeiro. 12/07/1931. n. 212. p. 07

notável fama. E tal fama é inteiramente justificável pois, em seu campo, o Villa Nova já enfrentou, com acentuado sucesso, quadros valorosos como os que possuem o S. Cristóvão, Flamengo, Brasil, Fluminense, etc.

Entretanto, paralelamente, um outro circuito de intercâmbio futebolístico ainda se desenvolvia. O Morro Velho Athletic Club, ainda na década de 1930, também realizava suas viagens. Em reportagem ao *Jornal A Noite*⁶⁸, observamos a seguinte notícia:

Prosseguindo antiga tradição entre o grêmio da colônia britânica de Morro Velho e os sócios do prestigioso *Rio Cricket* de Niterói, encontram-se na capital do vizinho Estado uma delegação de atletas e *footballers* da velha cidade mineira. Domingo realizou-se a primeira competição entre as equipes de Morro Velho e *Rio Cricket*, que terminou com a vitória dos niteroienses por 4x0. Hoje serão realizadas as corridas finais da competição de cricket, concluindo-se assim a temporada dos ingleses domiciliados em Minas, em Niterói. A gravura mostra o XI do *Rio Cricket A. A.*



Figura 12 – Morro Velho Athletic Club em excursão ao Rio de Janeiro

⁶⁸A Noite. Rio de Janeiro. 20/09/1938. n. 2398. p. 06

O *Rio Cricket* foi também o clube do célebre Oscar Cox. Há possibilidade que, poderia haver também um circuito mais elitizado, que não se misturaria com a população e com os outros clubes em geral. Entretanto, este tema carece de estudos mais aprofundados.

Entretanto, importante perceber que os clubes operários e os clubes profissionalizados estabeleciam um circuito comum, na nova ordem estabelecida. O eixo Belo Horizonte/Rio de Janeiro era frequentado não apenas pelo Villa Nova, mas por todos os clubes profissionais que disputavam o campeonato mineiro, visitando e recebendo visitas dos clubes cariocas.

Todavia, conforme já dito, o processo de profissionalização não aconteceu tranquilamente. Os jornais mineiros anunciavam com certa frequência, uma crise institucional, ligada ao processo de reestruturação dos clubes e também que conduziria os novos rumos do futebol mineiro.

No próximo item destaco que o Villa Nova, apesar de grande campeão do início da fase profissional em Minas Gerais, ainda na década de 1930, também terá sua primeira grande crise, e quem irá protagonizar o conflito será um dos seus personagens mais queridos, que inclusive dá nome ao seu estádio de futebol.

2 O presidente Castor Cifuentes e a cancha do Bonfim e a mineradora

Neste item abordarei as histórias do primeiro presidente do Villa Nova, na época profissional, e seu fatal desentendimento com a multinacional inglesa. Também problematizarei as questões do seu campo de futebol, onde os times da capital mineira e do Rio de Janeiro faziam visitas constantes.

Castor Cifuentes nasceu no dia 29 de janeiro de 1893, em Chaguazoso, cidade localizada na Galícia, província da Espanha, que fica na fronteira com Portugal. Assim que completou 18 anos, veio para o Brasil com o intuito de fugir das guerras que começavam a se desenvolver na Europa, e começou a trabalhar na *Saint John Del Rey Mining Company*.

Era prática comum da multinacional inglesa a contratação de europeus para os postos de chefia intermediária. Destacou-se tanto na mineradora, que recebeu o título honorífico de capitão, honraria que até então era privativa dos ingleses (FREITAS, 2008).



Figura 13 - Foto do sportman Castor Cifuentes⁶⁹

Como dirigente de futebol, foi o primeiro presidente do Villa Nova Athletic Club na era profissional e anteriormente, protagonizou e ajudou a consolidar o regime profissional do futebol em Minas Gerais. Seu nome aparece dezenas de vezes nas fontes consultadas, e de tão marcante que foi a passagem desse espanhol por Nova Lima, que o Estádio do Leão do Bonfim recebe seu nome até os dias de hoje. Entretanto, essa história de vitórias, reconhecimentos e glórias teve um fim trágico...

⁶⁹Disponível em: <http://marcosagustoemj13.blogspot.com.br>

Além do seu envolvimento com o clube operário, era também um dos responsáveis por representar a multinacional inglesa em visitas de personalidades políticas de alta envergadura. Um dos exemplos disso foi o encontro com o presidente Getúlio Vargas na mina de Morro Velho, conforme nota do *Jornal do Comércio*⁷⁰:

BELLO HORIZONTE – Na sua excursão ontem a Villa de Nova Lima, o sr. Getúlio Vargas não chegou a descer ao fundo da Mina de Morro Velho, que já visitara de outra *oportunidade*. Mas alguns membros da sua comitiva, inclusive alguns jornalistas cariocas, aproveitaram a *ocasião* para fazê-lo. Nessa visita, o representante da “Agência Brasileira”, que era acompanhado pelos srs. Castor Cifuentes, José Dias e Cícero Pereira, percorreu demoradamente as grandes instalações da *Saint John Del Rei Gold Mining & Company*, que são importantíssimas.

O espanhol gozava de um enorme prestígio, tanto entre os jogadores, quanto em relação à empresa. Em um outro periódico carioca⁷¹, cujo título da manchete anunciava em letras garrafais: “*Villa Nova vae possuir uma excelente praça de sports*”, descreve o enorme empreendimento do Clube operário e da sua principal patrocinadora, indicando que Castor Cifuentes, “distinto *sportman*”, estaria à frente do ousado projeto, acompanhado da sua diretoria. Entre os modernos equipamentos estariam as arquibancadas de concreto, uma sala especial para a equipe de arbitragem e outra para a imprensa e os cronistas esportivos. Além de um gestor reconhecido, Castor também foi protagonista nas negociações de transição do futebol mineiro para o profissionalismo.

Em reportagem intitulada: “*A pacificação do football mineiro*”⁷², um conflito entre os times da capital, e também de Juíz de Fora, foi resolvido com a colaboração do presidente alvirrubro. O documento foi redigido pelos representantes dos “quatro grandes *clubs* da capital” - Villa Nova, Atlético Mineiro, América e Palestra Itália, e apresentado às duas entidades que representavam o futebol mineiro à época, com colaboração do Bonsucesso F. C. e Fluminense F. C. (Rio de Janeiro), além do representante da sub-liga de Juíz de Fora, todos envolvidos para o bom desenvolvimento do futebol em Minas Gerais.

⁷⁰*Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro. 26/02/1931. n° 48. p. 06

⁷¹*Diário da Noite*. Rio de Janeiro. 01/05/1931. n°454. p. 09

⁷²*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 27/10/1932. n° 11.623. p. 04

A “pacificação” em questão objetivava a transformação da LMDT em uma federação, nos moldes da Associação Fluminense de Esportes Atléticos, além da organização de uma entidade dirigente do *foot-ball*, adaptando-se à organização da AMEA, do Distrito Federal, entre outras questões burocráticas. Neste período, início da década de 1930, os clubes da cidade mineira de Juiz de Fora se organizavam em torno de uma outra entidade.

Em decorrência disso, no campeonato mineiro de 1933, fez-se um esforço para unir os times da região central do Estado com os times de Juiz de Fora, mas em 1934 as duas entidades não entram em acordo e os certames seguem paralelos. Apenas no final, os campeões de ambos os torneios jogariam entre si. Neste ano o Villa Nova fez este jogo final contra o Tupynambás e venceu.

Todavia, é importante lembrar que o esporte se tornara tão popular e desejado pelos brasileiros, que o governo Vargas também utilizou-se dessa popularidade para criar um mecanismo de fazer com que a identidade nacional se constituísse também associada ao futebol, que seria um dos elementos disciplinadores da população, o que torna este tema bastante relevante para entender o próprio passado brasileiro, como aponta Sérgio Dorenski Dantas RIBEIRO (2003, p. 4):

[...] a profissionalização do jogador de futebol correspondia a um movimento cultural e político mais amplo, envolvendo tanto os interesses de disciplina social do Estado, a dinâmica específica do futebol, quanto um clima cultural, que perpassava toda a sociedade, de produção de uma identidade nacional forte

Todavia, mesmo sendo depositário de tantas responsabilidades, de ter levado o Villa Nova ao inédito Tricampeonato Mineiro da nova fase profissional, conta a história que, o dirigente espanhol Castor Cifuentes foi escorraçado da *Saint John Del Rey Mining Company*, sob a grave acusação de ter participado de uma reunião no Sindicato dos Mineiros, no ano de 1935.

Lembro que neste ano, no Brasil, ocorria um fato político importante. A “Intentona Comunista” faria a burguesia nacional, e principalmente internacional, entrar em estado de alerta. Menos de vinte anos depois da vitoriosa Revolução Russa, em terra nacional via-se uma movimentação desta ordem.

A respeito destes movimentos de dimensões internacionais, Lira NETO (2013, p.226) nos indica:

O embaixador inglês no Brasil, sir Willian Seeds, de viagem marcada para o retorno a Londres, foi despedir-se de Getúlio no Palácio Guanabara e aproveitou para levar informações ultraconfidenciais ao governo. O setor de inteligência do serviço secreto britânico, mais conhecido como *Military Intelligence, Section 6* (MI6), possuía indícios seguros de uma conflagração comunista a ponto de arrebentar no Brasil.

Sabendo como as embaixadas lidam com as grandes empresas de seus países, podemos supor, com poucas chances de errar, que esta informação também estava circulando entre os ingleses da Saint John Del Rey.

De acordo com a família do presidente, Castor Cifuentes havia ido a uma assembleia do sindicato dos mineiros da mina de Morro Velho para tratar com os operários assuntos relacionados ao Villa Nova. Os parentes afirmam que Cifuentes era avesso a qualquer envolvimento político e jamais usou sua posição no clube e na empresa para fazer proselitismo de ideologia alguma (FREITAS, 2008).

Entretanto, como acreditar que alguém poderia ficar neutro, ou “avesso”, com a situação precaríssima dos operários da Mina de Morro Velho, que quando não morriam nos recorrentes acidentes, adquiriam doenças praticamente incuráveis, como a silicose? Como não ser tocado pelas justas reivindicações dos seus pares pelo cumprimento das leis trabalhistas da época?

Mesmo assim, o pânico burguês não poupou quem lhe servira tão prontamente, anos antes. Segundo depoimentos, desgostoso com a injusta demissão, Castor Cifuentes deprimiu-se de forma aguda, falecendo em menos de 15 dias. A partir do falecimento do espanhol, o Estádio do Villa Nova, também conhecido à época como “estadinho”, passou a ter o seu nome, numa homenagem dos torcedores e da comunidade novalimense a sua memória.

A morte precoce, aos 42 anos de idade, aconteceu no dia 22 de novembro de 1935, quatro meses depois de o Villa Nova haver conquistado o tetracampeonato mineiro, conforme nota do *O Jornal*⁷³:

FALLECEU CONHECIDO SPORTISTA. BELLO HORIZONTE. 22. (A. M.) - *Falleceu* na madrugada de hoje, na vizinha cidade de Nova Lima, o conhecido *sportista* Castor Cifuentes, que exercera a presidência do Villa Nova A. C., cargo esse que vinha *ocupando* ultimamente com eficiência e desvelo. Ao seu enterro que se verificou hoje à tarde, compareceu quasi toda a população de Nova Lima, diretores e operários das Minas de Morro Velho, onde o sr. Cifuentes exercia as suas actividades, accupando um cargo de destaque.

Encontrei apenas mais duas outras notas de falecimento de Castor Cifuentes, mas nenhuma delas citava a demissão do presidente espanhol. Ocorreu um silêncio cúmplice por parte de toda a imprensa carioca e mineira. Somente anos mais tarde, alguns periódicos como a revista *Esporte Ilustrado*, volta a comentar, em tom de saudosismo, a gestão vitoriosa de Castor Cifuentes.

Dona Conceição Cifuentes Dias, 80 anos, filha de Castor, lembra com imensa alegria do carinho que os jogadores do Villa nutriam pelo presidente, que não media esforços para proporcionar boas condições de trabalho aos atletas (FREITAS, 2008).

O caso do presidente sugere algumas confirmações da tese apresentada neste trabalho. Primeiramente, ficou evidente o zelo e a preocupação com a qual a empresa inglesa tratava o time de futebol. Não seria um *hobbie* de seus gestores, ou somente uma tradição dos filhos da terra da Rainha.

Todo o processo de envolvimento do espanhol, assim como a sua dramática demissão, praticamente seguida de morte, indicam quanto a política de exploração da mão de obra operária era importante e central para os ingleses. Como deixar um suspeito de envolvimento com movimentações sindicais estar à frente do instrumento principal de controle dos corpos dos operários?

Mas não era sem motivos que os operários da Mina de Morro Velho se organizavam em sindicatos. Dada a precariedade das suas condições de vida e de trabalho,

⁷³*O Jornal*. Rio de Janeiro. 23/11/1935. n. 5038. p. 08

restavam a esses vilipendiados poucas alternativas, conforme apresentado no próximo item.

3 O outro lado da moeda: A cidade, a mina e o sindicato

A pequena Nova Lima, apesar de muito badalada pela imprensa por sua imigração inglesa, e pelo fenômeno industrial da mina de Morro Velho, coordenado pela multinacional Saint John Del Rey Mining Company; escondia uma realidade perversa.

Pari passu às péssimas condições de trabalho na mina de Morro Velho, explorada pelo capital inglês, a cidade de Nova Lima apresentava violências características das zonas de garimpo. Sendo assim, eram comuns os crimes de sangue na cidade, envolvendo moradores e os operários da mina. Somado a isto, os acidentes no local de trabalho eram corriqueiros, e gravíssimos; além das inúmeras doenças que acometiam os que sobreviviam à empreitada em busca de ouro.

3.1 Um “Inferno Dantesco”

Ao longo da pesquisa, percebi uma forte incidência de notícias a respeito de desabamentos e explosões na mina de Morro Velho, seguida da morte de dezenas de operários da Mina de Morro Velho.

Somando-se a isto, haviam também os casos, cada vez maiores de doenças advindas do contato dos mineiros com materiais insalubres. Grossi (1981), descrevendo as entrevistas com operários da mina, conta que, por vezes, iam pai e filho para o dia de trabalho, e o medo de não retornar era muito grande. Segundo um dos colaboradores de sua pesquisa, “na Morro Velho”, eles trabalhavam com a morte nos olhos!

A minha primeira fonte encontrada, absolutamente por acaso, foi uma notícia do jornal “Diário da Manhã”⁷⁴. Encontrei-a por acaso. Foi o primeiro dia na hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, e como já havia definido o marco temporal inicial na década de 1930, resolvi voltar alguns anos antes para iniciar aquele

⁷⁴Diário da Manhã. Belo Horizonte. Data: 03/12/1927. n. 389. p. 03 – Disponível em: Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa

processo artesanal de passar, folha por folha, os periódicos da época, à procura de notícias, de fontes para a escrita da história. Segue a reportagem:

A GREVE PACIFICA É O ÚNICO RECURSO DOS DESAVENTURADOS E VILIPEDIADOS OPERÁRIOS E MINEIROS DA MINA DE MORRO VELHO. *Deante da greve os ingleses saberão cumprir a Lei de Accidentes do Trabalho. À greve, pois, patrícios escravizados do sorvedouro britânico de vidas brasileiras! À GREVE!*

Em uma coluna abaixo, outra notícia não menos significativa também indicava as condições de trabalho criticadas na matéria acima: “A MINA DE MORRO VELHO É UM INFERNO DANTESCO”. No decorrer deste *mez* morreram em diversos *accidentes* operários. A *St. John D’El Rey Co. Ltd.* Continua a menosprezar a lei de *accidentes* do trabalho.”

Além do descaso proposital da empresa inglesa, o trabalho da Mina era duro e extremamente perigoso pelos poucos recursos tecnológicos disponíveis à época. Um dos procedimentos comuns era explodir uma banana de dinamite ao final do trabalho de escavação. A questão é que, por vezes, não era todo o explosivo que se detonava. Então, em uma outra perfuração, poderia se encontrar o material sem detonação e daí sim, ocorrer a explosão.

Poderia ser um problema com equipamento, ou apenas um descuido do trabalhador, mas não pude deixar de inferir a responsabilidade da multinacional inglesa relativa a segurança de seus operários.

Por diversas razões, observei inúmeras notícias como esta, do Jornal *A Noite*⁷⁵:

UMA HORRIVEL EXPLOSÃO NA GALERIA 42 DAS MINAS DO MORRO VELHO. Oito operários com os corpos reduzidos a uma massa uniforme. Nas minas de Morro Velho ocorreu mais um desastre de proporções trágicas. Um operário que fumava no interior da galeria n. 42, contra a proibição expressa das disposições do serviço, deixou cair a ponta do cigarro dentro da caixa das espoletas de dynamite, provocando uma terrível explosão que atingiu um grupo de operários, dos quais oito tiveram morte instantânea, ficando seus corpos reduzidos a massa informe. Do grupo escaparam apenas três, com ferimentos reputados de natureza leve.

⁷⁵*A Noite*. Rio de Janeiro. 07/07/1932. n. 3298. p. 05

No mês anterior, o mesmo jornal havia noticiado a morte de um operário e ferimento grave de outros três, a mais de dois mil metros de profundidade, todos foram vítimas também de explosão em galerias da mina.

Além do risco de explosão por descuidos individuais, ou por materiais que não explodiam de acordo com o previsto, o calor no interior da Morro Velho, que por vezes ultrapassava os 50 graus, também poderia causar explosões. A temperatura elevada no interior das galerias, além de petrificar as fezes e urina dos operários, também não permitia a presença de luz elétrica.

Para piorar as condições de trabalho, o interior da mina era iluminado por lampiões, cujo gás fazia muito mal à saúde do trabalhador do local, sem contar com a poeira de sílica que provocava a verdadeira epidemia de silicose entre os operários da Saint John Del Rey.

Observemos a notícia do Jornal *Lavoura e Commercio*:⁷⁶

EXPLOSÃO NAS MINAS DE MORRO VELHO. Do sinistro resultou a morte de um operário e ferimento gravíssimo de mais 12. Ontem, à noite, nas minas de Morro Velho, em Nova Lima, registrou-se fortíssima explosão, de enormes consequências materiais e pessoais. A explosão verificou-se no local denominado “Tunel da Tocaia”, causando a morte do operário João Pedro Fernandes, ficando ferido 12 outros, todos eles em estado gravíssimo. A direção das minas do Morro Velho informa que o forte calor reinante é que deu causa à lamentável explosão.

Ao longo dessa década, são diversas notícias de morte por desabamento, por materiais que encostavam na fiação elétrica desencapada, ou explosões de toda a ordem.

Como sustentar um negócio, uma empresa que em terras estrangeiras oferecia essas terríveis condições de trabalho, com diversos efeitos nefastos à população local, com a morte de dezenas de pais de família, sem uma forte política de relacionamento. Se esses corpos não estavam se revoltando mais, era porque encontravam-se adestrados a contento, em uma hábil estratégia inglesa de controle dos corpos.

⁷⁶*Lavoura e Commercio*. Uberaba/MG. Data: 02/11/1935. n. 297. p. 04

3.2 Nova Lima: Violência urbana, o homem-fera e outros crimes de sangue

Nas décadas de 1930 e 1940, ao sair da mina de Morro Velho, o trabalhador ia para a sua cidade, cujo ambiente poderia ser tão perigoso quanto no interior do seu local de trabalho. Difícil pensar se Nova Lima não era tão violenta, em boa medida, pelo estresse dos operários da mina. Entretanto, numa visão complexa do fenômeno aqui estudado, todas essas dimensões podem estar interligadas e apresentam-se como interdependentes.

O caso do homem-fera

“Numa pensão, na cidade vizinha de Nova Lima, um homem matou a mulher a dentadas!”⁷⁷ Assim iniciava-se a descrição de um dos vários crimes de sangue comuns na pequena cidade mineira.

Segundo jornal *A Noite*, supracitado: Apaixonado pela dona da pensão onde morava, Hygino Pacífico de Souza, operário da mina de Morro Velho, num acesso de ciúme, agarrou a vítima pelos cabelos e cravou-lhe os dentes profundamente no rosto. Desorientado pelo sangue que lhe borbulhava na boca, multiplicou as mordidas pelos braços, seios, e por todo o corpo da pobre mulher. Por fim, vítima de tétano e de infecção generalizada, a dona da pensão acabou falecendo!

No dia seguinte, o jornal ainda noticiou que o mesmo homem havia também atacado o feitor a dentadas, no seu turno de trabalho na Mina de Morro Velho. Alguns meses antes havia arrancado com os dentes o nariz de uma antiga amante. O periódico ainda lamentou que o perigoso criminoso ainda estava à solta...

Apenas na década de 1930, são inúmeros os relatos nos jornais de assassinatos com tiros, armas brancas (facas, punhais, entre outras), enforcamentos, etc. Eram também comuns essas violências entre os próprios mineiros, o que podia revelar uma tensão permanente na cidade e no ambiente da Morro Velho. A matéria do

⁷⁷ *A Noite*. Rio de Janeiro. Data: 08/08/1935. n. 3496. p. 06

jornal *A Noite*, de título: “Começaram brincando...”⁷⁸ nos aponta a respeito do clima na cidade:

Na vizinha cidade de Nova Lima, dois operários das minas de Morro Velho, João da Cruz e Arlindo do Amaral, depois de *esvasiarem innumeras* garrafas de cerveja, já completamente embriagados, apostaram qual deles seria o mais forte e empenharam encarniçada luta. O primeiro, dotado de melhores músculos, conseguiu *subjulgar* o contendor, e este, não se conformando com a derrota, muito embora fosse aquilo apenas uma brincadeira, mal se viu solto, sacando de uma navalha, investiu contra o amigo, virando-lhe violento golpe no pescoço que quase o degolou. Assistindo a cena, um outro mineiro, o de nome José Gomes, interviu, para desarmar Arlindo. Mas o homem estava com sede de sangue. Com o mesmo ferro, golpeou José no ventre. Ambas as *víctimas*, em estado bastante grave, foram medicadas, sendo que o estado de uma das *víctimas* é desesperador. O agressor foi a muito custo desarmado.

O garimpo atrai os mais diferentes tipos de pessoas em busca de ouro e riqueza. Aparentemente esse tipo de ocorrência continuou sendo comum na década de 1940, em Nova Lima. Entretanto, a morte mais emblemática será a do vereador comunista William Dias Gomes, que será tratada no terceiro capítulo desta tese.

Péssimas condições de trabalho e qualidade de vida precaríssima na cidade poderiam ter sido os elementos que, bem pesados e medidos, tornaram-se terreno fértil para a organização dos operários em busca de melhores condições de trabalho e vida. Os ventos do fim da República Velha e a ascensão da classe trabalhadora também chegaram a Nova Lima.

A movimentação política de 1930 não foi apenas uma saída para a falência do modelo oligárquico. Efetivou-se também uma resposta contra a ascensão das movimentações das classes proletárias das décadas de 1910 e 1920. Supostamente não se desejava um rompimento completo da cadeia produtiva, mas requisitava-se que as burguesias rurais se integrassem ao processo de criação das condições para a acumulação necessária à pretendida intensificação da industrialização. Mais ainda: necessitava que as classes obreiras urbanas se tornassem disciplinadas e controladas de perto pelo Estado.

⁷⁸*A Noite*. Rio de Janeiro. Data: 09/08/1935. n. 2876. p. 09

A simples contradição capital e trabalho, por sua natureza, inclinam o explorado a se organizar. Entretanto, esses outros elementos apresentados poderiam ter potencializado o fenômeno de organização e participação sindical dos operários de Nova Lima, conforme será tratado no próximo item.

3.3 Os vermelhos também entram em cena

Sendo assim, dadas as péssimas condições de trabalho, não restava aos operários da *Saint Jonh Del Rey* outra alternativa que não a associação em um sindicato. O período da revolução de 1930 e o desenvolvimento do trabalhismo brasileiro por Getúlio Vargas também serão elementos importantes para a construção da discussão em tela. Com a intensa movimentação política do período, chegavam também a Nova Lima algumas forças, entre elas o Partido Comunista Brasileiro – PCB, que na época ainda se chamava Partido Comunista do Brasil.

Na contramão da presença inglesa e da exploração da mão de obra na cidade de Nova Lima, o Partido Comunista irá se instalar na década de 1930, conforme nos aponta Yonne de Souza Grossi (1981, p. 84):

A formação do núcleo do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em Nova Lima constituiu um fator importante para o movimento operário na Mina de Morro Velho, devido a sua atuação no Sindicato dos Mineiros. Desde 1930, início da atuação organizada dos comunistas na cidade, começou uma fase em que a organização operária permaneceu, durante anos, enraizada em suas bases e com identidade entre representantes da categoria e seus representados.

Por outro lado, o anticomunismo era bastante presente nos discursos de Vargas, principalmente na primeira metade da década de 1930. O famoso Plano Cohen, uma das maiores bizarrices históricas da política nacional, provavelmente foi apenas a sedimentação de horas acumuladas de discursos neste sentido. No melhor estilo: “uma mentira dita centenas de vezes acaba virando verdade”; Vargas, como os outros regimes autoritários da sua época, trataram de estabelecer uma grande ofensiva contra o regime de transição socialista, que já havia se instaurado de forma

revolucionária na Rússia. Há discursos⁷⁹ inteiramente dedicados a esta temática, como veremos no trecho à frente:

Não se cogita, apenas, de julgar os que incidiram deliberadamente nas sanções penais, consagradas nas leis vigentes. E' imprescindível fazer o isolamento, a segregação, dos focos contaminadores. Os comunistas reconhecidos declarados, os pretensos pregoeiros de reformas sociais, os utopistas ingênuos e os agitadores mercenários que pregam ideias subversivas aberta ou disfarçadamente, devem ser afastados do contato da sociedade recolhidos a colônias agrícolas, onde os trabalhos da terra lhes aproveitarão como corretivo e educação para a vida honesta e construtora, ensinando-lhes o caminho do bem e o respeito aos direitos alheios. A ação demolidora do comunismo russo é vária e multiforme. Na sua faina insidiosa de levar a perturbação a todos os povos, engendrou uma técnica especializada do crime contra a ordem social, em nada semelhante aos processos dos conspiradores comuns. É por isso mesmo que o aparelhamento usual de prevenção e repressão, as leis ordinárias de segurança do Estado, se mostram, a cada momento, falhas e ineficientes para impedira atividade antissocial dos audazes agitadores adestrados e mantidos pela INTERNACIONAL COMUNISTA, instalada em Moscou.

Mesmo nutrindo alguma simpatia pelos regimes fascistas e, portanto, profundamente anticomunistas; há indícios na historiografia que Vargas pretendia permanecer neutro na guerra, pois achava que o país não deveria entrar num conflito que não traria vantagem alguma ao seu governo.

Progresso era a palavra de ordem do estadista gaúcho. Tudo o que era proposto ou elogiado tinha, de alguma forma, uma referência neste termo. Os esportes eram um dos principais porta-vozes dessa modernidade pretendida. Getúlio se referia ao estádio de futebol paulista como “afirmação da capacidade e do esforço criador do novo regime”. O desejo de progresso e modernidade era, inclusive, o contraponto a tudo que ele e seus aliados não queriam, como podemos observar nesse trecho⁸⁰:

Os agentes da subversão e da desordem persistem nos seus planos diabólicos. Sob os mais variados disfarces, procuram infiltrar-se no meio social, insinuando, iludindo, apelando para sentimentos generosos que, intimamente, repudiam, reclamando a liberdade que pretendem estrangular. É da tática comunista a dissimulação e o embuste. Precisamos, portanto, estar em guarda contra a investida bolchevista, anarquizadora e maléfica e alertar aqueles a quem se dirige, com insistência, a propaganda sinuosa e tôrva. O trabalhador desprevenido, votado aos problemas do seu ofício, e a mocidade, aberta a todos os entusiasmos nobres, são alvos preferidos

⁷⁹Discurso pronunciado na cidade do Rio de Janeiro, no dia 10 de maio de 1936, e intitulado: “Necessidade e dever de repressão ao comunismo”. Disponível em - <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/acervo>

⁸⁰Discurso pronunciado na esplanada do Castelo do Catete, cidade do Rio de Janeiro, no dia 7 de setembro de 1936, e intitulado: “Apelo ao patriotismo dos brasileiros no dia da Pátria”. Disponível em - <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/acervo>

dessa ofensiva dos inimigos da Pátria, da família e da religião. Não alimentemos dúvida sobre os processos e intuítos dos elementos empenhados em transformar-nos em colônia de Moscou. [...] Animado do sincero propósito de desempenhar tarefa tão patriótica, o Governo não dará tréguas aos adversários do regime, direta ou indiretamente a serviço do comunismo.

O processo de transição socialista deflagrado na Rússia deveria ser satanizado, execrado a todo custo. Havia um modelo de trabalhador a ser construído, um corpo a ser educado. O bom trabalhador não seria aquele que se envolveria com o “sindicalismo político”, pois esses eram os “embaixadores de Moscou” no Brasil. Assim, Vargas afirmava seus preceitos liberais e conservadores, exaltando a Pátria (propriedade), a família e a religião, influenciando no corpo do operário em construção.

Dessa forma, o espírito patriótico deveria ter um formato específico. Os próprios efeitos nefastos do capitalismo não deveriam, em teoria, estar acima dos interesses nacionais. Sua referência às Forças Armadas eram demonstrações de um profundo respeito e admiração. Apesar de Vargas ser um presidente civil, seu governo contou com uma significativa presença de militares nos ministérios e departamentos. Um exemplo disto foi a criação da Divisão de Educação Física, já no ano de 1937, e os sujeitos que a ocuparam (Amarílio FERREIRA NETO, 1999).

Ocorreram mudanças significativas nas concepções sobre o corpo e as práticas corporais no Brasil, na década de 1930. A despeito dos diversos debates públicos entre médicos e pedagogos, não tínhamos uma política pública direcionada para a questão. Com o começo do Estado Novo brasileiro, intensificam-se as estratégias de controle do trabalhador brasileiro, figura eleita como “parceiro primeiro do novo regime”.

Nesse sentido, o Ministério da Educação e Saúde apresentou-se como uma dos espaços mais funcionais na elaboração de formulações sobre o corpo, como nos explica Maurício PARADA (2005, p. 01):

Neste processo duas ideias conduziram a construção de uma nova cultura corporal no Brasil: a preocupação com a educação física e a associação entre esporte e civismo. Em 1931, a Reforma Francisco Campos introduziu a obrigatoriedade da prática de exercícios físicos em todas as classes do

ensino secundário; em janeiro de 1937, a reforma do Ministério da Educação e Saúde fez surgir a Divisão de Educação Física, subordinada ao Departamento Nacional de Educação. Com a Constituição de 1937, a educação física - incluindo a formação desportiva - tornou-se obrigatória em todas as escolas primárias, normais e secundárias e para a realização deste atributo constitucional foram realizadas intervenções que transformaram a prática desportiva no país. Neste contexto a DEF passaria a ser um dos principais órgãos federais a produzir diretrizes políticas para o campo.

Há também, e não menos importante, uma narrativa constante de “proteção ao trabalhador/operário”. Principalmente nos discursos no dia do trabalhador – 1º de maio. Nesta data especial, o estadista realizou diversas menções ao trabalhador como sendo o principal parceiro desta “nova era” pretendida no Brasil. O tom era de comunicação direta com as massas, e em local significativo para isso – os estádios de futebol.

Na escalada ao poder, Vargas já havia desenhado o caminho que iriam também percorrer referente às associações com o esporte, que no Brasil passava por um período de grande turbulência devido à ascensão de uma nova elite ligada à Revolução de 1930, que gerou um grande conflito interno na estrutura do esporte brasileiro. (COSTA, 2009)

Sendo assim, para Vargas, o esporte carregava símbolos importantes para seu projeto de governo, tais como: sadio patriotismo, precisão e disciplina. Isso tudo sob a égide de uma atividade física que promoveria “força e vibração” entre os jovens. Entretanto, de acordo com Denise Aparecida CORRÊA (2009, pg. 33):

O projeto de “reconstrução nacional” de Vargas prescindia de uma sociedade formada por homens e mulheres sadios física e moralmente, atributos considerados essenciais para o progresso da nação, mas que estavam longe de ilustrar a situação brasileira naquele momento.

Getúlio acreditava em um Estado forte, e em uma economia controlada pelo Estado, que não era de matriz socialista. Sendo assim, esse Estado moderno brasileiro precisou educar a população para uma nova realidade que se apresentava, e utilizou de vários instrumentos para tal tarefa. Entre eles estava o esporte.

Entretanto, o nacionalismo exacerbado convivia tranquilamente com a exploração do capital estrangeiro em terras brasileiras. Era o preço a se pagar pela parceria com o

Tio Sam e outros países imperialistas da Europa. Dessa forma, mineradoras inglesas e metalúrgicas belgas seriam parceiras desse projeto de poder impetrado por Getúlio Vargas. Nesse jogo de afirmação do poder do capital, o futebol apresentava-se como uma das mais poderosas ferramentas de controle dos corpos dos trabalhadores.

No próximo capítulo, será tratada a trajetória do Villa Nova Athletic Club na década de 1940 e no início da década de 1950. Além disso, exploraremos o caso do operário e vereador comunista William Dias Gomes.

CAPITULO III

SEGUNDO TEMPO: O VILLA NOVA E O FENÔMENO DOS CLUBES OPERÁRIOS

Neste capítulo serão tratados especificamente os assuntos referentes a década de 1940 e a trajetória futebolística do *Villa Nova Athletic Club*, assim como o último título no campeonato mineiro do ano de 1951.

Para tanto, serão observadas as questões do imbricamento referentes ao futebol, a Mina de Morro Velho e as tensões políticas na pequena cidade de Nova Lima, sem perder de vista as questões operárias e sindicais.

Neste período há um acirramento das estratégias de controle dos corpos dos trabalhadores da mina de Morro Velho. Aumentam as tensões existentes entre a multinacional inglesa, seus operários e a comunidade de Nova Lima. Como um dos desdobramentos, narrarei o caso do operário, líder sindical e vereador de Nova Lima Willian Dias Gomes.

1 O alvirrubro luta nos campos: os três vice-campeonatos

A década de 1940 inicia-se como um prolongamento do final da década anterior. O período revelou poucas incidências de notícias do *Villa Nova Athletic Club* nos periódicos cariocas e mineiros. São muito poucas as notícias. Até mesmo nos livros dos memorialistas, há um silêncio significativo neste período.

Apesar de ter sido o primeiro tricampeão da fase de profissionalismo do futebol mineiro, após essa conquista (1933, 1934 e 1935), o Leão do Bonfim não conseguiu mais o tão sonhado título mineiro. Em diversas fontes encontrei menção, por vezes de ordem metafísica, da saída/morte do ex-presidente Castor Cifuentes. Todavia, não parece razoável que a estrutura profissional do Villa Nova dependia exclusivamente de um dirigente.

Certamente, os outros clubes da capital e seus irmão operários também se organizaram. Sendo assim, o campeonato mineiro ficou mais disputado. E ainda, o Alvirrubro novalimense já possuía estrutura gestora profissional desde o início do século XX. Entretanto, o suposto operário contratado não poderia ter salário pago como jogador ou atleta. Durante a fase de transição ao profissionalismo, o amadorismo marrom foi uma realidade nos campos de Minas Gerais.

Segundo Marcus Vinícius Costa LAGE; Regina de Paula MEDEIROS (2014, p.06):

A referida prática dos clubes de futebol de inscreverem atletas na condição de amadores, cumprindo as prerrogativas regulamentares das Ligas, contudo remunerando-os ou compensando-os material ou financeiramente para que os mesmos praticassem as atividades futebolísticas ficou conhecida pela expressão “amadorismo marrom”. Inicialmente utilizada para se referir ao universo futebolístico carioca e paulista, o “amadorismo marrom” ou mesmo “profissionalismo marrom” se tornou expressão típica para designar a indefinição da condição dos jogadores de futebol na década de 1920, que, se não eram contratados pelos clubes, tampouco praticavam a referida modalidade esportiva como um atleta amador dos primeiros anos de difusão e consolidação do “campo futebolístico”.

Devemos lembrar que à época não havia a organização de campeonatos nacionais como se tem hoje. E ainda, a LMDT proibia o pagamento de atletas ou jogadores de futebol no início do século XX.

De toda forma, nos três primeiros anos da década de 1940, as fontes são profundamente escassas nos arquivos que consultamos. Após uma década com forte presença de clubes operários no topo da classificação do campeonato mineiro, o ano de 1940 inicia-se com o clube, supostamente o mais antigo de Minas Gerais, reconquistando a sua posição de “*Club das Multidões de Bello Horizonte*”⁸¹, e já tornando-se líder do campeonato naquele ano. A vitória do Atlético Mineiro sobre o Villa, por um modesto placar de 1 x 0, foi efusivamente noticiada.

Após essa nota, o alvirrubro novalimense reaparece nos arquivos no ano de 1942, em um jogo contra o cruzeiro, que seria o clube tricampeão daquela década. Segundo Jornal⁸²: “O Villa Nova, que compareceu com um quadro completamente modificado, não convenceu, esperando-se entretanto, que seja um grande adversário no campeonato que se inicia.” Desta forma, pode-se especular que o início da década de 1940 foi realmente problemática a agremiação operária de Nova Lima.

Apesar do fomento e criação de diversos clubes operários nesta década, o Villa Nova, principal representante deste tipo de agremiação iniciava sua derrocada como grande time mineiro. Mesmo levando-se em consideração o provável aperfeiçoamento técnico dos clubes em questão, foi nítida a depreciação do Leão do Bonfim.

Importante destacar que, no ano de 1942, Getúlio Vargas em 28 de janeiro cortou relações diplomáticas com os países do eixo; e marca o início da entrada do Brasil na 2ª Grande Guerra Mundial, sendo abandonada sua pretensão inicial de manter-se sob neutralidade, assim como outros países da América Latina.

Todavia, o memorialista FREITAS (2008) atribui ao decreto federal de 31 de agosto do ano correto, que coloca oficialmente o Brasil em guerra, a “proibição” de utilização de símbolos dos países do eixo. Em algumas páginas consultadas, tais como: <<https://cruzeiropedia.org>>, ou <www.cruzeiro.com.br>; a ideia de proibição

⁸¹*Sport Illustrado*. Rio de Janeiro. 11/01/1940. n. 16. p. 24

⁸²*Sport Illustrado*. Rio de Janeiro. 14/05/1942. n. 54. p. 30

está presente. Todavia, provavelmente foi um conjunto de fatores que provocou a mudança no nome dos Palestras – mineiro e paulista, como esclarece Alfredo Oscar SALUN (2007, p. 235):

O receio de que simpatizantes das ideias de Mussolini ou Hitler transformassem as reuniões em escolas, clubes ou sociedades, em células ou locais de discussão a favor do nazismo e do fascismo, foi um fator de preocupação para as autoridades, que utilizaram seu poder para coibir qualquer tipo de manifestação.

Além do clima de pressão política, da repressão em curso do Estado Novo brasileiro, havia um Decreto-lei, nº 4.166, de 11 de março de 1942, que dispunha sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil. Neste documento⁸³, em seu artigo 11, apontava:

Art. 11. Passam à administração do Governo Federal os bens das pessoas jurídicas de direito público que praticarem atos de agressão a que se refere o artigo 1º desta lei, bem como dos seus súditos, pessoas físicas ou jurídicas, domiciliadas no estrangeiro e que, não estejam na posse de brasileiros.

Parágrafo único. Os bens das sociedades culturais e recreativas formadas de alemães, japoneses e italianos poderão ser utilizados, no interesse público, com autorização do Ministro da Justiça e Negócios Interiores.

O risco da *Societa Sportiva Palestra Italia* e outras organizações de origem italiana ou alemãs, perder seus bens para o Estado, era concreto. Sendo assim, providências deveriam ser tomadas rapidamente. Desta maneira, a tão promulgada proibição, principalmente nos estudos mais superficiais da história do futebol, de fato, nunca ocorreu. Provavelmente faz parte de uma série de mitos e superstições que se entrelaçam ao velho esporte bretão no Brasil.

Curiosamente, neste mesmo ano, quase um mês depois, em 22 de setembro, a Coca-Cola, notícias do cinema de Hollywood, e mais uma enxurrada de produtos Norte Americanos entram pela primeira vez no Brasil. Seria uma segunda tomada do capital internacional, após a vasta exploração dos ingleses.

⁸³Disponível em: <http://www2.camara.leg.br> – Acesso: 14/09/2017

Segundo Lira NETO (2013, p. 423), a rádio Berlin irá anunciar:

A conta terá de ser paga pelo povo brasileiro. Pois o Brasil mina sua própria liberdade política e econômica. Nunca mais vai se livrar do envolvimento com os Estados Unidos e cairá para uma situação de vassalo permanente do imperialismo norte-americano e da plutocracia nova-iorquina.

Certamente, nenhum sistema opressor seria melhor que o nazifascismo. Mas não há como desconsiderar o conteúdo quase profético do locutor alemão, naquele momento. Entretanto, o Time da Terra do Ouro continuaria sua saga ao lado de todas as tensões e contradições de ser originalmente operário e ser sustentado pela multinacional inglesa.

No próximo tratarei das tentativas de sucesso do Alvirrubro na década de 1940. Indico que havia uma grande expectativa da imprensa com um novo ciclo de sucesso do Villa Nova.

1.1 O Leão volta a rugir

Após uma escassez de notícias do Leão do Bonfim, no início da década de 1940, o Villa Nova A.C. volta a aparecer nos periódicos mineiros e cariocas. A ausência de notícias poderia não significar, diretamente, que o Clube estava com problemas, ou outra questão desta ordem. Apenas a imprensa, ou as fontes nos arquivos, não corresponderam às nossas pesquisas. Todavia, haviam projetos em disputa, arranjos da burguesia local, como veremos adiante.

Dito isto, uma das reportagens conta a respeito de uma visita do São Cristovão de Regatas, clube carioca de origem suburbana, que visitou as Alterosas no início do ano de 1943. Um dos jornais, além de lembrar seus leitores da antiga relação do alvirrubro novalimense com a agremiação da Guanabara, sendo inclusive “[...]o primeiro clube carioca que jogou contra o Villa Nova na ‘Terra do Ouro’,

acontecimento que se deu em 1920”⁸⁴; ainda nos dá pistas a respeito do sumiço do Leão do Bonfim nos primeiros anos da década de 1940:

O Villa Nova A. Clube, por sua vez, ostenta o honroso título de tri-campeão mineiro e depois da ameaça de fusão em virtude da qual esteve na iminência de sucumbir, fato que felizmente não aconteceu devido aos ingentes esforços daqueles que sempre acreditaram justamente na pujança da organização esportiva do Villa Nova, cujo *team* depois dessa ligeira crise surgiu como outrora, poderoso esquadrão, de indiscutível valor, do que tem dado provas em jogo contra os melhores *teams* de Minas.

A ameaça supracitada era de uma possível fusão com o Retiro Esporte Clube, time também de Nova Lima, de pouca expressão em Minas Gerais, e que na década de 1940 sequer disputou o campeonato mineiro principal. Não havia uma disputa entre os dirigentes do Retiro Esporte Clube e do Villa Nova. Todavia, aparentemente, a crise que se agravou décadas mais tarde, dava seus primeiros sinais. A imprensa, principalmente carioca, elogiou a não união dos dois times, sempre lembrando do passado de glórias do Leão do Bonfim.

Entretanto, nem só de louros e reabilitação seria forjada o retorno do alvirrubro ao cenário futebolístico mineiro. Neste mesmo período, o Jornal *Kakende*, da cidade vizinha – Sabará, chamavam a atenção dos seus leitores para uma possível depreciação dos “cracks” do Villa e do Siderúrgica na convocação da seleção mineira de futebol daquele ano.

A seleção mineira era formada a partir do modelo de campeonato nacional que o Brasil possuía naquele momento. A respeito disto, e do formato de Seleções Estaduais, Daniel de Araújo dos SANTOS (2012, p. 30) conta:

Com relação aos clubes nas décadas de 1930 e 1950, as seleções estaduais também levavam multidões aos estádios durante o campeonato de seleções, principalmente quando se opunham Rio de Janeiro e São Paulo. Mas na *contra-mão* dos países sul-americanos nos anos 1950, o Brasil não possuía um campeonato de âmbito nacional. As dimensões continentais do país sempre eram apresentadas como justificativa para a falta de integração nacional que se refletia na ausência de um campeonato de proporções nacionais.

Ainda, segundo o autor supra citado, a única competição que promovia o intercâmbio entre os clubes dos Estados da Federação era o Torneio Rio-São Paulo.

⁸⁴Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro. 13/03/1943. n. 527. p. 12

Apenas em 1959 é criada a Taça Brasil, com a presença de 16 agremiações representando a maioria dos Estados nacionais.



Figura 14 - Seleção Mineira de futebol, 1941⁸⁵

O Campeonato Brasileiro de *foot-ball*, na versão de seleções Estaduais, realizado entre as décadas de 1930 e 1950, merece ser objeto de futuros estudos e pesquisa, pois há poucas referências a respeito desta matéria nos arquivos.

Desta forma, o periódico sabarense⁸⁶ indicava assim seu descontentamento com a suposta preferência dos times da capital em detrimento aos times do interior:

OS 'CORNETAS' E A SELEÇÃO MINEIRA DE FUTEBOL. Os cornetas que andam soltos na capital mineira, fizeram o que é do seu programa: reconhecer "cracks" apenas no América, Atlético e Cruzeiro. São os únicos "teams" de futebol do nosso estado. Fora deles: roça, muletas, etc.

⁸⁵Disponível – <http://www.cacellain.com.br> – acesso: 30/07/2016

⁸⁶Kaquende. Sabará/MG. 24/10/1943. n. 452. p. 03. - Disponível digitalmente na Coleção Linhares

O trecho destacado acima referenda a tese da depreciação dos clubes do interior, e por consequência, dos clubes operários. Todos os clubes de futebol da capital mineira eram representantes, originalmente, das famílias mais abastadas da nova capital mineira - Belo Horizonte.

Intrigas e falácias à parte, com o romper do ano de 1944, o Villa Nova foi, aos poucos, retomando seu prestígio diante da imprensa mineira e carioca. Em manchete intitulada: “Continua o Villa Nova A. C. figurando destacadamente no futebol mineiro”, o periódico carioca⁸⁷ destacou o tricampeonato da década de 1930, suas diversas viagens ao Rio e São Paulo, jogando no mesmo nível com as agremiações paulistas e cariocas, o protagonismo do clube operário no processo de profissionalização do futebol mineiro, e contando algumas curiosidades da cidade de Nova Lima ao seu leitor.

Neste período, até os clubes de Belo Horizonte e Juiz de Fora, que nutriam alguns desafetos, voltam a dialogar. O clima de iminente fim da Segunda Grande Guerra e também a possibilidade de fim da ditadura Varguista podem ter contribuído para uma fase de concórdia. Nessa etapa, o alvirrubro novalimense reorganizou seu escrete e voltou a preocupar seus adversários.

Mas não foi logo no começo do ano de 1944, quando amargou uma derrota para o antigo Palestra Itália, renomeado Cruzeiro. O que não aconteceria no retorno, quando protagonizam um empate espetacular em 3 x 3. Entretanto, neste ano, o Leão do Bonfim não voltaria a rugir. O campeonato mineiro terminou com o Cruzeiro campeão e o Villa Nova na sexta e última colocação.

Além do campeonato mineiro e das excursões ao Rio de Janeiro e São Paulo, o alvirrubro também circulou pelo interior de Minas Gerais, e marcou presença em grandes eventos na capital. De acordo com esta nota do jornal *Lavoura e Comércio*⁸⁸, de Uberaba, cuja manchete anunciava - “Dois atraentes encontros em Belo Horizonte”:

⁸⁷Esporte Ilustrado. Rio de Janeiro. 03/02/1944.

⁸⁸Lavoura e Comércio. Uberaba/MG. 19/08/1944. n. 239. p. 09

Serão realizados, na tarde de amanhã, dois interessantes prelios amistosos nesta capital. O primeiro travar-se no campo do Cruzeiro, reunirá as equipes do Cruzeiro e Siderúrgica, em homenagem as Forças Expedicionárias Brasileiras. O segundo terá lugar em Nova Lima, entre os quadros do Atlético e do Villa Nova, em disputa da Taça “Vila Rica”.

A reportagem acima demonstra que, apesar da campanha ruim no campeonato mineiro daquele ano, o Villa continuava mantendo a admiração dos seus pares.

O profissionalismo ainda não era uma questão tranquila aquele tempo. O América tinha deixado de usar o seu uniforme de protesto – camisa vermelha apenas no ano anterior, 1943. Não era mais a questão do clube ser profissionalizado ou não, mas a questão financeira a responsável pela tormenta dos clubes mineiros. O periódico mineiro *O Diário da Tarde*⁸⁹ exibiu manchete - “Administração grave problema”. Ao longo da matéria, o jornal faz uma análise pormenorizada da situação econômica dos principais clubes mineiros de futebol. Revelou problemas financeiros principalmente nas agremiações da capital, indicou tranquilidade no Siderúrgica e apontou o ressurgimento do *Villa Nova Athletic Club*:

Parece que os “Leões do Bonfim” comeram muita carne nos certames de 33, 34 e 35, nas retumbantes vitórias no Rio, no campeonato de 36, pela corrente mineira da CBD (na cisão). Em 37 ainda brilharam, levantando o vice-campeonato mineiro, após uma “melhor de três” com o siderúrgica. Mas depois adormeceram e só recentemente voltaram a urrar com sede, conforme demonstraram através de vitória sobre o Cruzeiro, invicto há quase dois anos em jogos oficiais.

O texto ainda trata do assunto de quase fusão do Villa com o Retiro, e o compromisso dos dirigentes alvirrubros na defesa da sua agremiação.

1.2 Ressurge a esperança

Após dois campeonatos seguidos do Cruzeiro, mesmo com toda a crise que a 2ª Grande Guerra havia impingido as associações italianas e germânicas no Brasil, no ano de 1945, o Leão do Bonfim prometia incomodar. A própria imprensa atribuí a

⁸⁹“O Diário da Tarde”. Belo Horizonte. 16/08/1945. n. 396. p. 13 - Disponível digitalmente na Coleção Linhales

última colocação do Alvirrubro, no ano anterior, a causas externas à agremiação alvirrubra, tais como desastrosas arbitragens e também uma falta de sorte incrível.⁹⁰

O futebol nas Alterosas ganhava novo fôlego com a inclusão do Uberaba E. C., do triângulo mineiro, e com visível recuperação do Villa Nova, de acordo com o trecho da reportagem a seguir⁹¹:

Mesmo sem conseguir dois pontos menos nulos, o Villa marcha para reviver todo seu antigo esplendor. Renasce a gloriosa legenda dos invencíveis 'Leões do Bonfim'. Os jogadores são 10 outros – apenas Alfredo foi tricampeão – mas a velha jaqueta alvi-rubra é a mesma, incitando-os a novos feitos, dando-lhes ânimo e coragem! O Villa Nova A. C. Ressurgiu e está ajudando o nosso futebol a voltar aos seus dias de maior prestígio. O Villa pode levantar o título, ninguém mais é favorito sobre ele, e quando os jogos forem lá na Terra do Ouro, então sim, ninguém abaterá o "Leão do Bonfim"

Apesar da esperança da imprensa e, provavelmente, de seus apaixonados torcedores de Nova Lima, ainda em julho daquele ano corrente, o Time da Terra do Ouro amargava um pálido 4º lugar, ao lado do Siderúrgica e do Uberaba. Ganhava apenas do Sete de Setembro, 9 pontos atrás do futuro tricampeão, o Cruzeiro Esporte Clube.

Entretanto, o Leão do Bonfim não se entregou facilmente. Em partida emocionante, abate o antigo Palestra Itália mineiro, com gol nos momentos finais da partida. Os periódicos alertavam para ter cuidado com o Villa Nova⁹². Nem seu rival operário, o Siderúrgica Esporte Clube, conseguiu barrar a recente escalada do Villa Nova.

Criou-se um clima de favoritismo grande, como se as antigas glórias do passado pudessem agir anos mais tarde e retomar uma história de vitórias e títulos. O jornal *Diário Esportivo*⁹³ explicitava, na manchete, a euforia que o Villa provocava naquela metade da década de 1940: "O Sete não deu ao Villa Nova o prazer de uma goleada. Pelo mesmo score da vitória sobre o Cruzeiro, os alvirrubros derrotaram os florestinos: 1 a 0 – Borracha, o autor do goal". Ainda no mês de agosto, o Leão do Bonfim conseguiria a sua quarta vitória consecutiva, sobrepujando o poderoso

⁹⁰*Esporte Ilustrado*. 26/04/1945. Rio de Janeiro.

⁹¹*Esporte Ilustrado*. 31/05/1945. Rio de Janeiro. n. 56 . p. 22

⁹²*Esporte Ilustrado*. 02/08/1945. Rio de Janeiro.

⁹³*O Diário Esportivo*. 09/08/1945. Belo Horizonte. n° 248. p. 02 – Disponível digitalmente na Coleção Linhares

Atlético Mineiro. Esta vitória, em especial, alçaria o Villa Nova a vice-liderança do campeonato mineiro.

Desta forma, nos meses seguintes, o alvirrubro novalimense continuava sua série de vitórias e boa parte dos torcedores e admiradores do time acreditavam que o título já tinha dono, naquele ano de 1945. Talvez, até por inspiração, um outro clube operário tenha sido criado naquele ano. A agremiação chamava-se Clube Ferro Brasileiro, e segundo o jornal *Esporte Ilustrado*⁹⁴, era “uma organização esportiva do ‘Hinterland’ mineiro”.

O clube operário foi criado a 50 quilômetros da capital mineira, no ramal de Santa Bárbara, da estrada de ferro Central do Brasil – atualmente município de Caeté; também sob o patrocínio da empresa Cia. Ferro Brasileiro S/A, uma gigante no ramo da siderurgia. Este e outros tantos clubes operários ainda merecem ser estudados, pois, certamente, fazem parte de um movimento intencional da burguesia mineira e não um fenômeno espontâneo.

Havia uma estratégia de controle dos corpos dos trabalhadores e da população em geral. Não se tratava apenas da análise rasteira de “ópio do povo”. O modelo esportivo fornecia os elementos importantes para a educação da massa de operários das minas, no caso das Alterosas. Assim como o Bangu, com sua fábrica têxtil, e assim por diante.

Destarte, retomando a discussão do nosso Villa Nova, no ano que comemorava seus trinta e sete anos de existência, ele chegava ao final do campeonato mineiro em segundo lugar. A sua frente estava apenas o Cruzeiro, em sua caminhada ao tri-campeonato. O confronto entre os dois iria resultar em sururu! No terceiro turno do certame, o Villa perde apenas para o seu principal adversário naquele ano.

Desta maneira, a violência em campo foi tanta, que o Tribunal de Penas reuniu-se dias depois para julgar o triste espetáculo. De acordo com a reportagem do jornal *Lavoura e Comércio*⁹⁵:

⁹⁴“Esporte Ilustrado”. 22/11/1945. Rio de Janeiro. n. 52. p. 18

⁹⁵“Lavoura e Comércio”. 09/10/1945. Uberaba/MG. n° 189. p. 04

Um dos principais casos julgados foi o último jogo Cruzeiro x Villa, resultante do qual dois jogadores foram enviados em estado de choque para o pronto-socorro. Foram aplicadas as seguintes penas: Ao jogador Eduardo – suspensão por 4 jogos, e a Nogueirinha, dois jogos. Ambos por jogo violento e indisciplinar. Bituca e Petrônio suspensos por 30 dias cada um.

Apesar de ter perdido apenas um jogo no segundo e terceiro turno, implementando uma campanha fantástica, os tropeços do Villa no primeiro turno do campeonato mineiro e a excelente campanha do Cruzeiro não permitiram que o Leão se reencontrasse com o título naquele ano de 1945. Mas o ânimo de sua torcida e a esperança de um título na década de 1940 estava renovado. O clube operário de Nova Lima voltava a inspirar a imprensa e a comunidade novalimense.

1.3 A segunda tentativa

Mesmo perdendo o campeonato mineiro de 1945, no ano seguinte o Villa voltava à cena ainda mais temido. Seu rival naquele tempo era o Atlético Mineiro, mas o Cruzeiro não esqueceu a rivalidade construída no ano anterior, o que se concretizaria em jogos sempre com um sururu no final da partida.

A imprensa novamente anunciava o time alvirrubro de Nova Lima como candidato certo ao título do campeonato mineiro de 1946, conforme podemos observar na reportagem do periódico⁹⁶:

VILLA NOVA: UM CANDIDATO CERTO. O velho “Leão do Bonfim”, quase sempre afastado do barulho da publicidade, mostrou no último turno do certame passado, o seu invulgar poderio. E – atenção leitor amigo! - O Villa Nova conservará os mesmos “onze” para a temporada do corrente ano. Não pára de treinar. Os seus jogadores gostam do clube a anseiam por um campeonato. 1946 pode ser o ano do Villa Nova.

O torneio “*Initium*” foi a primeira grande atuação do time da Terra do Ouro, e em consequência disto conseguiu o seu primeiro título do ano. Parecia que tudo estava se desenhando para que o clube operário de Nova Lima finalmente ganhasse o título do campeonato mineiro novamente. Entretanto, existia um certo Galo no meio do caminho...

⁹⁶“O Diário Esportivo”. 17/01/1946. Belo Horizonte. nº 351. p. 10 – Disponível digitalmente na Coleção Linhares

O certame daquele ano contava com os times: Atlético, Villa Nova, Cruzeiro, Metalusina, América, Siderúrgica e Sete de Setembro. A novidade do ano era o time operário, de uma cidade pequena, próxima da nova capital mineira. A agremiação foi fundada em 1939, por iniciativa do engenheiro Alencar Peixoto, então gerente da Usina Barão de Cocais, contando com a maioria de operários em seu elenco e chamada de Metalusina Esporte Clube. Seria mais um time operário fundado na década de 1940, também com o apoio de uma grande empresa de siderurgia.

No ano seguinte ao campeonato mineiro de 1946, dado o impacto causado pelo Metalusina, um periódico carioca⁹⁷ trouxe uma reportagem esclarecedora também, do ponto de vista da intencionalidade das empresas com a controle dos corpos dos operários:

A HISTÓRIA DO METALUSINA. Foi fundado o Metalusina a 24 de março de 1939, com o objetivo de oferecer divertimento aos milhares de operários da Usina de Companhia Metalúrgica local, uma das maiores do Brasil. Divertindo e educando física e espiritualmente, o Metalusina Esporte Clube alcançou plenamente seu objetivo, conseguindo, por outro lado, enorme projeção como potência esportiva, em todo estado de Minas Gerais.

Havia realmente um esforço da classe burguesa da época em oferecer atividades físicas educativas para seus operários. Essa estratégia educativa não se limitava a simples prática alienante, mas a um conjunto de fatores que, analisados em conjunto, podem indicar diversas intencionalidades.

O time de futebol destacava o operário e apresentava-o como disciplinado, cumpridor dos seus deveres, obediente, valente, entre outros predicados. Isso eram qualidades fundamentais para um operário que trabalhava em uma enorme mina de ouro e ferro, sob condições sub-humanas. Além disso, a empresa ganhava notoriedade e implementava uma imagem moderna na sociedade, aproximando-se do esporte, ainda símbolo de progresso.

97"Esporte Ilustrado". 13/03/1947. Rio de Janeiro. n° 466. p. 05

Um jornal da cidade vizinha a Nova Lima – Sabará, também nos indica a intencionalidade das indústrias com relação ao desenvolvimento de programas de clubes operários. De acordo com a reportagem⁹⁸:

A BELGO MINEIRA E A PROTEÇÃO AO OPERARIADO. [...] Próximo ao grande núcleo residencial dos operários, um majestoso estádio dá-lhes ensejo de horas de lazer, divertindo-se ou praticando variadas modalidades de esportes. Essa faceta da ação patriótica da Belgo Mineira é, aliás, muito interessante, e demonstra não estar alheia, a grande empresa, ao movimento que se processa, por todo território pátrio, em prol do aprimoramento da raça.

O texto em questão ainda faz várias referências ao ilustre ditador Getúlio Vargas e suas políticas trabalhistas. Entretanto, ao ler: “proteção ao operariado”, o leitor pode ficar confuso quanto a qual era o perigo que o autor se referiu.

Para tanto, os discursos do chefe maior do Estado Novo brasileiro indicavam, com clareza, que o inimigo número um da nação eram os comunistas, os vermelhos. Dessa forma, o esporte, em especial o futebol, eram ferramentas para forjar no operário o espírito patriótico, docilizado e obediente (como um jogador de futebol deve ser). Uma excelente ferramenta de educação.

Desta feita, o Villa Nova seguiu firme no campeonato. Quem estava apresentando sinais claros de problemas era seu adversário operário de Sabará – O Esporte Clube Siderúrgica, que no primeiro turno só havia ganhado do lanterna do campeonato – O Sete de Setembro. O Metalusina foi bem badalado pela imprensa, entretanto, seus resultados em campo não impressionaram.

No segundo turno do campeonato de 1946, a alvirrubro de Nova Lima tinha como contendores diretos ao título daquele ano o Cruzeiro e o Atlético. O Leão do Bonfim rugiu alto e ganha do antigo Palestra Itália, assumindo a vice-liderança do certame. O Villa estava, enfim, realizando uma notável campanha.

Além do campeonato mineiro, o Leão do Bonfim continuava realizando diversas viagens por Minas Gerais, Rio de Janeiro e, eventualmente, São Paulo. Em plena

⁹⁸Kaquende. Sabará/MG. 25/12/1943. n° 84. p.02

peleja do segundo turno, em disputa direta pelo campeonato, o time da terra do ouro foi a Curvelo, como podemos observar na reportagem⁹⁹ abaixo:

Como foi amplamente noticiado, assistimos nesta cidade, o encontro de futebol que reuniu a equipe profissional do Villa Nova Atlético Clube e a do Clube Atlético de Curvelo. O jogo agradou plenamente e no fim dos 90 minutos, a equipe visitante colheu um triunfo difícil, porém justo. 2 a 0 foi o placar que poderia ter se alargado, mas principalmente na primeira fase, quando o Villa desenvolveu uma atuação digna de nota; mas a defesa atleticana, principalmente Bené, Malê e Roberto jogavam em um grande dia.

São curiosas essas notícias de jornais do interior. Obviamente que, um time do porte do Villa Nova iria ganhar do provinciano Clube Atlético de Curvelo. Mas o tom da notícia, pode nos fazer acreditar que houve um grande jogo, disputadíssimo, etc. O que, sabemos, foi pouquíssimo provável... Mas, voltemos ao Campeonato Mineiro.

No terceiro turno do certame, o Cruzeiro e o Villa Nova se reencontram e voltam a se estranhar. A partida realizada em setembro terminou, mais uma vez, em “sururu”. O Alvirrubro saiu perdendo mais uma vez, e a imprensa apontou, depois da derrota do Atlético para o Siderúrgica, que o Clube Celeste ainda teria chances de disputar o campeonato e alcançar o inédito título de tetracampeão mineiro. Seria o primeiro a alcançar o feito, posteriormente à profissionalização do esporte Bretão em Minas Gerais.

Todavia, a taça do campeonato de 1946 foi mesmo para as mãos do Clube Atlético Mineiro. O Villa Nova amarga, mais uma vez, o vice-campeonato – o segundo consecutivo, seguido do Cruzeiro, em terceiro lugar. A surpresa foi o Metalusina Esporte Clube, de Barão de Cocais, que finalizou o campeonato empatado com o antigo Palestra Itália.

1.4 Ainda não foi daquela vez

Na terceira e última tentativa na década de 1940 do Villa Nova ser campeão mineiro, a imprensa parecia começar a se desinteressar pelo clube operário. Mesmo conseguindo dois vice-campeonatos, o último perdido mais uma vez apenas para o

⁹⁹“Gazeta de Paraopeba”. 01/09/1946. Paraopeba/MG. n. 59. p. 04

Atlético Mineiro, as notícias na imprensa carioca e mineira começam a ficar mais escassas, e as atenções voltam-se a novidade daquele momento – um time operário de Barão de Cocais. Um periódico carioca¹⁰⁰ indicava que “O Metalusina continua revolucionando o futebol mineiro”:

Aí estão os bravos rapazes do Metalusina Esporte Clube, que lapidados tecnicamente por Airton, vêm aparecendo dentro do futebol de Minas como uma de suas equipes mais bem treinadas e adestradas, e com maiores possibilidades ao ambicionado título do cinquentenário, pois receberá no retorno, em Barão de Cocais, a visita dos três principais grêmios da cidade, Atlético, Cruzeiro e América.



Figura 15 - Os “bravos rapazes” do Metalusina Esporte Clube¹⁰¹

Além dos termos significativos para compreensão da tese em questão, tais como: “adestrados” e “lapidados tecnicamente”; também observei que a composição do escrete acima foi formado por jogadores de outros clubes operários, como Osvaldo – centro médio saído do Siderúrgica, e outros jogadores vindos do interior de São Paulo e de times da capital, como o Atlético Mineiro.

¹⁰⁰Esporte Ilustrado. 21/08/1947. Rio de Janeiro. n. 234. p. 18

¹⁰¹Disponível em - <http://cacellain.com.br> – acesso: 12/03/2016

Isto indicava que havia um forte intercâmbio entre os clubes, também observado em outras oportunidades; e a concorrência típica da ordem do capital. A partir desta fase, não bastava apenas que a empresa doasse terreno para construção de estádios, ou pagasse modestamente seus operários/atletas. A lei do mercado ia se impondo, e os craques iam se valorizando também. A concorrência ficou acirrada e talvez o interesse em financiar um clube operário para controle dos corpos tenha ficado com o orçamento acima do esperado.

Destarte, o certame mineiro do ano de 1947, que foi organizado em apenas dois turnos, termina com Alvinegro mineiro como bicampeão das Alterosas, o Villa Nova como vice-campeão – pela terceira vez! O Metalusina alcança a terceira colocação, a frente de América e Cruzeiro. O Leão do Bonfim seguiu invicto na primeira parte do campeonato, mas as derrotas no segundo turno para Atlético e Cruzeiro, e o empate para o lanterna da competição – Sete de Setembro, levam embora o tão sonhado título.

Embora o vice-campeonato não fosse algo desonroso, pois a disputa foi realizada com os melhores times do futebol mineiro, o Villa Nova e sua torcida não aceitavam a impossibilidade de lograr êxito novamente. Como o antigo esporte bretão sempre foi um ambiente muito favorável à superstições, a rivalidade entre os dois principais clubes dos anos de 1946 e 1947 iria frutificar em uma curiosa história, que o famoso cronista Mário Filho nos conta, no Jornal *O Globo Esportivo*¹⁰²:

O campo do Atlético, em Belo Horizonte, tinha um portão exclusivamente aberto para os teams visitantes. Ninguém mais entrava por ali. Como o Atlético não perdia nunca “lá em casa”, houve quem tentasse explicar tudo com o portão. Um team que atravessasse o portão estava perdido. Não faria nada em campo. O Atlético tinha mandado “preparar” o portão por um pai de santo poderoso. E o Villa Nova, toda vez que ia enfrentar o Atlético, preferia entrar por um buraco feito atrás do muro das gerais, por onde passavam os garotos, contorcendo-se para apanhar as bolas que caíam no meio da rua. Só se podia passar pelo buraco enfiando primeiro os braços, depois a cabeça, depois o corpo. Mas era preferível isso a passar pelo portão da macumba!

Na década de 1940 o Villa não disputaria mais campeonatos ou torneios com chance de vitória. Estava se desenhando o início da decadência do time da terra do ouro.

¹⁰²“O Globo Esportivo”. 03/09/1948. Rio de Janeiro. n. 391. p. 07

2 O caso de William Dias Gomes

Assim como indicado no capítulo anterior, o financiamento do time operário *Villa Nova Athletic Club* fazia parte de uma estratégia coordenada de controle dos corpos dos operários da Mina de Morro Velho, explorada pela *Saint John Del Rey Minning Company Limited*.

Dadas as precárias condições laborais na Mina, a empresa inglesa necessitava de estratégias para dialogar com a sociedade, pois como toda organização comercial, precisava de aprovação da população para as suas ações. Políticos, trabalhadores e outros sujeitos deveriam ser convencidos dos benefícios do empreendimento para a comunidade local e para o Brasil, em última análise. E, obviamente, essa disputa pela hegemonia¹⁰³ na sociedade novalimense forjou antagonistas. Uma vez estabelecida a luta de classes, os protagonistas de ambos os lados assumiram suas demandas, como veremos no caso em tela.

2.1 A empresa, a democracia e os lutadores do povo

Nosso personagem nasceu em Mariana, cidade vizinha a Ouro Preto. O pai de William morreu quando ele tinha seis anos. Dona Liberalina, a mãe, gosta de relembrar esse tempo. "Nunca mais — conta ela — quis me casar depois disso. Trabalhei de lavadeira, ganhando 500 réis por dia, mas consegui criar meu filho como pessoa de bem". (QUEIROZ, 1949)

Aos 22 anos Dias Gomes foi admitido na mina de Morro Velho. Trabalhava como gaioleiro, a dois mil e quinhentos metros abaixo da superfície, sob temperaturas às vezes superiores a 40 graus, respirando uma atmosfera de poeira finíssima, que provocava nos pulmões a doença denominada silicose. Seu trabalho consistia em empurrar com o ombro o carrinho, carregado de minério, para dentro do elevador, e

¹⁰³O conceito de hegemonia foi elaborado no seio da tradição marxista com o objetivo de pensar as diversas configurações sociais que se apresentavam em distintos pontos, no tempo e no espaço. Propõe se distanciar da consignação da estrutura sobre a metaestrutura, evidenciando a centralidade das superestruturas na pesquisa das sociedades avançadas. A sociedade civil adquire um papel central, bem como a ideologia, que aparece como constitutiva das relações sociais. (ALVES, 2010)

dar o sinal de partida. Com o seu salário, William sustentava a mãe, a mulher e três filhos.

As fontes revelaram que William era fisicamente muito forte. Quando adolescente, distinguiu-se como o melhor jogador do Villa Nova Athletic Club. Os seus dribles arrancavam gritos de entusiasmo à torcida (IDEM). Todavia, não encontrei nenhum documento que atestasse seu vínculo com o Clube operário, no nível profissional.

Em fins de 1944, os operários de Morro Velho declararam-se em greve por aumento de salários. O Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, controlava a imprensa, de modo que nenhuma notícia foi publicada. O movimento obteve sucesso e se notabilizou pela eficiência da organização dos trabalhadores. Estes operários, em uma semana, superaram a intransigência dos ingleses e a polícia do Estado Novo. William distinguiu-se como um dos dirigentes da greve. (QUEIROZ, 1949)

Em 1945, ingressou no Partido Comunista. Procurava sempre estudar, não apenas literatura marxista, mas tudo quanto pudesse contribuir para desenvolver o espírito. Dedicou o ano seguinte a orientar a longa campanha dos mineiros de Morro Velho, novamente empenhados no aumento de salários. O dissídio coletivo se arrastou tanto tempo que, quando a Companhia apelou para o Tribunal Superior do Trabalho, os trabalhadores se declararam em greve branca. Em dois dias, os ingleses tiveram de entrar em acordo.

Este fato corrobora com a nossa tese de que era preciso disputar a imagem da empresa junto aos seus operários. Neste período, a extração de minerais era fundamentalmente manual. Ter operários insatisfeitos, com poucos incentivos poderia ser desastroso para os negócios. Portanto, o futebol configurava-se em uma estratégia de conquistar “corações e mentes” dos trabalhadores da mina de Morro Velho.

Nas eleições municipais na década de 1940, William foi o vereador mais votado de Nova Lima. Os mineiros de Morro Velho provavelmente quiseram enviar para a Câmara local um político que realmente tivesse identidade com a classe operária.

Como secretário do Legislativo, sempre levantou as reivindicações dos operários, diante dos representantes encobertos da Companhia, os vereadores que ocupavam seus cargos com apoio da multinacional inglesa.

De acordo com as fontes consultadas, William se ocupava dos problemas da cidade e do município, sem se descuidar das questões nacionais. Na pauta do comunista estavam: a distribuição das terras dos grandes latifúndios das proximidades (o maior deles pertence à própria Companhia inglesa), era membro do Centro Municipal de Defesa do Petróleo, entre outros. Apesar de sua febril atividade política, nunca deixou de trabalhar, ele mesmo como gaioleiro, no fundo da mina de Morro Velho.

Como líder e organizador da classe de trabalhadores da Mina de Morro Velho, suas ações começaram a ter repercussão no estado de Minas Gerais. Na reportagem do *Jornal do Povo*¹⁰⁴ intitulada: “O POVO LUTA CONTRA A VOLTA DA DITADURA”, o periódico belorizontino indicou uma onda de protestos do operários das Minas contra o General Dutra:

MINEIROS DE MORRO VELHO PROTESTAM E ACUSAM O GOVERNO. Os bravos e explorados mineiros de Morro Velho, aqueles heróis que trabalham enterrados nas profundezas da terra, sentindo na própria carne o que são os estrangeiros quando exploram nossa pátria, dirigiram um memorial monstro ao General Dutra, protestando contra os golpes que o ditador e sua camarilha desferem continuamente na Constituição e no regime democrático, responsabilizando seu governo [...] pela crescente miséria em que se debate nosso povo.

O texto do jornal possuiu a assinatura de mais de 200 trabalhadores da mina, e provavelmente Willian estava na coordenação do movimento, que pedia reforma agrária, diminuição do custo de vida, agilidade da Justiça do Trabalho, entre outras pautas.

No final do ano de 1948, os mineiros da mina de Morro Velho entraram em greve novamente. O movimento rapidamente ganhou força entre os operários, como podemos observar na notícia do *Correio de Uberlândia*¹⁰⁵:

¹⁰⁴*Jornal do Povo*. Belo Horizonte. 25/05/1947. s/n. p.01

¹⁰⁵*Correio de Uberlândia*. Uberlândia/MG. 13/10/1948. n. 319. p. 07

ALASTROU-SE A GRÉVE DOS MINEIROS DE MORRO VELHO. A greve irrompida no seio dos mineiros de Nova Lima, alastrou-se rapidamente. Na noite de ontem, 5.800 mineiros haviam deixado as atividades na mina de Morro Velho. Os trabalhadores da cidade, vizinha de Raposos aderiram à greve. A junta governativa do sindicato esteve reunida com o Delegado Regional do Trabalho e este solicitou que o advogado dos empregados fizesse um relatório expondo a reivindicações dos grevistas.

Um dos responsáveis pelo sucesso do movimento era Willian Dias Gomes.

O Partido Comunista Brasileiro teve seu registro novamente cancelado em abril de 1947 pelo Tribunal Superior Eleitoral, em pleno governo Dutra, com base em texto constitucional que proibia a existência de partidos que fossem contrários ao regime democrático. Seus parlamentares também foram cassado no ano seguinte, 1948.

Neste mesmo ano, chegou de Toronto o canadense *Mr. George Oridean Wigle*. Ele foi nomeado novo administrador da empresa inglesa e colocou em prática um inédito sistema para acelerar o ritmo do trabalho nas minas. Entre outras ações estava o aumento das horas no interior das galerias, e exploração ainda mais cruel dos trabalhadores. Era o chamado *plano canadense*, que acabou acirrando a luta de classe em Vila Nova. (QUEIROZ, 1949)

Wigle tinha uma agitada vida social no Brasil, e anos mais tarde acabaria se tornando o presidente de honra do Villa Nova Athletic Club¹⁰⁶, numa clara demonstração de como os interesses da multinacional das terras da rainha se mesclavam com os interesses do time operário.

Como líder operário e comunista, William Dias Gomes não se calou. De acordo com a revista portuguesa, o comunista declarou (QUEIROZ, 1949, s/p):

Concito a todos os trabalhadores a abrirem os olhos, porque esse plano canadense pode ser muito bom para inglês ver, mas não o será para os operários. Não acredito que esses ingleses venham lá das bandas da Inglaterra e de suas colônias para bancarem os bonzinhos para com os brasileiros, cuja raça eles nem mesmo creem que seja de gente. Daí a necessidade de lutarmos organizadamente na defesa de nossos interesses, porque a Companhia está sabendo lutar pelos seus, em prejuízo dos trabalhadores.

106“Tribuna da Imprensa”. Rio de Janeiro. 10/02/1954. n. 1256. p.08

Para continuarmos a entender o clima de Nova Lima naquela ocasião, devemos voltar alguns meses antes do assassinato de Willian.

Em setembro do ano de 1948, os operários da mina de Morro Velho realizaram uma grande Assembleia Geral. Compareceram mil e seiscentos operários. Entretanto, para evitar que os trabalhadores discutissem entre si e apresentassem seus problemas, o presidente da junta tentou uma manobra imediatamente após o início dos trabalhos. Declarou que pedira demissão havia dias e só uma nova junta, nomeada pelo Ministério, poderia dirigir a Assembleia. Por conseguinte, encerrava a sessão!

Houve grande tumulto. William pediu a palavra e indicou que o presidente estava desenvolvendo uma prática irregular, e sugeriu que haviam duas alternativas: que o homem presidisse os trabalhos até ao fim, ou que se retirasse da sala como um traidor da classe operária. (QUEIROZ, 1949)

O presidente da Junta reconheceu a sua precipitação e voltou atrás no seu encaminhamento. Neste dia, ali, foi eleita a Comissão de Salários, com William à frente, que desempenharia ainda importante papel. Os mineiros exigiam mais sete cruzeiros diários e o repouso semanal remunerado.

Dias mais tarde, aconteceu um outro imprevisto. A Companhia ameaçou despejar, das casas que lhes alugava, aposentados precoces, tuberculosos, silicóticos e aleijados no serviço da mina. Imediatamente, organizou-se uma grande passeata de estropiados e doentes, viúvas e órfãos, pelas ruas de Nova Lima.

Nova Lima recebe, até dos dias de hoje, o nome de "a cidade das viúvas", dado ao grande número de mineiros que morreram ao contraírem siliose no interior das minas onde trabalharam. A silicose é uma reação crônica e incurável dos pulmões provocada pela inalação de poeira de sílica, abundante no interior da mina. Atualmente, as vítimas ou seus parentes mais próximos ainda aguardam decisões judiciais referentes às condições absurdas de trabalho na Mina de Morro Velho¹⁰⁷.

107Para saber mais, consultar - <http://silicoticosdamorovelho.blogspot.com.br/> - acesso: 26/10/2017

Destarte, além de iniciar ações de represália e repressão, a *Saint John Del Rey* também não cumpriu sua parte no acordo. Com a notícia do despejo, a greve começou diminuindo a produção de Raposos. No dia seguinte, em todas as minas, baixava a 50% a produtividade. A 18 de outubro, a greve se tornou total. Sete mil operários cruzavam os braços. (QUEIROZ, 1949)

Era recorrente a incompetência da multinacional inglesa em cumprir as leis trabalhistas recém criadas no Brasil. Para complicar mais ainda a situação em Nova Lima, na mesma semana, uma notícia correu rapidamente através dos elevadores e galerias, das oficinas. Diziam que seis feitores, por exceção amigos dos trabalhadores, tinham sido por este "crime" postos na rua pelos ingleses.

Por outro lado, a imprensa tratava de forma parcial o movimento grevista, como podemos observar na reportagem abaixo do periódico diário *A Noite*¹⁰⁸:

FOMENTADA PELOS COMUNISTAS A GREVE DE MORRO VELHO. Notícias chegadas do Ministério do Trabalho, na manhã de hoje, em torno do movimento grevista nas minas de Morro Velho, registram que o mesmo tem influência extremista e que a greve se restringe aos trabalhadores da superfície, não atingindo os que trabalham no *sub-solo*. Informam ainda que esse movimento foi precipitado pelos comunistas, por ter a *empresa* ter instaurado um inquérito interno para apurar as causas da queda de produção na mina, que atingiu este ano uma assustadora baixa. Quando se apuravam devidamente essas causas, os elementos implicados na sabotagem fomentaram a greve. O caso está afeto à Delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais.

O movimento operário era sempre satanizado pela imprensa, tanto mineira quanto carioca. Mesmo os operários sofrendo sistematicamente a negligencia dos seus direitos, trabalhando em condições insalubres, os órgãos de imprensa da época preferiram observar tendenciosamente o lado da empresa e desqualificar o movimento grevista, prática comum até os dias de hoje.

A greve só terminou no mês de outubro, conforme reportagem do jornal *Correio da Manhã*¹⁰⁹:

TERMINOU CONDICIONALMENTE A GREVE DE MORRO VELHO. Confirmam-se agora as notícias de que terminara condicionalmente o

108" *A Noite*". Rio de Janeiro. 13/10/1948. n. 13002. p.10

109" *Correio da Manhã*". Rio de Janeiro. 19/10/1948. n. 17052. p. 02

movimento grevista dos operários da mina de ouro de Morro Velho e Raposos, tendo a direção da Saint John Del Rey Mining Company concordado com a readmissão de seis feitores suspensos do serviço e com pagamento de dois dias a todos os empregados grevistas ou não grevistas, e a não perseguição a qualquer trabalhador por haver participado do movimento. Outras reivindicações foram desprezadas pela empresa, inclusive o aumento de salário. [...] O retorno ao trabalho foi deliberado em praça pública, numa assembleia de mais de seis mil operários, condicionado porém ao aumento diário de sete cruzeiros para todos e descanso semanal remunerado, mediante posteriores entendimentos com a empresa.

Mas a vitória dos operários não seria algo sem preço. Poucos dias depois de toda essa negociação, o novo mandatário da Saint John Del Rey contratou dezenas de capangas armados. De acordo com as fontes, capangas armados invadiam o escritório dos vereadores comunistas em Nova Lima. (QUEIROZ, 1949)

William Dias Gomes foi assassinado em Nova Lima com dois tiros na cabeça, no dia sete de novembro de 1948, aos 33 anos, e no 31º aniversário da Revolução Russa. Como resposta ao terror desencadeado em Nova Lima, duas mil pessoas, homens e mulheres, gente de toda idade, principalmente mineiros do Morro Velho, acompanharam os funerais. Inúmeros operários também vieram de Raposos, localidade vizinha¹¹⁰.

A imprensa logo tratou de criminalizar a luta dos operários, ligando suas ações ao Partido Comunista Brasileiro e dizendo que foram os militantes que começaram o tiroteio. O *Correio da Manhã*¹¹¹, periódico mineiro, dizia que foram “numerosos comunistas e elementos suspeitos, além dos que foram autuados em flagrante pelo porte de armas durante o tiroteio do qual, conforme notícias, resultaram dois mortos. [...]”

O folhetim chamado *O Jornal*¹¹², também do Rio de Janeiro, narrou que o saldo foi de “dois mortos e quatorze feridos num choque entre comunistas e anticomunistas na cidade do ouro.” Indicavam que um militante do extinto PCB havia atirado contra a multidão, em atitude provocadora, e que isto sim seria a origem do conflito em Nova Lima.

¹¹⁰A Noite. Rio de Janeiro. 09/11/1948. n. 13022. p.12

¹¹¹Correio da Manhã. Conselheiro Lafaiete/MG. 10/11/1948. n. 17070. p.03

¹¹²O Jornal. Rio de Janeiro. 10/11/1948. n. 8754. p.05

A reportagem ainda comentou que “os vermelhos planejavam nova greve dos operários da mina de Morro Velho”, e que a polícia havia “apreendido copioso material de propaganda subversivo”. E ainda, classificava William Gomes como “o maior agitador comunista em Nova Lima e exercia influência sobre o operariado adepto do ex-Partido Comunista”. O que era verdade.

Entretanto, apenas essas questões estavam na pauta da imprensa. E lembrando que esse discurso anticomunista era usual durante o governo Vargas. Getúlio era um inimigo declarado dos vermelhos. Além disso, as condições de trabalho na mina de Morro Velho não eram problematizadas, não eram sequer citadas.

A imprensa tradicional tinha escolhido a sua história. As únicas narrativas dissonantes eram do jornal *Voz Operária* e da revista *Problemas - Revista Mensal de Cultura Política*, de publicação portuguesa.

Todavia, estes movimentos de greve dos operários da mina de Morro Velho não recuaram. A década de 1950 ainda registraria muitas greves e movimentações operárias em Nova Lima. A estratégia de controle dos corpos dos operários por meio do futebol, aparentemente já havia se esgotado, e com ela o *Villa Nova Athletic Club* foi perdendo também o apoio financeiro como apontado no próximo item.

Apesar das boas companhas na década de 1940, o Villa Nova não conseguiu sagrar-se campeão mineiro naquele período. Talvez por um capricho dos Deuses do futebol, esta vitória aconteceria apenas no início da década de 1950, mais exatamente no ano de 1952.

Um fato histórico significativo para o Brasil, e também para Minas Gerais, seria o retorno inusitado de Getúlio Vargas. O ex-presidente foi candidato pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Após um governo complicado do General Dutra, em eleições democráticas, aquele que foi ditador no Brasil formalmente durante oito anos (1937 a 1945), foi eleito para a presidência da República com quase 50% dos votos populares, no dia 3 de outubro de 1950, retorna ao poder nos braços do povo através da democracia burguesa.

Já não era mais o antigo governante, empolgado com as questões nacionais, aquele que tinha flertado fortemente com as ditaduras nazifascistas da Europa. Mas continuaria sendo o velho populista, que movimentaria as massas, que falaria diretamente com o povo brasileiro como nunca alguém ousou ou conseguiu se comunicar anteriormente. Talvez essa conjuntura tenha eclodido, quase sobrenaturalmente, na força que faltava para o time alvirrubro de Nova Lima, finalmente, tivesse seu último título mineiro, dessa fase do futebol operário no Brasil.

Os periódicos da época contaram que, no ano de 1951, o Villa Nova havia conseguido montar um excelente esquadrão. O time operário quase já não contava com trabalhadores das minas em suas fileiras.

Desde a profissionalização do futebol na década de 1930, todo o sistema organizativo dos clubes vinha se adaptando a nova realidade do esporte espetáculo. O escrete era formado por jogadores vindos das categorias de base, conforme reportagem¹¹³:

APRESENTA-SE O VILLA NOVA DE 1951 COMO UM DIGNO SUCESSOR DO FAMOSO TEAM DE 35.[...] Sem gastar dinheiro, mas com um trabalho paciente de renovação de valores, recrutando jogadores da própria “vila”,

113“O Jornal”. Rio de Janeiro.29/08/1951. n. 9612. p.07

entre os quais pontificaram os irmãos Liberato (Osório e Vaduca, componentes da ala direita), o centro-médio Lito, o zagueiro Anísio, o médio esquerdo Tão, o Villa Nova armou um senhor conjunto, um *team* que vem resultando numa legítima atração dos gramados mineiros e que esta noite, deverá ratificar a impressão que vem causando aos torcedores belorizontinos, pouco propensos a reconhecer os méritos de outros teams que não os da capital.

A reportagem anunciava também mais uma costumeira visita do Leão do Bonfim à capital da República, e o jogo seria com seu velho conhecido – o Fluminense, no Estádio da Guanabara.

Destarte, importante atentar para um trecho anterior da reportagem, que não está transcrita na citação direta, e que tratava da falta que o ex dirigente Castor Cifuentes fez ao time do Villa Nova, atribuindo os anos de jejum de títulos do alvirrubro novalimense à saída do espanhol. Pena que este tipo de abordagem tenha sido feita pela imprensa apenas vários anos depois da sua morte.

No ano que Cifuentes morreu, não encontramos praticamente nenhuma fonte narrando a triste história. Observamos mesmo foi um silêncio agudo dos jornais - tanto cariocas, quanto mineiros, conforme já tratamos no segundo capítulo desta tese.

Outro aspecto interessante desta reportagem é a confirmação da tese de que os times operários do interior eram preteridos em relação aos principais clubes da capital, formalmente de origem aristocrática, conforme também já discuti neste trabalho anteriormente.

Mas após dezesseis anos de jejum, o temido Time da terra do Ouro, após uma excelente campanha, chegou à final com o Clube Atlético Mineiro de 1951. A decisão do título aconteceu no início do ano de 1952, no dia 27 de janeiro.



Figura 16 – Time do Villa Nova A. C., Campeão de 1951¹¹⁴

O primeiro jogo terminou em empate de 1 a 1. O terceiro e decisivo jogo desenvolveu-se em um domingo chuvoso na capital. O palco foi o *Stadium Independência*, que havia sido utilizado dois anos antes, como um dos espaços onde a famigerada copa de 1950 foi disputada.

O primeiro tempo da peleja entre o Galo e o Leão terminou sem nenhum gol, mas no segundo tempo, logo no início, aos cinco minutos de jogo, “por intermédio de Vaduca, aproveitando um passe de Lito”¹¹⁵, derrotou o Atlético, para delírio da torcida apaixonada de Nova Lima. A festa na pequena cidade foi tão grande que um periódico esportivo¹¹⁶ fez questão de destacar um comportamento impar dos fãs do Leão do Bonfim naquela ocasião:

NOVA LIMA EMPOLGADA COM O SEU CAMPEÃO. Esta cidade viveu momentos de indescritível entusiasmo. Tôda a população, empolgada com o notável feito do Villa Nova, conquistando o título mineiro de 1951, saiu as

¹¹⁴Disponível em - <https://tardesdepacaembu.files.wordpress.com> – acesso: 07/08/2017

¹¹⁵O *Jornal*. Rio de Janeiro. 29/01/1952. n°.09738. p.08

¹¹⁶O *Jornal*. Rio de Janeiro. 30/01/1952. n.09739. p.06

ruas a fim de comemorar a grande vitória.[...] Um detalhe das festividades vale a pena ser divulgado: sendo o Atlético Mineiro cognominado 'grêmio carijó', e referido mesmo como 'galo' do campeonato, apareceram nas ruas levados pelos manifestantes várias dezenas de galos, que eram depenados como se o povo estivesse assim demonstrando como o Villa vencera seu contendor. Esses galos foram depois assados e distribuídos pelo 'banquete' promovido por grande parte da população.

A imagem de dezenas de galos depenados por uma legião enlouquecida de torcedores do Villa Nova, em plena pequena cidade de Nova Lima, seria o último rugido deste bravo time operário. Após este ano, ainda em 1953, o Alvirrubro também chegaria à final, mas seria derrotado pelo mesmo adversário de 1951. Foi a revanche, a vingança dos galináceos assassinados dois anos antes.

Por sua vez, a *Saint John Del Rey Mining Company Limited* encerra suas atividades na mina de Morro Velho, após quase dois séculos de exploração dos minerais brasileiros e de sua população. Com a venda da Mina para um consórcio brasileiro, o futebol deixou de ser prioridade para os novos gestores, e o clube operário inicia sua queda a uma profunda crise financeira. (FREITAS, 2008)

A pesquisa nos arquivos também corroborou a tese do memorialista, e indicou um lento e regular desaparecimento do Villa Nova A. C. das notícias de jornal. A própria mídia carioca, aparentemente, já não se importava tanto.

O que fica claro, com mais regularidade e intensidade, são as greves operárias, as movimentações políticas em Nova Lima. Percebemos que a sociedade estava se modificando, reorientando suas prioridades, e a burguesia também. Os jornais mineiros começam a dar muita atenção aos clubes do eixo Rio-São Paulo. Acompanham esse movimento as rádios, em especial a Rádio Nacional.

O espetáculo estava se reconfigurando, e junto com ele as estratégias de controle dos corpos. Mas este controle não visava apenas os corpos dos operários das minas de ouro e minério, mas todo conjunto da classe trabalhadora. As estratégias haviam sido gestada no governo de Vargas, começaria a dar seus frutos para toda a sociedade.

Após a morte de Getúlio, em agosto de 1954, e com a posse do seu aliado político Juscelino Kubitschek, em 03 de outubro, o Brasil entraria em outro estágio de desenvolvimento econômico e social. As estruturas do trabalhismo brasileiros seriam substituídas pelo liberalismo do mineiro de Diamantina, com seus grandes planos: como a construção de Brasília, as auto estradas, entre outros signos importantes da nova modernidade pretendida.

Os clubes operários, de caráter local, aparentemente já não interessavam mais tanto as elites brasileiras. Minas Gerais vai observar um declínio profundo no futebol de origem operária. Além do Villa Nova perder o patrocínio, verbas e entrar em crise financeira; aqueles outros times que tinham a mesma origem estavam agonizando, ou desapareceriam ao longo da década de 1960, como o Esporte Clube Siderúrgica, o Metaluzina Esporte Clube, entre outros.

Entretanto, com exceção do título em 1964, que significou apenas um último esforço dos torcedores e da comunidade local, após o ano de 1965, o Esporte Clube Siderúrgica não mais jogaria o Campeonato Mineiro da primeira divisão. A Companhia Belgo Mineira também havia retirado seu patrocínio. Com a retirada do apoio financeiro, todo o projeto mineiro de financiamento de clubes de origem operária entra em franca decadência.

São diversas as notícias de dificuldades financeiras desses clubes, apelos à ajuda de seus torcedores, num rosário de lamentações que perdura por todo o final da década de 1950 e início da década de 1960. Com o nosso Alvirrubro novalimense não foi diferente.

Mas o Villa, mesmo com todas as dificuldades continuou sua trajetória. Não mais era badalado pela imprensa, seus torcedores resumiam-se aos torcedores de Nova Lima apaixonados, que abraçaram o clube de futebol da sua cidade. Seu último grande feito foi o campeonato brasileiro da segunda divisão, em 1971. (FREITAS, 2008)

Atualmente o Villa está participando da série D do campeonato brasileiro¹¹⁷, e também disputa o módulo I do campeonato Mineiro de futebol¹¹⁸

117Disponível em - <https://www.cbf.com.br> – acesso: 19/10/2017

118Disponível em - <http://fmf.com.br> – acesso: 19/10/2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS: À GUIA DE CONCLUSÕES

Uma das experiências mais interessantes que tive a oportunidade de vivenciar nesses anos de estudos, desde a graduação, foi mergulhar nos arquivos relativos ao *Villa Nova Athletic Club*. O tema apresenta-se como imensamente rico, e com diversas dimensões a serem exploradas. Todavia, acaba-se olhando com mais atenção para aquilo que nos é caro, que encontra eco na nossa alma.

Dessa forma, não consegui estudar o Leão do Bonfim sem também me incomodar profundamente pela enorme precariedade das condições de trabalho que os operários da mina de Morro Velho possuíam. Me pareceu falso, aéreo e leviano, não abordar as questões dos inúmeros acidentes e as terríveis doenças advindas da forma como a empresa inglesa Saint John Del Rey submetia os seus operários. Desde as primeiras fontes coletadas, nunca deixei de me agastar com a quase óbvia estratégia de pacificar aquela população sofrida.

Dessa forma, o encanto inicial por dar voz a um time de futebol de origem operária e contar suas histórias foi sendo completada pela crescente indignação de um sindicalista e comunista. A dor que observei nas notícias de jornal, a cada movimentação grevista, a cada desmoronamento das galerias da mina de Morro Velho, a tristeza das famílias que haviam perdido seu pai ou companheiro, ou que se ocupavam do seu penoso tratamento por doenças advindas do ambiente de trabalho, passaram a ser a minha dor também. E não creio que isso tenha interferido neste trabalho.

Por fim, entendi que o time operário, as condições de trabalho e as estratégias de controle dos corpos desses trabalhadores faziam parte de uma tríade indissociável. Perder de vista um dos três aspectos, seria ferir de morte o objeto proposto. Então, a escolha feita foi por tratar desse conjunto de categorias, mesmo com o risco de não me aprofundar necessariamente em nenhuma dessas dimensões.

Optei também por fazer um caminho inverso aos procedimentos metodológicos em que fui formado como historiador. O meu orientador me provocou a inverter o

caminho! Ao invés de criar um enorme arcabouço teórico que supostamente seria utilizado para “saber ler as fontes a contento”, a nova proposta seria mergulhar nas fontes e delas extrair a história a ser contada. Os referenciais teóricos para me ajudar a compreender a trama encontrada deveria se estabelecer em um segundo momento, e na medida em que fosse necessário. E assim foi feito.

Recolhi um significativo conjunto de fontes e me ocupei por muito tempo de construir a trama, em buscar novas fontes, provocadas pelo aparecimento de um personagem interessante (como no caso do *sportman* Castor Cifuentes), ou das movimentações sindicais, absolutamente significativas para a compreensão e afirmação desta tese. Com isso, o tempo para uma boa revisão bibliográfica ficou um pouco prejudicado. Entretanto, confesso que, verdadeiramente estou convencido do método. Sem isso, não poderia constituir a trama como foi apresentada.

Sempre fui um apaixonado por futebol e acreditei que essa seria uma ótima oportunidade de mudar de tema, estudar coisas novas, novos períodos, entre outras questões. No entanto, quanto mais buscava fontes a respeito do Clube, mais encontrava outras duas dimensões do fenômeno que não haviam sido vislumbradas inicialmente. As condições de trabalho na mina de Morro Velho, o sindicato dos operários da mina e suas movimentações políticas, assim como a política Varguista em sintonia com as estratégias da *Saint John Del Rey Mining Company Limited* de controle dos corpos dos seus trabalhadores, foram um desafio à parte.

Sendo assim, mesmo para esses novos desafios, muitos outros documentos foram encontrados. Vou elencar os principais para terminar de detalhar o desenho de pesquisa que estabeleci.

Além dos livros já indicados na apresentação desta tese: *Mina de Morro Velho: a extração do homem*, da Prof^a Yonne de Souza Grossi, e do livro do memorialista Wagner Augusto Álvares de Freitas, *Villa Nova: 100 anos de glória em vermelho e branco*, a obra de leitura absolutamente deliciosa: *Futebol no embalo da nostalgia*, de Plínio Barreto, foi um dos grandes achados desta pesquisa. O livro de Lira Neto, *Getúlio (1930-1945): do governo provisório à ditadura do Estado Novo*, apresentou-se como essencial para me ajudar a capturar o clima político de época e perceber

que na região central de Minas Gerais ocorriam fenômenos muito semelhantes com o restante do País, em consequência da forte política Varguista.

Utilizei como principais fontes para a narrativa histórica os periódicos mineiros e cariocas disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, assim como o acervo precioso da Coleção Linhares, também disponível digitalmente. Em ambos os arquivos, o conforto de poder consultá-los de casa, ou da Universidade nos poucos horários vagos, foi importantíssimo. Sem este recurso digital, eu não teria conseguido reunir os documentos necessários para a tarefa proposta.

Inicialmente, na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital, procurava pelo Villa apenas nos jornais de Minas Gerais. Qual foi minha surpresa ao perceber que os jornais do Rio de Janeiro possuíam mais informações, e muito mais qualificadas que os periódicos mineiros. Minhas impressões foram explicadas e corroboradas no livro *O Fiel da balança*.

A dissertação *Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube*, da pesquisadora Daniela Alves da Silva, também me ajudou a perceber que iria encontrar pouca coisa na cidade de Nova Lima. O que se confirmou com algumas visitas minhas a terra do Ouro, que atualmente está repleta de condomínios de alto luxo. Além do alerta para a escassez de fontes em Nova Lima, a dissertação acaba caindo na armadilha da qual eu havia me afastado. A autora fez uma elaboração teórica no primeiro capítulo, mas a partir daí, quando foi necessário encontrar os documentos para construir a trama da história, a pesquisadora ficou desamparada. Mesmo assim, suas elaborações e poucos achados foram significativos para este trabalho.

Além disso, as leituras dos marxistas José Paulo Netto e Eric Hobsbawm, ajudaram-me a pensar o objeto tentando captar qual seria a análise concreta daquela realidade vivida. Como e quando o Villa Nova deixou de ser instrumento de controle dos corpos e se tornou um símbolo de autoestima para os operários, fortalecendo a disposição dos mesmos, numa análise dialética? Onde estava presente a luta de classe, e quando a diversão do espetáculo futebolístico se apresentava de forma

descompromissada? Perguntas desafiadoras que tentei responder ao longo deste texto, mesmo que parcialmente.

Destarte, conclui que o Villa Nova, assim como outros tantos clubes operários surgidos/criados nas décadas de 1930 e 1940, foram expressões de uma estratégia de controle dos corpos dos operários de suas empresas patrocinadoras. No caso do Leão do Bonfim, a *Saint John Del Rey* esforçou-se em dar todas as condições para a execução da política burguesa de relacionamento com os trabalhadores, neste período. Relacionamento este que envolvia também toda a população da pequena Nova Lima.

Provavelmente a multinacional inglesa cumpriu à risca a cartilha também implementada em outros locais do mundo, ao lado da exploração britânica das riquezas locais e de sua população pobre. Mas isto é tarefa para outros estudos, que dada a magnitude, precisam de cooperação internacional.

O fenômeno de criação de clubes operários, de forma geral, também deve ser melhor analisado. Achei um número considerável de fontes a respeito disto, mas não utilizei para não me afastar do objeto proposto – O Villa Nova. Entretanto, penso que este estudo possa contribuir significativamente para compreender melhor este fenômeno.

Nesse sentido, as políticas do governo de Getúlio Vargas também merecem ser observadas com mais cuidado. Não se trata aqui apenas de contextualização ou de simples transposição das ações em nível nacional para o nível estadual ou local. Muitas das fontes exploradas nesse estudo corroboraram com as intencionalidades do Estado Novo. Portanto, para futuros estudos a respeito dos clubes de origem operária, o aprofundamento nos aspectos sociais e políticos do Estado Novo tornam-se imperiosos.

Por fim, entendo que o futebol é um fenômeno realmente fascinante, dada todas as possibilidades de pesquisa e compreensão da realidade social brasileira. Historicamente, com as fontes que consegui reunir, realizei esta tarefa. Que outros pesquisadores, em outros momentos, com novas fontes, continuem a explorar esse

fenômeno esportivo que, mesmo sendo de origem inglesa, tornou-se uma das mais importantes práticas corporais do nosso País.

REFERÊNCIAS

Arquivos digitais

1 Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira
Disponível em - <http://memoria.bn.br>

1.1 Periódicos consultados

1.1.1 Rio de Janeiro

- A Cigarra
- A noite
- Correio da Manhã
- Diário carioca
- Diário da Noite
- Esporte Ilustrado
- Gazeta de Notícias
- Jornal do Brasil
- Jornal do Commercio
- Jornal dos Sports
- O Globo Esportivo
- O Jornal
- Revista da semana

1.1.2 São Paulo

- O Mundo Esportivo

1.1.3 Minas Gerais

- Correio da Semana (Conselheiro Lafaiete)
- Correio de Uberlândia (Uberlândia)
- Gazeta de Paraopeba (Paraopeba)
- Jornal de Queluz (Queluz)
- Jornal Lavoura e Commercio (Uberaba)
- Lar Catholico (Belo Horizonte)
- Minas Gerais (Belo Horizonte)
- O Pharol (Juiz de Fora)
- O Repórter (Uberlândia)

2 Coleção Linhares – Biblioteca Central da UFMG
Disponível em - <http://linhares.eci.ufmg.br>

2.1 Periódicos consultados

- O Acadêmico

- O Chronista
- Correio da tarde
- Correio do Dia
- Correio dos estudantes
- O Debate
- Diário da Tarde
- Diário de Minas
- Diário Esportivo
- O Diário
- O Esporte
- Estado Novo
- Folha da Tarde
- Folha de Minas
- Folha do Dia
- Folha Esportiva
- Fuzarca
- Gazeta da Floresta
- Gazeta Mineira
- Goal!
- O Chronista
- O Facho
- O Foot-Ball

3 Museu Histórico Abílio Barreto – MHAB

4 Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa

4.1 Periódicos consultados

- Diário da Tarde
- Estado de Minas

Artigos e livros

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; MINA, Renan Vidal. **Companhia Paulista e paternalismo: Reflexos no futebol de Rio Claro, SP.** *in*: Revista Digital. Buenos Aires - Año 20 - Nº 205 - Junio de 2015. Disponível em - <http://www.efdeportes.com/>

ÁLVARES DE FREITAS, Wagner Augusto. **Villa Nova: 100 anos de glória em vermelho e branco.** Belo Horizonte: edição do autor, 2008.

ALVES, Débora Bendocchi. **Ernst Hasenclever em Gongo-Soco: exploração inglesa nas minas de ouro em Minas Gerais no século XIX**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos: Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/>

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**. *in*: Revista Lua Nova. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br> – acesso: 25/10/2017

ANDRADE, Carlos Drummond. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014

ANTUNES, Fátima Martin Ferreira. **O futebol nas fábricas**. *in*: Revista USP. n. 22, 1994.

ARAÚJO, João Raimundo. **Nova Friburgo: A construção do mito da Suíça Brasileira**. UFF: Niterói, 2003. Dissertação de mestrado

BARRETO, Plínio. **Futebol: no embalo da Nostalgia**. Belo Horizonte: Editora Edwiges, 1950

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. *In*: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232. (Obras escolhidas, v. I)

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

BOJUNGA, Claudio. **JK: O Artista do Impossível**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

BURTON, Richard Francis. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

CALDEIRA, Jorge. **Mauá: empresário do império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, Marta M. C. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CASTRO, Nadya Araújo. **Trabalho, cultura e sociedade: reflexão do conceito de “cultura operária”**. *in*: Política e Trabalho, nº 13, 1997. Disponível - <http://periodicos.ufpb.br> – acesso: 23/04/2015

CERTEAU, Michel. **A operação Histórica**. *in*: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (org.) *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

COLVERO, Ronaldo Bernardino; TAVARES, Davi Kiermes. **Ingleses no Brasil: estilo de viver, estilo de morrer.** *in*: Anais do XV Seminário de História da Arte. Centro de Artes/UFPel. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/> - acesso: 24/10/2017

CORBIN, Alain (org.). **A História dos Tempos Livres.** Lisboa: Editorial teorema, 2001.

CORRÊA, Denise Aparecida. **Os Governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física Escolar no Estado de São Paulo: Lembranças de Velhos Professores.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2009. (tese de doutorado). Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br>

COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Nações em Jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

COUTO, Ebenézer Pereira; COSTA, Armando Dalla. **Trajetória histórica da empresa mineração Morro Velho.** Disponível em: <http://www.abphe.org.br/arquivos>. 2003. Acesso em: 02/10/2016

DE ROSE JUNIOR, Dante; SIGOLI Mário André. **A história do uso político do esporte.** *in*: Revista Brasileira Ciência e Movimento. Universidade católica de Brasília: Brasília, 2004. v. 12 n. 2 p. 111-119 – Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/> - Acesso: 18/04/2016

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; SCHUFFNER, Luciana Silva. **Esporte, Trabalho e Juventude no Estado Novo: O Caso do Minas Tênis Clube.** *in*: Locus - Revista de História. UFJF: Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/> - Acesso: 20/11/2016

DIAS, Fábio Martins. **A estadia do imperador D. Pedro II na mina de Morro Velho e o espetáculo público da realeza (1881).** Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte, 2012. (monografia)

DIAS, Edmundo Fernandes; BOSI, António de Pádua. **Estado, capital, trabalho e organização sindical: a (re)construção das classes trabalhadoras no Brasil.** *in*: REVISTA OUTUBRO, nº12, 2005. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br> – acesso: 21/05/2015

DRUMOND, Maurício. **Estado Novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930 – 1945).** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014

FERREIRA NETO, Amarílio. **A pedagogia no exército e na escola: a Educação Física Brasileira (1880-1950).** Aracruz: FACHA, 1999.

FREITAS, Wagner Augusto Álvares de. **Villa Nova: 100 anos de glória em vermelho e branco.** Belo Horizonte: Edição do autor, 2008.

FURTADO, Cristiane Silva. **Tecendo as Redes do Paternalismo Lazer e Identidade entre os trabalhadores da fábrica Paracambi (1874-1918)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012. (Dissertação de mestrado)

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. *in*: Cadernos de Formação RBCE, p. 71-83, mar. 2010

GOIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo R.. **A educação física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretação histórica da educação física brasileira dos anos de 1930**. *In*: Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto, v. 5, n. 3, set. 2005

GOMES, Christianne Luce. **Lazer e descanso**. Seminário Lazer em debate, 9, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazerdebate/anais-christianne.pdf.pdf>>. Acesso em 07/08/08.

GROSSI, Yonne de Souza. **Mina de Morro Velho: a extração do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GUIMARÃES, Euclides. **Esboço Para Uma Teoria do Lazer em Bakhtin**. Revista Licere: Belo Horizonte. V.6, N.1, p.119-137, 2003.

GUIMARÃES, Gustavo Uchôas. **Um breve histórico da dominação cultural**. *In*: Web Artigos, 2014. Disponível em: <http://www.webartigos.com> – acesso em: 13/02/2017

KANITZ, Roberto Camargos Malcher. **Capoeira Angola na favela: juventudes, sentidos e redes sociais**. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 2003. [dissertação de mestrado]

LAGE, Marcus Vinícius Costa. **Análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2013 (dissertação de mestrado)

LAGE, Marcus Vinícius Costa; MEDEIROS, Regina de Paula. **Aspectos sociológicos da profissionalização do futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930**. *in*: Revista Esporte e Sociedade. ano 9. n 23. Rio de Janeiro: UFF, 2014. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade> – acesso: 03/03/2016

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. *in*: INCICLOPÉDIA EINALDI, 1. *Memória - História*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997.

_____. Prefácio. *In*: BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

LINHALES, Meily Asbú. **A escola e o esporte: uma história de práticas culturais**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

LOPES, Elaine Marta Teixeira. **História da Educação**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa**. *in*: BRUHNS, Heloísa T. *O corpo e o lúdico*. Campinas: Autores Associados, 2000.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto & NETO, Georgino Jorge de Souza. **Victor Serpa e a “Mania do Foot-Ball”: O mito fundador do esporte bretão na cidade de belo horizonte/mg (1904-1905)**. *Revista Podium Sport, Leisure and Tourism Review*. Vol. 3, N. 1. Janeiro/Junho. 2014

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

_____. **Corpos, bicicleta e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX**. *In*: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade (org.). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

MIGUEL, Luis Felipe. **Em Torno do Conceito de Mito Político**. *In*: *Revista Dados*. Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, 1998. *Disponível em*: <http://www.scielo.br/scielo.php>

MILLS, John Robert. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. **O futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930: As partidas e diversões, os sururus e outras tramas**. *in*: *Recorde Revista de História do Esporte*. v. 04. n. 01, 2011.

MORENO, Andrea; ROSA, Maria Cristina; SEGANTINI, Verona Campos. **O GTT Memórias da Educação Física e do Esporte do CBCE: uma análise a partir das práticas e da produção (1989-2005)**. In: CARVALHO, Yara M; LINHALES, Meily Assbú (orgs.). Política Científica e produção do conhecimento m Educação Física. Goiânia: CBCE, 2007.

MORIN, Edgar. **Articular os Saberes**. In: ALVES, Nilda & GARCIA, Regina Leite (orgs.) O Sentido da Escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007. 3ª ed.

NETO, Lira. **Getúlio (1930-1945): Do governo provisório à ditadura do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

NETTO, José Paulo. **Economia Política: Uma Introdução Crítica**. São Paulo: Cortez, 2012

_____. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NUNES, Clarice. **Ensino e historiografia da educação: problematização de uma hipótese**. in: Revista Brasileira de Educação. n.1. Rio de Janeiro, 1996.

PAGNI, Pedro Ângelo. **História da Educação Física no Brasil**. In: FERREIRA NETO; GOELNER; BRACHT (orgs.) As Ciências do Esporte no Brasil. Campinas: Autores Associados, 1995.

PAIVA, Carlos. **Enciclopédia do América MG: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão**. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012.

PARADA, Maurício. **Corpo e Poder: a criação do Departamento de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde (1937/1945)**. in: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. ANPUH: Londrina, 2005. Disponível - <http://anais.anpuh.org> – acesso: 23/04/2014

PINTO, Aline Santos. **A pesquisa em periódicos do século XIX - estudos de formação artística**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Campinas: UNICAMP, 1998. (tese)

POTER, Roy. **Os Ingleses e o Lazer**. In: CORBIN, Alain (org.). A História dos Tempos Livres. Lisboa: Editorial teorema, 2001.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Figuras do Movimento Operário: Willian Dias Gomes**. In: Problemas - Revista Mensal de Cultura Política. nº 21. Outubro de 1949. disponível em: <https://www.marxists.org/>

RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas. **Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo: Tecendo os fios da história de um “casamento feliz”**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. (dissertação de mestrado)

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Brasil: futebol e identidade nacional**. in: Revista Digital - Buenos Aires – Año 8 - Nº 56, 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

RIBEIRO, Rafael R. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007. [Dissertação de mestrado]

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre a História**. São Paulo, Cia. das Letras, 1998

_____. **Os Trabalhadores: estudo sobre a história do operariado**. São Paulo: Paz e terra, 2015

_____. **Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre a história operária**. São Paulo: Paz e terra, 2015

HOBSBAWM, Eric J; RANGER, Terence (org). **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2015

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894- 1920)**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006. [tese de Doutorado]

_____. **Constituição do sentido moderno de esporte: pelas trilhas históricas do Minas Tênis Clube**. Escola de Educação Física/UFMG, 1996. [dissertação de mestrado]

SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo Buona Gente?**. USP: São Paulo, 2007. [tese]. Disponível em <<http://www.ludopedio.com.br>> acesso: 14/09/2017

SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol**. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: FGV, 2012. Dissertação (mestrado)

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. **A Construção de Histórias do Futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões**. in: Revista Tempo. Vol. 17. N. 34. Dossiê: Uma história do esporte para um país esportivo, 2012.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. **Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910)**. *in*: Recorde: Revista de História do Esporte. v. 06. n. 01, 2013

SCHUELER, Alessandra; SOUTHWELL, Myrian. **Formação do Estado Nacional e Constituição de Corpos Docentes (1820-2000): Profissionalização da Docência no Brasil e na Argentina em Perspectiva Comparada**. *In*: VIDAL, Diana; SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, metrópoles e desastrosos**. *In*: Revista USP. n. 22, 1994.

SILVA, Daniela Alves da. **Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube**. Belo Horizonte, UFMG, 2007 (dissertação de mestrado)

SOARES, Carmen L. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

STÉDILE, Miguel Henrique. **Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação**. Revista Espaço Plural. Ano XIV. Nº 29, 2013

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. **Renovação Historiográfica da Educação Física Brasileira**. *In*: SOARES, Carmen Lúcia. Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação. Campinas: Autores Associados, 2007.

TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira; VOTRE, Sebastião Josué. **Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do derby**. *In*: Rev Bras Ciênc Esporte, 2015. vol. 37 – disponível em - <http://www.scielo.br>

TEVES, Nilda. **Imaginário social, identidades e memória**. *In*: FERREIRA, Lucia M. A. & ORRICO, Evelyn G. D. Linguagem, identidade e memória social (org). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VAGO, Tarcício Mauro. **Cultura Escolar, Cultivo de Corpos: Educação Física e Gymnastica como Práticas constitutivas dos Corpos de Criança no Ensino Público Primário de Belo Horizonte**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2002.

VIGARELLO, Georges. **O Tempo do Desporto**. *In*: CORBIN, Alain (org.). A História dos Tempos Livres. Lisboa: Editorial teorema, 2001.

WARDE, Mirian Jorge. **Questões Teóricas e de Método: a História da Educação nos Marcos de uma História das Disciplinas**. *In*: SALVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis (orgs.) História e História da Educação. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 1998.

WIRTH, Jonh D. O Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1982.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZEMELMAN, Hugo. **Sujeito e sentido: considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.